UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Mestrado Profissional em Letras

Nilson Antônio da Silva

A TEATRALIDADE NA POESIA DE ADÉLIA PRADO:
uma proposta de trabalho em sala de aula

Belo Horizonte
2025

Nilson Antônio da Silva

A TEATRALIDADE NA POESIA DE ADÉLIA PRADO:
uma proposta de trabalho em sala de aula

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Professor Doutor Evaldo Balbino

Belo Horizonte

2025

Silva, Nilson Antônio da.
S586t A teatralidade na poesia de Adélia Prado [manuscrito] : uma proposta de trabalho em sala de aula / Nilson Antônio da Silva. – 2025.
1 recurso online (165 f.: il., fots., color.) : pdf.

Orientador: Evaldo Balbino.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de pesquisa: Estudos Literários.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 134-136.

Anexos: f. 137-165.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Prado, Adélia, 1936- – Teses. 2. Leitura – Métodos de ensino Teses. 3. Criatividade na escrita – Teses. 4. Literatura – Estudo e ensino – Teses. 5. Poesia brasileira – Adaptações para o teatro – Teses. 6. Letramento – Teses. I. Balbino, Evaldo, 1976-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.07

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Priscila Oliveira da Mata - CRB/6- 2706
Biblioteca Professor Rubens Costa Romanelli - FALE/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE NILSON ANTONIO DA SILVA

Às **13:00** horas do dia 23 de maio de 2025, realizou-se online a sessão pública para a defesa da Dissertação de **NILSON ANTONIO DA SILVA,** número de registro **2023687858.** A presidência da sessão coube ao **Prof. Evaldo Balbino da Silva,** orientador. Inicialmente, o presidente fez a apresentação da Comissão Examinadora assim constituída: **Profª. Elaine Amélia Martins** (CEFET-MG), **Profª. Luiza Santana Chaves** (UFMG) e **Prof. Evaldo Balbino da Silva** (UFMG), orientador. Em seguida, o candidato fez a apresentação do trabalho que constitui sua **Dissertação de Mestrado**, intitulada: **"A teatralidade na poesia de Adélia Prado: uma proposta de trabalho em sala de aula".** Seguiu-se a arguição pelos examinadores e, logo após, a Comissão reuniu-se, sem a presença do candidato e do público, demarcando que a dissertação tem tela apresenta maturidade analítico-teórica e uma escrita escorreita e de acordo com as normas da ABNT. Por fim, na mesma reunião, a banca decidiu considerar **aprovada** a Dissertação de Mestrado. O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo presidente da Comissão.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 23 de maio de 2025.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Documento assinado eletronicamente por **Evaldo Balbino da Silva**, **Diretor(a) de centro**, em 03/06/2025, às 12:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Luiza Santana Chaves Miconi Ferreira**, **Coordenador(a)**, em 03/06/2025, às 14:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Elaine Amélia Martins**, **Usuário Externo**, em 04/06/2025, às 14:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4137464** e o código CRC **0E365636**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

A TEATRALIDADE NA POESIA DE ADÉLIA PRADO: UMA PROPOSTA DE TRABALHO EM SALA DE AULA

NILSON ANTONIO DA SILVA

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia **23 de maio de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do grau de **Mestre em LETRAS**, área de concentração **LINGUAGENS E LETRAMENTOS**, constituída pelos seguintes professores:

Profª. Elaine Amélia Martins

CEFET/MG

Profª. Luiza Santana Chaves

UFMG

Prof. Evaldo Balbino da Silva - Orientador

UFMG

Belo Horizonte, 23 de maio de 2025.

Documento assinado eletronicamente por **Evaldo Balbino da Silva**, **Diretor(a) de centro**, em 03/06/2025, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Luiza Santana Chaves Miconi Ferreira**, **Coordenador(a)**, em 03/06/2025, às 14:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Elaine Amélia Martins**, **Usuário Externo**, em 04/06/2025, às 14:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4137506** e o código CRC **119CF771**.

Referência: Processo nº 23072.224130/2025-54 SEI nº 4137506

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é a bagagem que venho carregando desde muito longe, lonjura tanto no tempo quanto no espaço. Algumas vezes, o peso foi maior sobre os ombros, a caminhada foi mais árdua sobre o chão da perseverança; outras, contudo, talvez porque era suave o terreno e refrescante a brisa, o peso se desfez e tão leve foi que parecia nem ter tantas coisas na mala. E nesse caminhar que descansa quando é preciso, que sabe a hora de dar um tempo e a hora de insistir nas subidas e descidas, é preciso recordar de quem caminhou comigo, conversando ou oferecendo um cafezinho que desse vigor.

Primeiramente, agradeço a Deus, quem comigo andou desde o começo; sábio porque isso é de sua natureza e essência, muitas vezes esteve adiante de mim, muitas vezes estava lado a lado, e muitas vezes me deixou ir adiante para que eu não caísse no comodismo ou no horror de me entregar ao desânimo.

Agradeço aos meus familiares e amigos próximos que, no que lhes foi possível, estiveram comigo em momentos necessários e importantes. Sou grato à direção e à vice-direção da Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão, as quais tantas vezes prepararam as condições para que eu seguisse sempre em frente nesta caminhada. E também às professoras e bibliotecária – amigas fraternas – cuja amizade e incentivo sempre foram presença marcante enquanto eu caminhava. Meus agradecimentos também aos amigos da Escola Estadual Virgínio Perillo.

Deixo meus agradecimentos aos estudantes da turma do 9º ano I de 2024 que, com tanto carinho, abraçaram esta proposta e subiram ao palco para brilharem como astros e estrelas que são. E nunca vou me esquecer dos estudantes da turma do 9º ano IV, do ano de 2023, que tanto queriam participar de todas as atividades do mestrado, as quais então ainda residiam apenas no mundo das ideias, pois eles nunca cessaram de sempre saber como eu estava indo.

Aos amigos, amigas e colegas da turma 2023/2024 do mestrado e aos professores e professoras do Profletras, cuja companhia foi sempre muito agradável e prazerosa, de coração deixo minhas palavras de gratidão, e também sou grato aos membros da banca cujas palavras gentis e incentivadoras foram cruciais para o aperfeiçoamento e para a concretização deste trabalho. Ao meu orientador, Evaldo Balbino, a quem agradeço imensamente pela solicitude constante e pelo apoio, e por ter acreditado em meu projeto. Gratidão!

“All the world’s a stage,
and all the men and women merely players.
They have their exits and their entrances,
and one man in his time plays many parts.”
William Shakespeare, *As you like it*, p. 83.

RESUMO

Este estudo considera a poesia como parte da vida humana e a escola como o ambiente que proporciona aos estudantes o contato mais direto e constante com textos literários, dentre os quais se destacam os poemas de Adélia Prado, natural de Divinópolis, Minas Gerais. Sua poesia possui possibilidades de trabalho em sala de aula que vão da leitura à teatralidade e, assim, a proposta de trabalho em sala de aula envolveu a leitura e o estudo de dez de seus poemas e sua retextualização do gênero literário lírico para o gênero literário dramático, culminando em uma apresentação no palco baseada em um roteiro escrito pelos alunos de uma turma do 9º ano da Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão, localizada em Santo Antônio do Monte, Minas Gerais. No decorrer da aplicação da proposta, houve a participação ativa dos estudantes nas atividades de leitura dos poemas e na discussão das questões referentes a cada poema lido. Posteriormente à leitura, os estudantes produziram seus próprios textos nos gêneros textuais poema, roteiro de teatro e relato pessoal. Eles também organizaram e apresentaram uma peça baseada na teatralidade presente nos poemas estudados. A proposta de trabalho em sala de aula foi fundamentada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) no que tange a aspectos voltados para a literatura e para a leitura e escrita, bem como também embasada nos estudos de Aguiar e Silva (2007), Bakhtin (1997), Balbino (2003), Benfica (2014), Candido (2011), Cara (1989), Cosson (2022), Cunha (2014), Goldstein (2011), Massi (2015), Osakabe (2005), Paulino (2005), Rojo (2014), Souza (2007) e Zumthor (2018).

Palavras-chave: Literatura; Adélia Prado; Poesia; Leitura; Escrita; Retextualização; Teatralidade.

ABSTRACT

This study considers poetry as an integral part of human life and the school as the environment that provides students with the most direct and constant contact with literary texts, notably the poems of Adélia Prado from Divinópolis, Minas Gerais. Her poetry offers a range of classroom activities, from reading to theatrical performances. The classroom proposal involved reading and studying ten of her poems and adapting them from the lyric genre to the dramatic genre, culminating in a stage presentation based on a script written by 9th-grade students of Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão, located in Santo Antônio do Monte, Minas Gerais. During the implementation of the proposal, the students actively participated in reading the poems and discussing related issues. Subsequently, they produced their own texts in various genres, including poetry, theater scripts, and personal narratives. Additionally, they organized and presented a play based on the theatrical elements found in the studied poems. The classroom proposal was based in the Base Nacional Comum Curricular (BNCC) and in the Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), with a focus on literature, reading, and writing. It was also supported by the studies of Aguiar e Silva (2007), Bakhtin (1997), Balbino (2003), Benfica (2014), Candido (2011), Cara (1989), Cosson (2022), Cunha (2014), Goldstein (2011), Massi (2015), Osakabe (2005), Paulino (2005), Rojo (2014), Souza (2007), and Zumthor (2018).

Keywords: Literature; Adélia Prado; Poetry; Reading; Writing; Retextualization; Theatricality.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Adélia Prado 49
Fotografia 2: Atividades de leitura 155
Fotografia 3: Atividades de leitura 155
Fotografia 4: Atividades de leitura 156
Fotografia 5: Atividades de escrita 156
Fotografia 6: Atividades de escrita 157
Fotografia 7: Atividades de escrita 157
Fotografia 8: Atividades de escrita 158
Fotografia 9: Ensaio para a encenação 158
Fotografia 10: Encenação 159
Fotografia 11: Encenação 159
Fotografia 12: Encenação 159
Fotografia 13: Encenação 160
Fotografia 14: Encenação 160

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular
CEFET-MG: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CEP: Conselho de Ética em Pesquisa
CNE: Conselho Nacional de Educação
CNS: Conselho Nacional de Saúde
CRMG: Currículo Referência de Minas Gerais
ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio
FUNEDI: Fundação Educacional de Divinópolis
IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH: Índice de Desenvolvimento Humano
ISED: Instituto Superior de Educação de Divinópolis
km²: quilômetro quadrado
PIB: Produto Interno Bruto
PROFLETRAS: Mestrado Profissional em Letras
PROUNI: Programa Universidade Para Todos
TALE: Termo de Assentimento Livre Esclarecido
TCLE: Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UEMG: Universidade do Estado de Minas Gerais
UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais
UFPI: Universidade Federal do Piauí
UFSJ: Universidade Federal de São João Del Rey
UNIFENAS: Universidade Professor Edson Antônio Velano
UNIFOR-MG: Centro Universitário de Formiga
UNOPAR: Universidade do Norte do Paraná
UPA: Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
CAPÍTULO 1: BAGAGEM 18
1.1 Lidando com as palavras 18
1.2 Conhecendo a literatura na escola 24
1.3 Conhecendo os gêneros literários 36
CAPÍTULO 2: CAMINHADA 52
2.1 Era uma vez no oeste de Minas 52
2.2 Apresentando Adélia Prado 63
2.3 Da sala de aula para o palco teatral 85
CAPÍTULO 3: CHEGADA 100
3.1 Escrevendo versos 105
3.2 Escrevendo um roteiro 117
3.3 Escrevendo relatos pessoais 122
CONSIDERAÇÕES FINAIS 130
REFERÊNCIAS 134
ANEXOS 137
ANEXO 1 – Poemas de Adélia Prado 137
ANEXO 2 – Poemas escritos pelos estudantes 146
ANEXO 3 – Registro fotográfico das atividades 155
ANEXO 4 – Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) 161
ANEXO 5 – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) 163
ANEXO 6 – Carta de Anuência 165

INTRODUÇÃO

> "A literatura tem a ver com o que cada um de nós deseja da vida, uma vez que entra numa relação íntima com a nossa existência concreta, com as suas tensões essenciais, com os seus desejos e os seus significados."
> Papa Francisco, *Carta do Santo Padre Francisco sobre o papel da literatura na educação*, p.2.

Desde os tempos mais remotos, a poesia tem estado presente na literatura e, no caso deste nosso trabalho, nas literaturas ocidentais, porque é para o seio delas que lançamos por ora nosso olhar. A literatura, tanto em prosa quanto em versos, é sinal de amadurecimento social e pessoal. Pensamento este corroborado por palavras as quais, casual ou providencialmente, chegaram a mim ao ler uma carta do Papa Francisco (2024), dirigida inicialmente à formação de sacerdotes, mas que podem ser aplicadas indistintamente ao ensino de maneira geral. Nessa carta, o Pontífice Romano trata justamente sobre a importância da literatura e, além disso, propõe que se incentive o amor pela leitura, uma vez que é preciso reconhecer "o valor da leitura de romances e poemas no caminho do amadurecimento pessoal" (Francisco, 2024, p. 10), pois "a palavra literária é uma palavra que põe a linguagem em movimento, liberta-a e purifica-a; abre-a, por fim, às suas ulteriores possibilidades expressivas e exploratórias, torna-a hospitaleira à Palavra que vem habitar na palavra humana..." (Francisco, 2024, p. 10).

Ao aludir à palavra literária, cabe uma breve lembrança da poesia grega e latina as quais, durante séculos, foram o modelo seguido e cultivado em muitas línguas europeias, especialmente as latinas. Cantigas medievais ibéricas em galego-português, poesia barroca e árcade produzida tanto em Portugal quanto no Brasil e, no decorrer dos séculos XIX e XX, os poemas dos autores românticos e modernistas – tudo isso são exemplos da presença marcante da poesia cultivada pelos falantes de português ao longo dos séculos. Isso ocorre, certamente, porque "uma obra literária é, portanto, um texto vivo e sempre fértil, capaz de falar de novo e de muitas maneiras, capaz de produzir uma síntese original com cada leitor que encontra" (Francisco, 2024, p. 1).

Assim, entendemos que a literatura, e mais especificamente a poesia, faz parte da vida humana nos mais diversos contextos sociais, tanto em nossa época quanto fez em tempos passados. Vivemos em contato com manifestações poéticas em livros, em canções, em textos, em diálogos do cinema, da televisão e do teatro, em declarações de amor ou de amizade divulgadas nas redes sociais e de tantos outros modos dos quais, muitas vezes, nem nos

damos conta. Embora muitos possam pensar que poesia é algo restrito aos livros, geralmente livros didáticos, podemos perceber que, ao voltar nosso olhar para a imensa e difusa massa de informações midiáticas com que temos contato cotidianamente, encontramos a manifestação da poesia viva e vivida pelas pessoas nos mais variados contextos.

Aquela canção carregada de sentimentos que nos fala ao coração e nos traz lembranças, boas ou melancólicas, e também aquelas quadrinhas antigas que cantávamos quando crianças, e ainda tantas cantigas cantadas em diversas manifestações culturais país afora, tudo isso traz consigo poesia como manifestação literária já que, conforme Walty (1994, p. 85), "a poesia nasce com o povo, como parte de suas atividades diárias" desde tempos imemoriais.

Assim, por ser uma manifestação que nasce com o povo e é parte de seu dia a dia, podemos entender que a poesia deve e precisa ser conhecida e reconhecida como algo intrínseco à sua identidade nos mais variados contextos sociais. Naturalmente que, com o passar do tempo, as manifestações poéticas assumiram identidades próprias, deixando de ser criações coletivas, tendo então adquirido identidade individual, ou seja, passaram a ter uma autoria conhecida. São anônimas muitas cantigas cantadas pelo povo, mas não o são, por exemplo, as canções românticas ou as baladas de *rock* e nem os sonetos de poetas famosos da língua portuguesa.

A escola é um ambiente em que transitam diversos atores sociais provenientes de contextos bastante variados; sendo que, de um lado, há aqueles que cuidam da formação, ou seja, os professores e, de outro lado, os que são formados, isto é, os alunos. Evidentemente, a comunidade escolar não se resume somente a professores e alunos, mas, por ora, interessa-nos voltar nosso olhar mais especificamente para a sala de aula. É na sala de aula que os estudantes têm contato mais constante e mais direto com a literatura e, por conseguinte, com a poesia. A presença de textos literários e de poemas em atividades didáticas é algo corriqueiro para eles. Contudo, é preciso considerar que a simples presença de um poema em uma atividade didática não é o suficiente para que conheçam com maior profundidade a obra de um determinado autor.

Ao se falar de literatura brasileira, cabe lembrar a produção literária de tantos poetas mineiros, desde os árcades até os modernistas, cujos nomes vão de Tomás Antônio Gonzaga a Carlos Drummond de Andrade. Dentre tantos, destaca-se contemporaneamente a poeta Adélia Prado, que teve seu primeiro livro lançado em 1976, *Bagagem*, o qual recebeu elogios de Carlos

Drummond de Andrade.[1] Dessa obra solo debutante, selecionamos para nossa proposta de trabalho em sala de aula os poemas "Tabaréu", "Amor feinho", "A serenata", "O sempre amor", "Os lugares comuns", "Briga no beco", "Um jeito" e "Momento".

Alguns anos mais tarde, em 1981, Adélia Prado publicou seu terceiro livro de poesias, que tem o título de *Terra de Santa Cruz*, e do qual selecionamos o poema "Casamento" para compor parte deste nosso trabalho. Esse poema pareceu-nos adequado porque, a nosso ver, dialoga com os demais poemas selecionados de *Bagagem*, nos termos temáticos que nos propomos buscar aqui, ao tratar do relacionamento amoroso entre amado e amada e as questões que perpassam esse relacionamento.

Fruto da maturidade literária da poeta, o livro *Oráculos de maio*, publicado em 1999, proporcionou-nos o poema "A diva", o qual se tornou o elo, especialmente neste trabalho, entre o texto literário para leitura em sala de aula e o texto literário para encenação em palco teatral. Esse poema, a começar pelo título, traz referências diretas ao gênero dramático e pareceu-nos que cada verso pede insistentemente que seja dito num palco diante de uma plateia atenta.

Embora exista vasta produção literária poética em nosso país, muitas vezes ocorre de os textos de autores canônicos chegarem à grande maioria das crianças e adolescentes apenas em livros didáticos, de forma fragmentada e em atividades que, geralmente, não têm a finalidade de promover a fruição poética. Pela experiência em docência do sexto ano ao nono ano do ensino fundamental II, tenho percebido que a presença de textos literários poéticos em livros didáticos de língua portuguesa tem se tornado cada vez mais rara, para não dizer praticamente inexistente. Quando se avança para o ensino médio, os livros didáticos costumam ter poemas que exemplificam os estilos literários da história da literatura em língua portuguesa. Em outras palavras, os livros didáticos de Língua Portuguesa, no Ensino Médio, focam predominantemente a história da literária e não o texto literário em si.

Pensando nisso, percebemos que nosso problema de pesquisa é sobre a falta de conhecimento que a maioria dos alunos dos anos finais do ensino fundamental tem da obra de Adélia Prado, considerando a existência de lacunas no que se refere a estratégias didáticas que possam ser

[1] O primeiro livro de Adélia Prado, na verdade, foi lançado em 1969, em parceria com Lázaro Barreto. Trata-se do *Lapinha de Jesus*, com textos religiosos e editado à época pela editora Vozes (BARRETO; PRADO, 1969).

desenvolvidas e aplicadas em sala de aula de forma metodológica para diminuir o desinteresse pela leitura de poesia. Tendo em vista a necessidade de estratégias didáticas voltadas para a fruição literária poética, tivemos por parâmetro a assertiva de que Minas Gerais tem sido um local fecundo na produção literária, e que há uma considerável literatura a qual, no entanto, é pouco conhecida e pouco divulgada em sala de aula.

Adélia Prado, nascida em 13 de dezembro de 1935 em Divinópolis e tendo, nessa cidade, construído sua carreira profissional e produção literária, é pouco conhecida pelos alunos da vizinha Santo Antônio do Monte, a cidade em que trabalhamos e também onde residimos. Em muitas ocasiões em que apresentamos aos estudantes poemas de Adélia Prado, após sua leitura geralmente ficavam surpresos ao saber que se trata de uma autora contemporânea e próxima de suas realidades cotidianas. A poesia de Adélia Prado se mostra, muitas vezes, profundamente próxima da realidade dos estudantes e, assim, eles se sentem identificados ao perceberem que, em muitos poemas dessa autora, percebem traços e vivências que refletem, de forma lírica, histórias da vida de seus familiares próximos e de pessoas com quem possuem laços afetivos.

Assim, nossa proposta de trabalho em sala de aula, contendo um número determinado e exemplificativo de poemas de Adélia Prado, permitiu que os estudantes pudessem conhecer a sua produção literária e, ao final do processo, pudessem levar para o palco esses mesmos poemas os quais, já não mais dispersos ou desconexos, tornaram-se os constituintes de um roteiro de peça de teatro encenada diante de uma plateia composta por alunos e professores. É nesse sentido que consideramos, pois, a relação entre a poesia e o teatro, pois partilhamos o pensamento de Zumthor (2018, p. 57) quando ele afirma que "o texto teatral procede de uma escritura, enquanto sua transmissão requer a voz, o gesto e o cenário; e sua percepção, escuta, visão e identificação das circunstâncias", uma vez que "o modelo teatral, em nossa cultura, *representa* toda poesia, na própria complexidade de sua prática" (Zumthor, 2018, p. 57).

A pergunta básica que procuramos responder é: como desenvolver nos alunos do 9º ano da Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão, da cidade de Santo Antônio do Monte, o conhecimento e a fruição da obra poética de Adélia Prado?

Destarte, buscamos realizar um trabalho que nos conduzisse a termo em que esta indagação pudesse ser elucidada, tendo por fundamento autores como Antonio Candido (2011), Vítor

Manuel de Aguiar e Silva (2007), Roberto Acízelo de Souza (2007), Rildo Cosson (2009), Maria Luiza Ramos (1969), Graça Paulino (2005), Maria Antonieta Antunes Cunha (2014), Mikhail Bakhtin (1997), Roxane Rojo (2014), Norma Goldstein (2011), Salete de Almeida Cara (1989), Haquira Osakabe (2005), Paul Zumthor (2018), Augusto Massi (2015), Maria Flor de Maio Barbosa Benfica (2014) e Evaldo Balbino (2003), bem como as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) no tocante ao ensino de literatura e às práticas de oralidade, de escrita e de leitura.

Além desses referenciais, há breves e pertinentes alusões, diretas ou implícitas, ao Papa Francisco (2024), a Northrop Frye *apud* Aguiar e Silva (2007), a Joaquim Dolz, Michèle Noverraz & Bernard Schneuwly (2004), a Ivete Walty (1994), a Fernanda Montenegro *apud* Massi (2015), a Marcuschi (2008) e a Thadeu Menezes Pinto (2021), as quais, moderadamente, contribuem para esclarecimentos pontuais relevantes ao contexto. E, para acompanhar Adélia Prado nessa caminhada em sala de aula, fazem-lhe companhia Cassiano Ricardo (s/d), Bertolt Brecht (1976), Adélia Nicolete (2017) e Ariano Suassuna (2022).

Sem mais demoras, sigamos; pois, como diz Adélia Prado (1976, p. 46), “a vida é mais tempo alegre do que triste. Melhor é ser.”

CAPÍTULO 1: BAGAGEM

> "Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura."
>
> Antonio Candido, *Vários escritos*, p. 176.

A literatura tem sido constituinte intrínseco da história humana desde tempos imemoriais, cujas raízes se lançaram na vastidão do tempo há milênios e continuam a sustentar as inúmeras culturas contemporâneas mundo afora. Difícil precisar claramente o momento exato e o local em que teve começo o que se entende como manifestação literária, uma vez que a literatura, em si, antecede a própria escrita. O surgimento do termo *literatura* é bastante antigo.

De acordo com Aguiar e Silva (2007, p. 1), o termo *literatura* vem do lexema latino *litteratura*, o qual se origina do substantivo grego γραμματιχη, transliterado *grammatiki*. O radical *gramma* está relacionado com aquilo que é desenhado, ou seja, com a letra. Assim, *grammatiki* está inicialmente relacionado com a arte de dominar as palavras em sua forma escrita. Essa arte de lidar com as palavras é o que conhecemos hoje em dia como literatura. Ainda conforme esse autor, o registro mais antigo do termo *literatura* na língua portuguesa é do ano de 1510.

1.1 Lidando com as palavras

Como sabemos, a humanidade criou diversas e inúmeras culturas ao longo do tempo, sendo que algumas perduraram mais, outras não; algumas tiveram contato entre si, outras nunca souberam da existência de outras; muitas desenvolveram formas de escrita, e muitas outras passaram suas histórias e tradições oralmente de geração em geração. Todas essas culturas, em todos os lugares e épocas, criaram histórias que se relacionavam com o mundo e o tempo em que viviam, tentando entender tanto o ambiente quanto a razão da própria existência na busca da compreensão de seu papel no mundo.

Nesse sentido, podemos entender que os primeiros desenhos feitos em paredes de caverna poderiam ser formas auxiliares de conduzir a narração de uma história dentro da sociedade

que os produziu, assim como hoje em dia temos vários artefatos tecnológicos digitais e impressos que são o suporte para histórias criadas e contadas.

Quando retrocedemos no tempo, podemos perceber que a necessidade de contar histórias é muito antiga. A existência de desenhos e pinturas rupestres em cavernas em diversos lugares ao redor do mundo, os mais comuns representando animais, pessoas e estrelas, bem como os petróglifos, isto é, gravuras rupestres, que foram feitos por povos americanos pré-coloniais, por exemplo, podem ter sido criados para auxiliar e conduzir narrativas sobre caçadas e animais perigosos, bem como na tentativa de entender fenômenos naturais até então incompreensíveis para aquelas sociedades. Pessoas reunidas em comunidades tendem a criar e contar histórias de si e do mundo em que vivem, num modo de compartilhar tanto seu conhecimento de mundo quanto seus valores de convívio social. Dessas histórias, muitas poderiam ser inventadas, criadas a partir de elementos daquele ambiente e daquela época, ao passo que outras poderiam ter sido criadas a partir de fatos reais pelos quais o narrador ou a comunidade haviam passado. Em algumas, o contador poderia realçar os riscos de morte iminente durante uma caçada, de forma a criar um clima de suspense e de medo, enquanto que em outras ele poderia falar sobre a perda de alguém querido ou mesmo sobre seus sentimentos ou sua relação com o que era considerado divino.

Assim, com o passar do tempo, todas essas criações, inicialmente transmitidas oralmente dentro daquelas sociedades antigas, foram assumindo formas diferentes entre si, as quais reuniam determinadas características que as tornavam ligeiramente semelhantes para serem agrupadas e reconhecidas. Algumas criações podiam ser cantadas, enquanto outras podiam ser contadas; algumas buscavam explicar coisas inexplicáveis, como aquelas que envolviam seres do mundo espiritual, ao passo que outras tinham como objetivo transmitir às novas gerações os valores tradicionais.

Firmado sobre esses alicerces que remontam aos primórdios da humanidade, a sociedade em que vivemos tem seus ramos que sombreiam boa parte do mundo, sombreamento esse que é fruto da facilidade contemporânea que faz com que as diversas culturas possam ter contato constante entre si. Sabemos que existem povos em algumas partes do planeta que têm pouco ou nenhum contato com outros povos, mas, de um modo geral, é característico de nossa época a enorme e contínua troca cultural entre os povos.

Sob o mesmo ponto de vista, podemos ecoar as palavras de Antonio Candido (2011), ao dizer que

> Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 2011, p. 176).

Ademais, quando pensamos e falamos em literatura, é preciso ter em mente que "a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos" e "que não há homem que possa viver sem ela", como afirma Antonio Candido (2011, p. 176). Assim, a universalidade da literatura é um elemento constituinte do ser humano. Podemos, portanto, afirmar que onde está o ser humano, certamente com ele aí está a literatura. Como já mencionamos, toda a história humana tem sido acompanhada pelas manifestações literárias desde tempos imemoriáveis, seja através da criação e da narração de histórias, seja através da criação de cantigas, seja através da criação de histórias em rimas que facilitassem a memorização. É justamente na utilização de rimas, tanto nas cantigas quanto para facilitar a memorização de histórias, que se tem o surgimento da poesia.

Outro ponto notável é que, nos tempos antigos, conforme Roberto Acízelo de Souza (2007), a origem da literatura estava relacionada a uma dádiva dos deuses, ou seja, ao encantamento que somente eles podiam dar aos seres humanos, uma vez que a "literatura é o ensinamento dos deuses; sua natureza consiste em ser uma narrativa dotada de especial poder de encantamento; sua função é reconstituir com fidelidade as ações dos heróis" (Souza, 2007, p. 11-12). Nessa afirmação nos atentamos, sobretudo, a esse poder de encantamento que a literatura possui, o qual ela tem exercido nas pessoas ao longo dos tempos de maneira transformadora e criativa. Certamente, o fascínio despertado pela literatura, desde o tempo em que histórias eram contadas sob as estrelas ao redor de uma fogueira até hoje em dia, quando tantas histórias são contadas e cantadas no cinema, na televisão e na internet, faz parte da vida cotidiana de todas as sociedades em todos os níveis sociais.

Salientamos que essa origem mítica da literatura não foi o suficiente e, não tardou muito, tanto filósofos quanto pensadores começaram a traçar contornos mais bem definidos ao pensar sobre o que era a literatura bem como sua importância para os povos que a produziam. Platão e Aristóteles, por exemplo, foram alguns dos primeiros a problematizarem sobre a

literatura e suas implicações para a sociedade. Em sua obra denominada *Poética,* Aristóteles discorre sobre duas correntes ao lidar com a literatura: o normativismo e o descritivismo. Segundo Roberto Acízelo de Souza (2007, p. 15), "a atitude normativa diz o que a literatura deve ser e como deve ser julgada; a atitude descritiva diz o que ela é e que explicações prováveis lhe são apropriadas." Ambas as atitudes perduraram ao longo da Idade Média até fins do século XVIII e início do século XIX, época em que os autores românticos rejeitaram esses princípios instrucionais para fazer literatura. Para o escritor romântico, cada obra é criação única e individual dele mesmo e, portanto, não pode e não deve estar submetida a uma determinada receita de como fazê-la. Assim,

> a reflexão sobre a literatura se afasta do normativismo, orientando-se para atitudes mais especulativas; daí o aparecimento das mais diversas teorias, empenhadas em propor explicações adequadas para os rumos tomados pela produção literária romântica e pós-romântica, crescentemente diversificados e destoantes de padrões preestabelecidos (Souza, 2007, p. 16).

Como vimos, a literatura é um produto cultural que está presente na civilização ocidental há milênios, desde as primeiras manifestações na Antiguidade Clássica Greco-romana, atravessando a Idade Média, o Renascimento, a Modernidade e chegando aos tempos contemporâneos. Embora a literatura não seja uma manifestação cultural exclusiva da história ocidental, uma vez que várias outras civilizações desenvolveram manifestações às quais cabe nomear também como literatura, aqui voltamos nosso olhar mais especificamente para o Ocidente, na tentativa de traçar uma linha que conduza à poesia contemporânea brasileira. Roberto Acízelo de Souza, em sua *Teoria da Literatura*, lembra que "devemos dizer que a literatura é um produto cultural que surge com a própria civilização ocidental, pelo fato de que textos literários figuram entre os indícios mais remotos da existência histórica dessa civilização" (Souza, 2007, p. 10).

Entre os textos literários mais antigos conhecidos, mencionamos os poemas do grego Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, os quais têm sido uma referência constante para a poesia ocidental e serviram como modelo para várias outras obras escritas, encenadas e gravadas, em diversificadas mídias audiovisuais, em terras ocidentais ao longo dos séculos. Ressaltamos, inclusive, que o longo poema *Os Lusíadas*, do português Luís Vaz de Camões, ao narrar uma viagem épica, partindo de Portugal e chegando até às Índias, feita pelo navegador Vasco da Gama, faz eco desses dois clássicos gregos modelares.

A literatura nasceu de forma oral, sendo que mesmo os feitos narrados na *Ilíada* e na *Odisseia* já circulavam na Grécia cerca de quatrocentos anos antes de serem redigidos por volta do século VI A.C. A memorização de textos em versos é, naturalmente, mais fácil de ser feita do que a de textos em prosa. Assim, foram em versos que surgiram as primeiras redações de textos literários no Ocidente. Nestes dois exemplos ora citados temos a corroboração de que a literatura é anterior ao surgimento do texto escrito e que, portanto, ao manter-se viva e entremeada às atividades humanas cotidianas, de fato é componente inseparável da vida.

Dessa forma, podemos então perceber que também a poesia se trata de algo intrínseco às sociedades humanas e que, portanto, é de fato a essência que permeia nossas atividades diárias em múltiplos contextos sociais, desde as relações afetivas e familiares, passando pelas relações construídas e vividas em ambientes de trabalho e lazer, bem como, naturalmente, pelas relações que se constroem na escola.

Nesse sentido, cabe lembrar que "nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo" (Candido, 2011, p. 177), especialmente quando se considera a fruição do texto poético, a qual deve ser permitida e ser levada aos estudantes em sala de aula. Portanto, não se trata tão somente de instrução e educação, mas também do desenvolvimento da apreciação de textos poéticos. Ademais, a literatura tem sido fator determinante na instrução, haja vista que textos literários têm sido utilizados como suporte de ensino e treinamento em diversas áreas, especialmente durante o processo de alfabetização.

Naturalmente, o texto literário não pode ser reduzido tão somente a um objeto de estudo, sob atitudes normativas ou descritivas-especulativas, as quais são de caráter intelectualista, mas deve e precisa ocupar espaço como texto que possui "fruição subjetiva e desinteressada de métodos e conceitos, próxima àquela espécie de desarmamento teórico próprio do leitor comum" (Souza, 2007, p. 17). Quando se fala de um sujeito que possa fruir o texto literário, pressupõe-se que o mesmo esteja apto a apreciar esse texto de modo pleno, compreendendo-o consistentemente, associando e dissociando partes, assimilando e comparando ideias, questionando, concordando e discordando sobre o tema e, por que não, sobre o ponto de vista do autor.

Em suma, podemos dizer que a literatura é um conjunto de criações que, desde tempos imemoriáveis anteriores ao surgimento da escrita, têm se manifestado das mais diversas formas, tais como através de histórias, cantigas, lendas, poemas e de outros tantos gêneros, os quais são manifestações da vida cotidiana das sociedades em todos os tempos e lugares do mundo e estão plenamente integrados às vivências e experiências dos povos. Essa integração se faz presente em diversos momentos, perpassando celebrações e cerimônias, memórias pessoais e coletivas, desejos e valores culturais de cada povo e, mais especificamente, na formação de cada sujeito pertencente a esse determinado povo em todos os seus níveis sociais. E, indo além, por estar imersa em determinado tempo e lugar, a literatura reflete e registra em si o conhecimento de mundo que tem cada sociedade, uma vez que "não há povo e não há homem que possa viver sem ela" (Candido, 2011, p. 176) e, por conseguinte, especialmente no ocidente, a civilização e a literatura têm estado interligadas desde o surgimento de ambas.

Por fazer parte das sociedades humanas, a literatura possui em si a importância para a constituição do sujeito humano, ou seja, a constituição do ser que age – o sujeito – e que pode compreender o outro – o objeto. Enquanto ação do sujeito, a literatura pode manifestar o pensamento e a emoção do indivíduo; enquanto percepção do objeto, a literatura pode manifestar o desejo de entender e de compreender o mundo no qual o sujeito está. Tomemos aqui, como exemplos, duas situações: o herói clássico, cuja história era contada ou mesmo cantada, demonstra a percepção do objeto, isto é, do conhecimento daquela determinada sociedade, realizada pelo narrador diante e para um grupo de pessoas; o sujeito que canta diante dos deuses ou sozinho, mas externando em palavras seus pensamentos e emoções, indiferente à existência ou não de pessoas que o escutem. Existindo ou não plateia, para quem cria a história, seja falada ou cantada, há uma bagagem enorme daquela sociedade em que o sujeito está inserido, a qual lhe permite dar voz a essa criação literária. Ora, esse sujeito dificilmente poderia criar algo se não houvesse outro algo em que pudesse se apoiar, seja uma tradição, um conhecimento antigo ou mesmo as simples atitudes de seus semelhantes no cotidiano da vida.

Nesse sentido, podemos inferir que, conforme o pensamento de Antonio Candido (2011, p. 177), a literatura acaba por ser o que é capaz de humanizar o homem, ou seja, de confirmar que o ser humano é, antes de tudo, humano. Ecoando o pensamento grego de Platão e Aristóteles, podemos entender que o ser humano não é um deus, posto que não é imortal; não é um animal, posto que é racional e, assim, capaz de compreender a si mesmo e ao outro. Ora,

o ser humano é, portanto, aquele ser que é dotado de humanidade. Sendo dotado de humanidade, é um ser que necessita de humanização, isto é, de algo que seja intrínseco e próprio exclusivamente dele mesmo. Temos, diante disso, a consequente certeza de que esse algo que é capaz de humanizar o ser humano é a literatura, a qual tem atravessado e acompanhado a história humana desde longas eras.

Seja nos versos de um poeta ou nas palavras de um narrador, há sempre uma proposição de humanização, a qual pode ser percebida nas linhas e entrelinhas de propostas de solução de problemas e de denúncias destes, de apoio a determinadas ideias e de combate a outras tantas, na transmissão de valores éticos e sociais e na negação de outros tantos que já não mais condizem com os tempos que mudam. Os questionamentos e desafios que, muitas vezes, estão implícitos em verso e em prosa, demonstram os anseios não somente do autor, mas também do grupo em que ele está inserido. Toma-se, dessa forma, a compreensão de que a literatura é, antes de tudo, essencial na formação do ser humano como pessoa cheia de dignidade pelo simples fato de que é humano.

Podemos então, conforme defende Candido (2011), entender que a literatura, assim como a água, a comida, o abrigo ou a segurança, as quais são coisas essenciais à natureza humana, é algo essencial para o ser humano. Enquanto água, comida, abrigo e segurança garantem saúde física às pessoas, a literatura, entre outras necessidades, garante humanização a essas mesmas pessoas. Seria possível imaginar um mundo sem fabulação, sem histórias inventadas ou não, sem música e sem poesia? Certamente que não é possível. E não é possível porque, assim como seria impossível um mundo sem água, sem comida e sem abrigo, é impossível um mundo sem literatura. Não importa como seja e como se manifesta, mas é absolutamente necessário que a literatura esteja disponível para as pessoas, assim como o alimento ou a segurança de uma casa.

1.2 Conhecendo a literatura na escola

Quando entendemos o que é a literatura e sua importância enquanto necessidade e direito fundamental dos seres humanos, precisamos avançar para também compreendermos como se dá o processo de apropriação da linguagem pela qual se faz a mesma literatura a que nos referimos anteriormente.

Nesse sentido, ecoamos as palavras de Rildo Cosson (2009), que entende a literatura como uma linguagem que pode ser apropriada durante um processo que ocorre de forma contínua ao longo de toda a vida. Como salienta esse autor, processo remete à ideia de algo que está sempre acontecendo, de algo contínuo e que não se fecha nem termina abruptamente. Por ser um processo contínuo e duradouro, os primeiros contatos com a literatura se dão logo no início da vida da criança, quando ela escuta as cantigas de ninar ternamente cantadas pela mãe, e vai prosseguindo, à medida em que ela cresce e se torna pessoa adulta, através de filmes, novelas, seriados, canções, livros, lendas e tantas outras manifestações com as quais todas as pessoas têm contato durante a vida. Justamente é esse contato frequente e contínuo com a literatura, e do qual é praticamente impossível fugir, que, mais uma vez, remete-nos àquela ideia da universalidade e da necessidade da literatura para a humanidade.

Ainda conforme Cosson (2009), apropriar-se é quando alguém toma para si algo que já existe e, então, internaliza esse algo para que se torne parte de si mesmo, ou seja, para que passe a constituir parte de sua essência. Dessa maneira, podemos entender que a literatura existe externamente fora do sujeito, ou seja, a literatura pode ser entendida como objeto, mas que ela pode ser apropriada e internalizada e, ao sofrer essa apropriação e internalização, torna-se algo pertencente e constituinte do sujeito.

De modo sucinto, Cosson (2009) defende que o letramento literário se faz quando o leitor tem contato direto com a obra, quando se cria um espaço e uma comunidade de compartilhamento de leituras, quando se tem a possibilidade de ampliação do repertório literário e, finalmente, quando se desenvolvem atividades que visem ao desenvolvimento da competência literária.

Esses quatro pontos defendidos por Cosson (2009), quando bem compreendidos e aplicados, certamente conduzirão ao conhecimento da literatura, o que, por sua vez, levará ao amor por ela. Cabe ressaltar, contudo, que o sentimento pela obra literária, em si, pode ser de amor ou de ódio, já que se pode muito bem amar uma história assim como se pode odiá-la. Seja a obra objeto de amor ou de ódio, a literatura, em si, acaba sendo amada mesmo quando se detesta o fim da história, pois ela "é plena de saberes sobre o homem e o mundo" (Cosson, 2022, p. 16).

Alguns exemplos simples podem contribuir para o melhor entendimento das quatro características sobre o letramento literário dadas por Cosson (2009). Primeiramente, o leitor

precisa ter a obra literária em mãos, precisa ter o livro para ser manuseado, para ser percebido, ser tocado, ser descoberto como obra que contém algo encantador e misterioso escondido sob a forma de letras, palavras e páginas. Assim como o bebê tem contato com a mãe e instintivamente conhece sua voz da qual procede a cantiga de ninar, ou como o adolescente que assiste a filmes de terror ou de romance e com eles se assusta ou se encanta, ou como o leitor que lê longas histórias que formam infindáveis séries de livros de vários tomos, é preciso que o estudante também tenha esse contato direto com a obra literária dentro da escola. A percepção da obra literária deve ser percebida com o máximo de sentidos possíveis, isto é, deve ser vista, sentida, ouvida e até mesmo cheirada – algumas pessoas amam o cheiro de livros novos. Tudo isso acontece porque a literatura possui uma "função maior de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras de cores, sabores e formas intensamente humanas" (Cosson, 2022, p. 17).

Em segundo lugar, toda obra literária precisa de um espaço onde possa ser apreciada. Não se trata de construir santuários cuja única função seja a de receber apreciadores de literatura, pois esses santuários já existem e nós os conhecemos como bibliotecas, salas de cinema, locais de apresentações musicais, teatros etc. Trata-se de criar um espaço, ainda que efêmero, para que nele se realize a fruição da obra literária. Quando se destinar à leitura, esse espaço pode ser de uso individual ou coletivo. Algumas vezes as leituras são solitárias; outras vezes, são compartilhadas comunitariamente. Em casa, geralmente as leituras são solitárias, ao passo que numa celebração religiosa são comunitárias. O mesmo acontece na escola, quando há momentos em que as leituras são feitas silenciosamente, noutros são compartilhadas em voz alta. Na escola, podemos perceber a reunião do útil ao agradável no que diz respeito ao ensino, tendo-se em vista que há uma tradição que "cristaliza-se no ensino da língua nas escolas com um duplo pressuposto: a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo" (Cosson, 2022, p. 20).

Em seguida, o repertório literário não pode e não deve ser estático, contido, finito, encurralado; ao contrário, deve estar sempre em movimento para que seja ampliado, diversificado e livremente selecionado. O leitor deve e precisa se sentir à vontade para fazer a escolha do que mais lhe atrai e lhe encanta como obra literária. Cada pessoa gosta de assistir a filmes com os quais melhor se identifica e assim também deve ser com a obra literária. É importante e útil que o leitor conheça diferentes e diversificadas obras literárias para nelas encontrar as que mais lhe agradam. Justamente nesse processo de descoberta de novas obras é

que o repertório vai aos poucos crescendo ao mesmo tempo em que as preferências literárias vão se consolidando. Assim como afirma Cosson (2022), é preciso lembrar que

> crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura (Cosson, 2022, p. 35).

Finalmente, quando voltamos nosso olhar para a escola, sabemos que são as inúmeras e diversificadas atividades de leitura e de escritura que contribuem para a formação dos leitores. Fragmentos de textos literários apresentados em sala de aula acabam, ou pelo menos podem acabar, por conduzir o estudante à descoberta da obra e à sua consequente leitura de forma integral. Incontáveis vezes, apenas um capítulo lido de um determinado romance é capaz de despertar o interesse do estudante e, este, posteriormente, faz a leitura da obra inteira. A leitura de um poema pode conduzir o estudante à leitura de um livro completo daquele poeta. Tudo isso vai acontecendo porque a leitura é capaz de nos levar à descoberta do senso de nós e da comunidade, pois, conforme Cosson (2022),

> [n]a leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada (Cosson, 2022, p. 17).

Ora, o desejo de expressar o que sentimos através de palavras é nato de todo ser humano; por isso, cantamos, rezamos, inventamos e contamos histórias ou expressamos amores e perdas, de maneira que, tudo isso, acaba sendo a manifestação concreta do que somos e do que chamamos de literatura. Com os sentidos, somos capazes de perceber e de conhecer o mundo; com esses mesmos sentidos, somos capazes de expressar esse mesmo mundo através do nosso olhar. Similarmente a Cosson (2022), entendemos que, de fato, a literatura nos diz o que somos, e vamos além ao compreender que essa mesma literatura diz ao mundo o que nós somos para ele.

Como se sabe, um poema possui elementos que se relacionam e se prendem, em essência, ao ritmo e à métrica, especialmente quando nos debruçamos sobre aqueles anteriores à modernidade notadamente mais desenvolvida durante o século XX. De qualquer maneira,

quando se fala em ritmo e em métrica, fala-se numa estreita relação com a música e, portanto, evidencia-se o contexto lírico de escrita e de sonoridade do texto literário poético.

Maria Luiza Ramos (1969), ao voltar-se para os estudos do método fenomenológico proposto por Husserl e desenvolvido por Roman Ingarden, propõe o estudo do poema considerando-se um estrato fônico e um estrato óptico. O estrato fônico relaciona-se à dimensão sensível da obra literária, ou seja, trata-se de sentir, de ouvir e de perceber a partir da sensação auditiva. O estrato óptico, por sua vez, está relacionado com a obra literária escrita, uma vez que "é o estrato óptico o primeiro fator de percepção de uma obra impressa, o que proporciona desde logo a intuição de capítulos, atos, estrofes ou estâncias" (Ramos, 1969, p. 44).

Maria Luiza Ramos (1969), ao abordar a questão da sonoridade no poema, afirma que

> [n]ão só importa, pois, o valor intrínseco dos fonemas, que diz respeito à qualidade dos mesmos e constitui a base dos efeitos de musicalidade e eufonia, mas também se observam os elementos de relação, que mais se prendem à essência do ritmo e do metro (Ramos, 1969, p. 29).

Assim, podemos perceber que, conforme Ramos (1969), a constituição do poema se dá quando se encontram em harmoniosa união tanto os aspectos relativos à sonoridade quanto aqueles relativos ao visual do texto, de modo que, dessa forma, haja uma unidade que dê ao poema uma estética perceptível.

Na escolha de cada vocábulo componente do texto, o poeta busca aproximar e sugerir relações entre sons e sentidos, de modo que o leitor ou ouvinte possa perceber essas nuances que vão muito além do texto em si. Esses recursos expressivos e implícitos podem ser obtidos por repetições fonéticas semelhantes ou com evocações simbólicas que os sons componentes das palavras que formam cada verso possam trazer à tona para o leitor, tudo isso intercalado com pausas ou aproximações sonoras que, em conjunto, conferem ao texto um ritmo próprio dele mesmo, facilmente perceptível e acompanhável pelo leitor. Dessa forma, o poema adquire e, simultaneamente, mostra uma potencialidade estética, a qual o engloba como um todo bem coeso.

Ecoando as palavras de Ramos (1969, p. 62), entendemos que "a quintessência da arte poética se manifesta na obra lírica, e se uma das características do *lírico* é a transitoriedade, a fixação

momentânea, o presente, enfim, ou a presentificação do passado através da recordação (Ramos, 1969, p. 62), percebemos que a linguagem poética se baseia em valores estáticos, isto é, em fragmentos estáticos de momentos fugazes. Quer se volte para o passado, ou fale do momento atual, ou mesmo se antecipe a acontecimentos futuros, o eu lírico sempre estará se agarrando a um presente para registrá-lo de maneira estática, alicerçado numa imobilidade temporal que tende ao contemplativo.

Ramos (1969) também nos chama atenção para a importância da linguagem figurada no texto poético, uma vez que esse recurso, no poema, contribui para a existência do lirismo da obra. A linguagem figurada nos permite a compreensão de ideias, de imagens e de sentidos que poderiam nos escapar caso não fosse utilizada. Nem todos os contextos sociais dos leitores são os mesmos do poeta e, em última instância, do eu lírico. Assim, não fosse possível ao autor ou poeta valer-se de recursos expressivos que melhor reflitam sua intenção ao escrever, muito poderia se perder do texto entre sua produção e sua leitura. A presença de expressões metafóricas ou metonímicas torna-se, conforme a habilidade do autor ou do poeta, algo essencial para estabelecer um elo entre estes e o leitor.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), instituída pela Resolução CNE/CP nº 2 e com posteriores resoluções complementares, é o documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico de aprendizagens essenciais para todos os estudantes do país. Nela, os objetivos de aprendizagem são definidos por meio de competências e habilidades essenciais. Há dez Competências Gerais da Educação Básica, sendo que a literatura encontra-se contemplada sobretudo na terceira competência, a qual determina que se deve "valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural" (BNCC, 2018, p. 9).

Chama-nos especialmente a atenção os dois verbos que iniciam esta competência, quais sejam "valorizar" e "fruir". Quando se trata de manifestações artísticas e culturais, é preciso que, especialmente a escola, se ensine o que tem um imenso valor, pois é o que carrega consigo as experiências vivenciadas por quem o cria. Cantigas anônimas ou canções com autoria, histórias orais, tais como fábulas e lendas, obras literárias seja em verso ou seja em prosa, tudo isso possui um valor intrínseco pelo simples fato de ter sido criado, de ter nascido da compreensão de mundo que seu criador/autor possui.

Concernente ao verbo “fruir”, recordemo-nos da fruição literária à qual já fizemos menção e que é sinônimo de desfrutar prazerosamente a obra. Leituras feitas por simples obrigação não são prazerosas e, portanto, não podem gerar a fruição do texto lido. Para que haja prazer na leitura, é necessário que o texto seja lido de tal maneira que o leitor perceba nele não uma obrigação a ser cumprida – por ser estudante e ter que ler – mas, muito além disso, que seja um momento prazeroso que lhe traga também benefícios para seu desenvolvimento pessoal.

Avançando em nossas considerações, aqui podemos perceber que, ao partir das manifestações artísticas e culturais locais para as mundiais, ou seja, partir do micro para o macro, do ambiente circundante para o ambiente universal, o estudante poderá ter contato com uma infinidade de leituras literárias até então desconhecidas para ele. Além do mais, ele poderá sentir-se desafiado a se posicionar diante desses textos até então desconhecidos, podendo amá-los ou odiá-los, mas nunca lhes sendo indiferente. Seja por meio da prosa ou por meio do verso, o estudante adentrará num universo que vai muito além de seu quintal[2], isto é, de seu entorno, que aqui podemos entender como seu grupo de convívio social ou sua cidade, para explorar novas formas de enxergar e de pensar o mundo.

Outro ponto a considerar nessa competência é sobre a participação em práticas diversificadas da produção artística e cultural. Ora, a literatura tem em si a força capaz de despertar para que surjam novas criações literárias porque ela, por natureza, faz-nos entender o que somos. Quando entendemos o que somos, não podemos mais conter o desejo de contar aos outros o que somos e, assim, nesse processo, podem nascer as mais variadas formas de expressão artística, entre as quais a escrita de textos literários que digam o que somos e como percebemos o mundo.

Faz-se pertinente considerar também que, segundo as orientações desse documento, as características dos gêneros discursivos envolvendo a fala e a escuta podem ser utilizadas no processo de ensino e de aprendizagem, uma vez que as estratégias comunicativas, tanto de uma quanto de outra, pressupõem a interação com o outro. Ainda que, conforme esse documento, a oralidade não seja enfatizada da mesma forma que no Ensino Fundamental I, é importante ressaltar que o uso da linguagem oral envolve variados contextos de interação ao

[2] Alusão de memória à frase “Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”, que é comumente atribuída ao escritor russo Leon Tolstói; não conseguimos localizar essa frase em obra específica desse autor publicada em português.

longo da vida de todos os estudantes. Essa interação que se dá através da oralidade permeia contextos públicos e privados, formais e informais, escolares e profissionais.

Destacamos ainda da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) as habilidades que contemplam, entre outras, a possibilidade de trabalhar com o texto dramático, quer sejam elas as habilidades EF89LP32, EF89LP33 e EF89LP34, entendendo-se que se destinam ao oitavo e ao nono anos do ensino fundamental e são referentes ao ensino de língua portuguesa. A primeira trata da análise de efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade entre os textos literários e outras manifestações artísticas; a segunda trata da leitura autônoma e compreensão do texto através de procedimentos e estratégias de leitura adequados; a terceira, por sua vez, trata da organização do texto dramático (BNCC, 2018, p. 187).

O Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), documento norteador do ensino básico desse estado, ao tratar sobre "ler, escrever, letrar e literalizar" (MINAS GERAIS, 2018, p. 83), sugere que sejam dadas aos estudantes, primeiramente, a oportunidade de "vivências estéticas a partir da interação com elementos constituintes da linguagem literária" e, em seguida, a oportunidade da "formação de estudantes críticos, reflexivos, potencialmente mais conscientes das ideologias que perpassam os textos literários, sendo capazes de identificá-las, de compreendê-las e de confrontá-las, posicionando-se ativamente, construindo argumentos que sustentem sua opinião" (MINAS GERAIS, 2018, p. 83). Consideramos conveniente, contudo, ressaltar que não há nesse documento clareza no uso do vocábulo *literalizar*, bem como não conseguimos localizar autores que pudessem embasar esse uso ou, ao menos, esclarecer seu significado dentro do que esse documento propõe. No entanto, por se tratar esse verbo de uma derivação do substantivo "literatura", podemos entendê-lo como o letramento literário, ou seja, como o processo de apropriação da literatura pelos estudantes por meio do ensino.

Esse documento norteador da educação mineira corrobora, assim, o que fora anteriormente proposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Podemos entender que a interação com elementos da linguagem literária se realiza quando se oferece aos estudantes as condições ideais ou adequadas para que eles possam ter acesso ao texto literário para conhecê-lo e desfrutá-lo. Somente quando se criam as condições para que o estudante seja apresentado ao texto e vice-versa, é que se efetivará a interação esperada entre ambos. O

sentido do termo interação traz consigo a ideia de agir entre dois, de dialogar e de tratar com o outro. Da mesma maneira, é preciso que haja uma ação entre o texto e o estudante, isto é, tanto o primeiro quanto o segundo devem agir entre si, de modo que aquele desperte no aluno uma relação prazerosa e proveitosa.

Ademais, nos dizeres de Paulino (2005, p. 60), ao retomar estudos de Wolfgang Iser, a literatura está ligada às suas condições de produção e de uso e, em razão dessa ligação, o texto literário acumula esteticamente muitos outros textos, bem como revela e questiona convenções, normas e valores sociais. Prossegue Paulino (2005, p. 60) abordando a questão da "interação entre texto e leitor que permite a este participar da arte do texto e compreendê-lo como um processo estético de interlocução, como um sistema textual destinado à interatividade, prevista enquanto proposta pelos vazios do próprio texto" (Paulino, 2005, p. 60). Podemos entender que esse processo estético de interlocução acontece quando o estudante se torna um leitor capaz de compreender que a leitura que ele faz é um ato interativo e que dele exige uma completa entrega ao texto para que melhor possa construir seus inúmeros sentidos explícitos ou implícitos e deles se apropriar.

Outrossim, cabe à escola despertar e desenvolver nos estudantes uma postura crítica, reflexiva e consciente para consigo mesmos e para com o meio em que eles vivem e nos quais convivem. Nesse sentido, a literatura se mostra como a matéria-prima mais abundante no que se refere a suscitar discussões sadias sobre a realidade cotidiana. O texto literário permite que o estudante identifique ideias, pensamentos, posicionamentos e, em seguida, desafia-o a compreender e confrontar o que ele leu para, finalmente, levá-lo a se posicionar ativa e firmemente. Ao concordar com o texto ou discordar dele, o estudante constrói seus argumentos que sustentam seu modo de pensar.

Por fim, no que concerne às habilidades que abarcam a literatura no ensino fundamental II, trataremos a respeito disso mais adiante. No entanto, não poderíamos deixar de ressaltar, por ora, o quão é importante e necessário que a escola promova a discussão sobre a literatura.

Uma vez que a literatura faz parte da sociedade, sendo percebida diariamente nas mais diversas manifestações da vida das pessoas, torna-se uma obrigação da escola realizar ações específicas que busquem abordar o texto literário como algo necessário e prazeroso. As atuais diretrizes normativas educacionais privilegiam o trabalho em sala de aula utilizando os mais

variados tipos gêneros textuais abarcados pelos cinco tipos de textos, quer sejam, o narrativo, o descritivo, o argumentativo, o expositivo e o injuntivo.

Quando voltamos nosso olhar para o texto narrativo, vemos que há uma imensa gama de possibilidades de levar o estudante a ter contato com contos, fábulas, lendas, contos de fadas, crônicas, epopeias, novelas e romances, entre outros vários. Nesse contato, o estudante vai aos poucos se inteirando de que a literatura é uma criação que é fruto da própria sociedade em que ele está inserido e, mais ainda, que se trata de uma criação que tem sido feita desde os tempos mais remotos, e que ela, dessa forma, acaba sendo um reflexo e um componente dessa sociedade.

Assim como Cosson (2022, p. 29), também compartilhamos a ideia de que o professor tem o dever de explorar ao máximo as potencialidades do texto literário com seus alunos. E que, para que isso aconteça, ele deve criar as condições adequadas para que os estudantes, ao se encontrarem com a literatura, nela percebam um sentido pleno tanto para eles mesmos quanto para a sociedade da qual todos nós fazemos parte.

Com efeito, entre o estudante e a literatura deve haver um encontro, e não um confronto. O estudante deve se sentir atraído pela literatura e, a partir dessa atração, precisa ser conduzido até o texto literário de maneira que, aos poucos, ele se sinta confiante e, assim, possa realmente apreciar o texto. Leituras impostas e forçadas, descontextualizadas e fragmentadas, formam o monstro perfeito para afastar os estudantes da literatura. Se não houver condições oferecidas aos estudantes para que possam ver a literatura como algo que faz parte de seu dia a dia assim como alimentação, segurança e lazer, por exemplo, eles não conseguirão ver sentido nenhum em qualquer texto literário que seja.

A literatura adquire sentido pleno para o estudante a partir do momento em que ele percebe e entende que ela sempre fez e faz parte da vida de todos aqueles com quem ele tem vínculos sociais e afetivos. Ou seja, a literatura é parte dele mesmo, ainda que essa percepção não esteja clara naquele momento.

Dessa forma, dar espaço à literatura dentro da escola é um modo exitoso de levar os estudantes ao conhecimento tanto de si mesmos quanto de sua sociedade através de textos literários. Ressaltamos que esse espaço pode e deve conter outras manifestações literárias que

não se limitem exclusivamente ao texto escrito. Em todas as regiões de nosso país há manifestações culturais pautadas em cantigas e danças, músicas e cantos, lendas, casos e anedotas, assim como o texto literário escrito em prosa ou em verso. A título de exemplos, podemos citar as cantigas de congadas e de folias de reis, bastante tradicionais e comuns no centro-oeste mineiro, bem como as histórias de seres sobrenaturais que povoam as localidades rurais dessa parte de Minas Gerais. Além desses exemplos, também há muitos escritores dessa região que têm produzido obras em verso e em prosa, tendo alguns alcançado fama dentro e fora do estado.

Uma vez que a literatura é humanizadora, ela é também direito essencial e fundamental que não pode ser negado aos estudantes, os quais são, em princípio, aqueles mais próximos dos textos literários. Vetar ou menosprezar o acesso dos estudantes à literatura é negar a eles a humanização, o que pode implicar consequências desoladoras em suas vidas a longo prazo. Ora, conforme nos lembra Cosson (2022, p. 30),

> [n]a escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (Cosson, 2022, p. 30).

Além de ser humanizadora, essencial e necessária para o ser humano, a literatura é capaz de provocar o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do senso de estética. Através da literatura, o mundo pode ser percebido de modo que sua beleza seja contemplada em maior profundidade e diversidade. Nesse sentido, a escola, enquanto agente do processo de letramento literário, exerce papel fundamental na construção desse senso estético ao qual os estudantes têm direito no decorrer de sua formação.

Tendo em vista que a estética está relacionada à reflexão sobre a beleza e as artes, entre as quais se encontra a literatura, tem a escola, portanto, também a função de criar condições para que os estudantes tenham acesso a esse saber voltado para a apreciação e o gozo da beleza presentes no texto literário.

Maria Antonieta Antunes Cunha (2014), ao relacionar os conceitos de literatura e de estética, afirma que

> podemos entender a experiência estética literária como a soma da percepção/apreensão inicial de uma criação literária e das muitas reações (emocionais, intelectuais ou outras) que esta suscita, em função das características específicas postas em jogo pelo autor na sua produção. Tal produção literária é – ela também – uma experiência estética, cujo resultado seu criador quer fazer único e inconfundível, com marcas que ele gostaria que fossem percebidas pelo leitor como pegadas no caminho da leitura de sua obra (Cunha, 2014, on-line).

Quando é oferecida ao estudante a oportunidade de experimentar a estética literária, isto é, de ter contato direto com o texto literário com o intuito de apreciá-lo, a percepção dele, enquanto sujeito leitor, sobre o objeto de leitura – o texto – se torna uma experiência única e pessoal, a qual vai se estabelecendo no decorrer do processo de construção dessa relação de forma perene para que possa perdurar não somente durante os anos escolares, mas para a vida toda.

Entre o estudante leitor e o autor criador, aos poucos, é criada uma relação tal que o primeiro começa a perceber marcas deixadas propositalmente pelo autor em sua obra, conforme salienta Cunha (2014). Intencionalmente, ou não, o leitor passa a enxergar com os olhos do autor, ao mesmo tempo em que, nesse ato de olhar, ele pode confrontar suas visões de mundo com aquelas que o texto lhe propõe. Essa experiência interativa, na qual agem simultaneamente concordâncias e discordâncias, é fundamental para a formação do estudante como leitor crítico e capaz de conhecer, reconhecer e respeitar a multiplicidade e a diversidade do mundo em toda a sua beleza.

Diz Maria das Graças Rodrigues Paulino (2005), ao tratar da leitura literária, que

> [d]iferentes domínios discursivos, entre eles o literário, se definiriam historicamente, tanto em nível de produção quanto de recepção, pela motivação e objetivos predominantes, pelos valores sociais envolvidos, pela interação verbal estabelecida. Todos os domínios discursivos, sem exceção, exigiriam e desenvolveriam habilidades complexas e competências sociais de seus leitores (Paulino, 2005, p. 61).

Ao permear uma importante etapa da vida estudantil no que se refere aos domínios discursivos, a escola possui protagonismo enquanto entidade capaz de colocar estudantes em contato com ampla gama de literatura. Ao possibilitar a seus alunos o contato próximo com diferentes textos literários, a escola se torna palco de interação e de confrontação de saberes entre os estudantes e obras literárias, de modo que, no decorrer desse processo, habilidades e competências sociais possam ser descobertas e aprimoradas. Não se deve pensar que o

estudante chegue à escola sem esse contato com o mundo literário, ou que somente a escola seja capaz de possibilitar tal contato, pois, como já vimos, a literatura faz parte do cotidiano humano em praticamente todo o tempo através de suas múltiplas e complexas manifestações. O que cabe ressaltar, contudo, é o papel da escola como agente mobilizador e formador do estudante para que este possa transitar com desenvoltura no domínio discursivo literário, conforme os dizeres de Paulino (2005), exigindo e desenvolvendo habilidades e competências importantes nos alunos.

Em suma, a escola deve assumir a iniciativa de promover a literatura para seus alunos, de forma que essa promoção seja um processo de conhecimento e de apreciação do texto literário, que provoque nos estudantes a curiosidade e o gosto pela leitura através de atividades que estimulem e que encantem para que se concretize a formação de leitores, os quais possam ser sujeitos conscientes de si mesmos dentro da sociedade em que estão inseridos. Quando isso acontece, temos a concretização da literatura como um elemento presente em nossa vida e que nos ajuda a moldar nossos pensamentos e nossa compreensão do outro, ou seja, do mundo em que vivemos. A promoção da literatura dentro da escola é o que torna possível a concretização do letramento literário. Para que esse letramento literário aconteça, são necessárias mais do que ações isoladas e fragmentadas, as quais, sozinhas, são incapazes de oferecer as condições adequadas para que os estudantes cheguem ao apoteótico momento em que se dá a fruição do texto literário. Com o tempo, o estudante, já um leitor, certamente irá definindo seus gostos e preferências de leitura, relacionando-se com a literatura não mais como uma obrigação escolar, mas como um prazer que o texto literário é capaz de lhe proporcionar.

1.3 Conhecendo os gêneros literários

Ao tratarmos sobre escola e, portanto, sobre ensino e aprendizagem, por ora voltamos nosso olhar para o entendimento dos gêneros literários. Desde a antiguidade greco-romana se tem discutido e pensado a respeito do que é considerado texto literário, bem como suas funções, semelhanças e diferenças. Características específicas de cada texto podem estabelecer certas formas as quais moldam sua construção, definem sua estética e direcionam a finalidades pretendidas. Essa percepção sobre o texto foi, aos poucos, sendo entendida de modo que fossem aparecendo maneiras de agrupá-los.

Com o passar do tempo, esses textos, embora literários, apresentavam características distintas entre si, as quais levaram ao agrupamento deles em três grandes grupos: gênero épico ou narrativo, gênero lírico e gênero dramático. Essa distinção começou a ser pensada e feita na Grécia Antiga e, ao longo dos séculos, nunca foi algo inquestionavelmente definido. Aguiar e Silva (2007, p. 339), ao iniciar o capítulo 4 sobre os gêneros literários em sua *Teoria da literatura*, salienta que

> [o] problema dos gêneros literários tem constituído, desde Platão até à actualidade, uma das questões mais controversas da teoria e da práxis da literatura, encontrando-se na origem imediata de algumas das mais ressoantes polémicas ocorridas nas literaturas europeias (Aguiar e Silva, 2007, p. 339).

Assim, a adequação de um determinado texto em um determinado gênero tem suscitado controvérsias entre os estudiosos. A literatura ocidental, com seus mais de vinte e cinco séculos de existência, não pode ser entendida como uma sucessão contínua e imutável de textos literários tanto no estilo quanto na forma. Em todos esses anos, o modo de contar e de escrever histórias passou por muitas mudanças. Embora as raízes sejam as mesmas, o tempo permitiu à literatura ocidental uma rica e infindável ramificação, cujas características ora se assemelham ora se destoam completamente entre si.

De qualquer forma, tem-se mantido de maneira o mais próximo da consensualidade que seja possível a classificação ternária da literatura em gênero épico, gênero lírico e gênero dramático, cuja fundamentação foi feita por Platão no Livro III de *A República*, de acordo com Aguiar e Silva (2007, p. 340):

> Platão, no livro III de *A República*, estabeleceu uma fundamentação e uma classificação dos géneros literários que, tanto pela sua relevância intrínseca como pela sua influência ulterior, devem ser consideradas como um dos marcos fundamentais da genologia, isto é, da teoria dos gêneros literários (Aguiar e Silva, 2007, p. 340).

Entendemos, entretanto, que é preciso considerar o caráter fluido dos gêneros, pois estes podem apresentar pontos de contato entre si e se misturarem num processo constante e contínuo do qual resulta a tecitura do texto em uma trama simultaneamente carregada de características que se mesclam e se interpõem. Contudo, é preciso ter em vista que essa fluidez dos gêneros, conforme Bakhtin (2003), é inerente a todos os gêneros discursivos e não somente aos gêneros literários. Quando, anteriormente, mencionamos a constância e a

continuidade relacionada às misturas que ocorrem entre os gêneros discursivos, ecoamos as palavras de Bakhtin (2003), quando este autor afirma que

> [s]e não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (Bakhtin, 1997, p. 302).

Ao avançar em sua análise, Mikhail Bakhtin (1997) esclarece sobre a problemática envolta na definição dos gêneros discursivos, tendo em vista que "a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável" (Bakhtin, 1997, p. 279). Ademais, é no domínio dos gêneros discursivos que podemos desempenhar com desenvoltura nosso papel de sujeito nas interações cotidianas necessárias e componentes da vivência social. O uso e domínio dos gêneros discursivos é fator contribuinte na formação e na compreensão de nossa individualidade como sujeito que interage constantemente com outros sujeitos. Dessa maneira, podemos entender que

> [é] de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles (quando isso nos é possível e útil), que refletimos, com maior agilidade, a situação irreproduzível da comunicação verbal, que realizamos, com o máximo de perfeição, o intuito discursivo que livremente concebemos (Bakhtin, 1997, p. 305).

Consideramos necessário aludir sucintamente à diferença entre gênero textual e gênero discursivo. Para tanto, buscamos em Roxane Rojo (2014) uma luz, especialmente no tocante à definição de gênero discursivo e de gênero textual. Inicialmente, afirma Rojo (2014) que os "tipos de texto, ou tipos textuais, são classes, categorias de uma gramática de texto (Linguística Textual) – portanto, 'uma construção teórica' – que busca classificar os textos com base em suas características linguísticas e gramaticais" (Rojo, 2014, on-line). Os tipos de texto, ou tipos textuais, tradicionalmente ensinados na escola e mais conhecidos, são a narração, a descrição, a dissertação/argumentação, a exposição e a injunção. Comumente, são conhecidos como exemplos de textos narrativos as fábulas, os contos, os romances e as crônicas. Currículos, cardápios, classificados e diários são exemplos de textos descritivos. Como exemplos de textos dissertativo-argumentativos, temos a redação do Enem, os artigos de opinião e os textos acadêmicos. Já notícias, reportagens, artigos de divulgação científica e verbetes são exemplos corriqueiros de textos expositivos. E, por fim, citamos as receitas, as bulas e os manuais de instrução para exemplificar os textos injuntivos.

Os gêneros de texto, ou gêneros textuais, são aqueles textos, predominantemente escritos, que fazem parte do cotidiano de todas as pessoas, possuindo características sociocomunicativas específicas e que atendam apropriadamente a determinadas circunstâncias, ou seja, fazem parte da vida. A este conjunto de textos, escritos e orais, cujas características todas as pessoas conhecem e reconhecem quando os utilizam cotidianamente, dá-se o nome de gêneros do discurso, ou gêneros discursivos, conforme Rojo (2014).

Embora muitas vezes as expressões *gêneros textuais* e *gêneros discursivos* sejam entendidas como sinônimas, a nosso ver, cremos que a primeira melhor descreve o conjunto de textos escritos, englobando notícias, receitas, livros didáticos, mensagens em aplicativos ou em redes sociais, anúncios e propagandas, manuais de instrução, etc., ao passo que a segunda, ou seja, os gêneros do discurso, descreve mais adequadamente o conjunto de textos escritos, de textos orais e de textos multimodais, sendo esta última, portanto, mais abrangente. Além do mais, nos gêneros discursivos os textos se fazem reconhecer pela forma, pelo tema e pela função e estilo. São essas características que permitem que se concretizem os discursos nas diversas esferas sociais.

Assim, uma vez que há uma variedade imensa de gêneros textuais e de gêneros discursivos, pelos quais transitam as obras literárias, reduzir a definição dos gêneros literários a formas fixas, imutáveis e rígidas parece-nos inapropriado e descabido. Portanto, optamos por seguir uma linha conforme autores que consideramos adequados a este trabalho.

Avançando em nossas considerações, vamos retomar a definição dos gêneros literários, a qual passou por transformações ao longo dos séculos; contudo, vamos nos ater, por ora, às definições contemporâneas sobre o gênero épico ou narrativo, o gênero lírico e o gênero dramático. Mais uma vez, salientamos que essas definições não são consensuais dentro da literatura. Nesse sentido, esclarecemos que aqui adotamos as definições de Aguiar e Silva (2007), o qual, por sua vez, busca sua fonte, entre outros, na teoria literária elaborada por Northrop Frye. De modo bastante sucinto, em seus estudos críticos, Northrop Frye buscou estabelecer conexões entre textos diferentes as quais, à primeira vista, não são visíveis. Assim, através dessas conexões, pode existir ação e interação entre os textos literários, tendo-se em vista que as obras literárias são componentes de sistemas simbólicos e míticos presentes em todas as sociedades.

O gênero épico teve origem em textos que eram narrados oralmente, isto é, eram *ditos*, diante de um público em auditório. Esse *dizer* os textos podia ser feito pelo autor ou ser recitado por outro, que os havia previamente decorado. Note-se que, portanto, há alguém que fala, e que se dirige a outras pessoas que escutam, ou seja, o auditório. Tais textos, geralmente em versos, narravam histórias míticas. Com o passar do tempo, essas histórias passaram a ser contadas também em prosa. Entre o *dizer* a história diante de um público e a mesma ser redigida, foram necessários vários séculos. Como exemplos do gênero épico, mencionamos novamente os poemas gregos a *Ilíada* e a *Odisseia* e o poema português *Os Lusíadas* e, ainda, *A Divina Comédia*, longo poema abrangendo o conhecimento de mundo medieval escrito pelo italiano Dante Alighieri. Não poderíamos deixar de fazer menção a dois poemas épicos representativos da literatura brasileira: *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, e *O navio negreiro*, de Castro Alves. Ambos, embora criados sob a perspectiva do olhar da cultura europeia, abordam temáticas profundamente enraizadas na formação da identidade brasileira.

O gênero lírico, ao contrário do épico, não se dirige a um público ouvinte, uma vez que "caracteriza-se pelo ocultamento, pela separação do auditório em relação ao poeta" (Aguiar e Silva, 2007, p. 379). Nos poemas deste gênero, "o poeta lírico pretende em geral falar consigo mesmo ou com um particular interlocutor: a musa, um deus, um amigo, um amante, um objecto da natureza, etc." (Aguiar e Silva, 2007, p. 379). Portanto, trata-se de um gênero marcado, sobretudo, pelo subjetivismo e pela introspecção, pela intimidade e pela reflexão consigo mesmo ou confidenciada a um interlocutor em particular.

O gênero dramático é aquele ao qual está associada a arte da representação da história diante de um público, ou seja, trata-se da encenação teatral. Este gênero "caracteriza-se pelo ocultamento, pela separação do autor em relação ao seu auditório, cabendo aos caracteres internos da história representada dirigirem-se directamente a esse mesmo auditório" (Aguiar e Silva, 2007, p. 379). Embora a concretização deste gênero se dê diante de um auditório, não há uma interação entre este e o autor do texto, sendo que a relação estabelecida ocorre entre os personagens da história e o público. Aqui, cabe ressaltar que não se trata de uma relação dialógica mútua, mas de uma relação na qual o auditório assiste ao que é encenado pelos atores enquanto a narrativa é construída ao longo das ações e das falas.

O gênero dramático, além do texto escrito e falado, possui outros elementos que são necessários para a sua encenação, dentre os quais se destacam o cenário, a iluminação, o figurino, a sonoplastia, a marcação etc. Além destes, obviamente não se pode esquecer do elenco que personifica os personagens no decorrer da narrativa, bem como do público, ou seja, da plateia. Todos estes elementos extratextuais, em conjunto, vão contribuir para a concretização do drama no palco.

De acordo com Aguiar e Silva (2007, p. 393), "os gêneros literários desempenham, assim, um importante papel na organização e na transformação do sistema literário" (Aguiar e Silva, 2007, p. 393). Para esse autor, cada período histórico estabelece um conjunto de obras que são consideradas relevantes e modelares dentro daquele contexto sócio-temporal, ou seja, cada época define um cânone literário em função de suas necessidades imediatas ou objetivos de longo prazo.

Não se pode permanecer na superfície dos gêneros literários; é preciso mergulhar para vislumbrar a poesia, que tem a capacidade de transitar com habilidade entre o épico, o lírico e o dramático. E, ao aprofundarmos nesse mergulho, veremos o que define poesia e o que define poema. A poesia não é uma manifestação exclusiva da literatura, ao passo que o poema se realiza como texto literário.

Segundo Norma Goldstein (2011, p. 64), a poesia pode estar presente em muitas e diversas obras de arte, como peças de teatro, balés e musicais, pinturas e esculturas, fotografias e filmes, ou seja, a poesia não é somente o texto escrito em versos. Algumas obras são consideradas poéticas porque têm a capacidade de provocar nas pessoas um convite à releitura e a uma interpretação individual.

A poesia pode estar presente na literatura e também em outras variadas obras artísticas. A poesia é caracterizada por despertar, seja no leitor, no ouvinte ou no espectador, uma gama de reações e de sentimentos com múltiplos significados, os quais são dependentes do modo como ele se relaciona consigo mesmo e com o mundo em que está inserido. Essas reações e sentimentos, por exemplo, podem ser de estranheza ou de encantamento, de apreciação e gozo ou de repulsa e indiferença. São, portanto, reações muitas vezes ambíguas, outras vezes inequívocas ou mesmo unívocas ao pretendido pelo autor ou pintor ou escultor. Assim, podemos entender que a poesia não se prende a uma forma definida, fixa e comportada, mas

que é algo como uma essência informe e envolvente que se manifesta livremente e pode ser livremente percebida em obras artísticas variadas e diversas.

O poema, por outro lado, possui uma estrutura alicerçada na palavra, que pode ser escrita ou dita. Ademais, enquanto texto escrito em forma de versos, o poema pode apresentar metrificação ou não, ter rimas ou não, possuir conjuntos de versos reunidos em estrofes ou não etc. Em síntese, o poema é uma estrutura sobre a qual o poeta age para criar seu texto literário. A poesia, por outro lado, pode ser entendida como uma manifestação sutil que é percebida pelo contemplador.

De acordo com Aguiar e Silva (2007, p. 11), foi a partir do século XVIII que o termo *poesia* passou a estar circunscrito a dois casos: no primeiro, relacionado ao domínio de uma produção literária particularizada e, no segundo caso, alargando-se para englobar tudo aquilo que diz respeito ao belo artístico ou natural, indo além da literatura. Prosseguindo, afirma esse autor que

> [p]oesia passou a designar prevalentemente os textos literários que apresentavam determinadas características técnico-formais ou então passou a designar uma categoria estética susceptível de qualificar quer obras artísticas não-literárias, quer determinados aspectos e manifestações da natureza ou do ser humano (Aguiar e Silva, 2011, p. 12-13).

Com o tempo, os textos literários que tinham em comum certas características, tanto relativas à técnica composicional quanto à forma, passaram a ser enquadrados dentro de uma categoria específica da literatura, a qual é chamada poesia. É preciso, contudo, certa prudência quanto a essa categorização, sob o risco de considerar poesia tão somente os textos que são estruturados em versos. Goldstein (2011, p. 64) esclarece que pode haver na literatura poesia na prosa e prosa poética. Indo além, ela esclarece que "o poema em prosa é um texto completo, com características semelhantes às dos poemas, mas, em vez de ser escrito em versos, tem a escrita sequencial em prosa" (Goldstein, 2001, p. 64). Já a prosa poética indica trechos pequenos cuja organização é similar à do poema, escritos em prosa e inseridos em textos de outro gênero, estes últimos escritos em prosa não poética.

Ainda que em suas origens o poema tenha estado preso a formas fixas, com regras para sua composição que determinavam como devia ser feita a metrificação, isto é, como é a medida e a estrutura do verso, com o passar do tempo esses parâmetros foram sendo rompidos,

especialmente a partir dos movimentos vanguardistas que surgiram na transição do século XIX para o século XX. Com isso, o poema pôde, inclusive, saltar do suporte da escrita em papel para outros meios. Cabe mencionar, por exemplo, a poesia visual, cujos poemas têm versos que se associam a uma determinada imagem, combinando, dessa maneira, as palavras e a sugestão visual. Outro exemplo é a poesia concreta, a qual associa elementos diferentes entre si, como cartazes e objetos ilustrados. Nos poemas concretos, as criações podem até mesmo ter um caráter lúdico em que é possível alterar ou desmembrar palavras para criar inversões resultantes em novos sentidos. Nesse sentido, cabe lembrar Salete de Almeida Cara (1989), quando diz que "a poesia nunca gostou dos esquemas classificatórios, já que sua natureza não se presta a encaixes dóceis em modelos previamente constituídos (Cara, 1989, p. 5).

Na literatura, conforme o senso comum, normalmente há uma natural associação entre poema e poesia e entre esta última e o lirismo. Vamos, entrementes, ir um pouco mais além do senso comum para falar sobre lirismo e poesia lírica. Para isso, buscamos nos apoiar em Aguiar e Silva (2011, p. 583), quando diz que o poema lírico não busca representar o mundo exterior e objetivo, nem a interação do ser humano e desse mundo externo a ele, uma vez que a poesia lírica não anseia e nem precisa representar ou descrever a realidade. O autor do poema lírico – que é o que chamamos de eu lírico – não tem e não precisa se comprometer a representar para o outro aquilo que lhe é exterior. O autor do texto lírico está, antes de tudo, implicado em identificar-se com a revelação do homem e do ser, embora, evidentemente, esse poeta não pode nem deve alienar-se do mundo caindo em pura e total introspecção. Para Aguiar e Silva (2011),

> [o] acto poético é o empenho total do ser para a sua revelação. Este fogo de conhecimento, que é também fogo de amor, em que o poeta se exalta e consome, é a sua moral. E não há outra. Nesse mergulho do homem nas suas águas mais silenciadas, o que vem à tona é tanto uma singularidade como uma pluralidade (Aguiar e Silva, 2011, p. 583).

Assim, podemos entender que a poesia lírica é constituída por poemas cujo eu lírico volta-se introspectivamente para seus mais íntimos recantos numa ânsia por conhecimento de si, por consumir-se de amor e por revelar-se ao outro com alma desnuda, consumida e exaltada. Esse processo resulta em imagens e sons de indescritível beleza, realizando-se, assim, a estética literária sobre a qual tratamos anteriormente. Além disso, conforme salienta Cara (1989),

> [o] lirismo é uma maneira especial de recorte do mundo e do arranjo da linguagem. Pode até ser que existam temas considerados mais líricos ou menos líricos, em função das expectativas de produção e leitura que, em cada tempo histórico, criam predisposições específicas em autores e leitores (Cara, 1989, p. 7).

Da mesma forma que a história da humanidade não é uma sucessão contínua de eventos desconectados do espaço e do tempo, o mesmo ocorre com a literatura e, por conseguinte, com a poesia. Cada época tem suas ideias e expectativas, as quais exercem influência tanto na escrita quanto na leitura de textos literários. Assim podemos entender a questão de o lirismo se manifestar mais em determinados temas do que em outros a depender da época e do local da sociedade.

Em tempo, etimologicamente *lirismo* está relacionado ao termo *lírico*, o qual, por sua vez, vem da palavra *lira,* que designa um antigo instrumento musical de cordas utilizado para acompanhar o canto. A poesia lírica, portanto, relaciona-se com esse cantar para o outro, num movimento em que o cantor age sem interagir com a plateia, cujo papel é extasiar-se com o canto.

Outro ponto a considerar é que a poesia possui um caráter bem marcante de oralidade. No exemplo anterior do cantor cantando para uma plateia já se percebe essa oralidade. A própria estrutura do poema em versos, estrofes, rimas e repetições denota essa oralidade que existe e persiste no texto literário poético. Quando emprestamos nossa voz à voz do eu lírico durante a leitura de um poema, ainda que seja esta silenciosa, tal leitura ocorre como se as palavras lutassem para saltar da mente e ganhar sons físicos.

Nos dizeres de Osakabe (2005, p. 49), “a poesia produz no leitor, como qualquer obra de arte, uma percepção nova sobre determinada experiência, ou constitui ela própria uma experiência sempre renovada, como se guardasse sempre o frescor de sua criação” (Osakabe, 2005, p. 49). Essa capacidade de experimentar o novo que, sem dúvida alguma, os adolescentes possuem, aliada ao fato de a poesia sempre estar se renovando ao ser lida, certamente é um aspecto importante quando se pretende que exista uma interação e um encantamento entre estudantes e textos literários.

Poesia e voz são interdependentes e, mesmo no poema impresso, a necessidade da voz audível ou interna se faz necessária no ato de manifestação poética. Consideremos, pois, a questão da definição da oralidade como manifestação da voz.

A oralidade se refere ao uso da língua natural que, ao produzir sons os quais, articulados e combinados, formam unidades sonoras possuidoras de sentido, possa definir e expressar o mundo ao qual pertence o sujeito. Essa produção sonora é constituída de muitos e variados gêneros de textos orais, os quais podem ser acompanhados de gestos e expressões ou movimentos corporais que contribuem para uma melhor compreensão daquilo que se pretende expressar. Assim, por se tratar do uso da língua, todos os povos e culturas desenvolveram e possuem manifestações culturais baseadas na oralidade. Além do mais, em muitas sociedades coexistiram oralidade e escrita em épocas históricas diversas.

Contudo, vamos nos ater à proposição de Zumthor (2018), que consideramos mais adequada a este trabalho, que em vez de oralidade utiliza o termo *vocalidade*, mais adequado para definir a voz viva que o corpo produz e que a ele se une para se manifestar como uma presença sonora, gestual e, em última análise, também cênica. Essa voz viva corresponde, assim, à manifestação física expressa em sons significativos, movimentos gestuais coordenados e presença cênica, e a essa voz viva podemos chamar de palavra poética.

Inicialmente, a vocalidade estava restrita ao momento de sua manifestação, melhor dizendo, a voz produzida e emitida alcançava o ouvinte e, em seguida, dissipava-se, dependendo totalmente, do sujeito que a produzia e daquele tempo específico. O surgimento e o desenvolvimento de métodos de escrita permitiu a possibilidade de se registrar a voz num suporte que pudesse, depois, ser lido para outros ou solitariamente. Esse registro escrito acabou por desvalorizar a vocalidade do texto literário, especialmente nas sociedades pautadas por visões eurocêntricas e grafocêntricas. Posteriormente, com o aparecimento de tecnologias que permitiram o registro gravado da voz, esta passou a ser comparável à escrita em certos aspectos, uma vez que aboliu a presença de quem a produziu e pode ser indefinidamente repetida, além de não necessariamente depender de uma referência espacial.

Embora esse ressurgimento da energia vocal seja, por assim dizer, um pouco forçado, é válido considerar que isso acontece numa época em que as mídias audiovisuais entremeiam praticamente todos os espaços sociais contemporâneos, suplantando a secular hegemonia da

escrita nas sociedades ocidentais sobre a voz. A voz, agora abstrata, pois não mais depende de um sujeito locutor fisicamente presente, novamente se faz ouvir repetidas vezes indefinidamente mundo afora.

A voz está intimamente ligada a um corpo e, ao tratarmos sobre literatura, há que se pensar sobre qual é o papel desse corpo na leitura e na percepção do literário. Nos dizeres de Zumthor (2018), "é ele [o corpo] que eu sinto reagir, ao contato saboroso dos textos que amo; ele que vibra em mim, uma presença que chega à opressão. O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos" (Zumthor, 2018, p. 25). Nesse contato saboroso com o texto, que mais uma vez podemos chamar de interação, agem e reagem os sentidos físicos para que se realize a fruição literária. O texto literário, assim, torna-se provocativo, pois desperta e exige reação por parte de quem lê. Diante do leitor, o texto já não é mais algo inerte, mas algo vibrante, presente e, por que não dizer, opressor no sentido de que força uma reação violenta de concordância ou de discordância.

O ato de leitura, em si, é uma operação abstrata, uma vez que ele faz uso de sentidos físicos e capacidades intelectuais que agem na decodificação de um conjunto de sinais gráficos. No entanto, a partir do momento em que a leitura deixa de ser tão somente decodificação de sinais gráficos, ela assume a propriedade de dar ao leitor "um prazer, o qual emana de um laço pessoal estabelecido entre o leitor que lê e o texto" (Zumthor, 2018, p. 26) que é lido. Dessa forma, esse prazer que o leitor sente ao ler constitui o principal critério de poeticidade (literariedade), pois, conforme diz Zumthor (2018),

> pode-se dizer que um discurso se torna de fato realidade poética (literária) na e pela leitura que é praticada por tal indivíduo. Mais do que falar, em termos universais, da "recepção do texto poético", remeterá, concretamente, a "um texto percebido (e recebido) como poético (literário)" (Zumthor, 2018, p. 26).

Para a humanidade contemporânea, "a leitura responde a uma necessidade, tanto de ouvir quanto de conhecer" (Zumthor, 2018, p. 56), pois nela o corpo se recolhe para escutar uma voz que lhe permite reencontrar uma sensibilidade ancestral.

Estabelecidas, assim, as relações entre corpo, voz, leitura e texto literário-poético, consideremos como podem interagir de modo performático. A performance está relacionada à natureza do meio em que ela se realiza, isto é, pode se realizar através da oralidade e da

gestualidade, sendo que essas naturezas são intercambiáveis. De acordo com Zumthor (2018), pode-se dizer que o ato performático está ainda relacionado a um ritual, tendo-se em vista que cada movimento gestual ou oral se desenvolve em função de um ordenamento necessário e previamente definido. Mais do que isso, a performance, tida como acontecimento oral e gestual, é uma realização concreta e uma concretização ordenada, dentro de um determinado espaço e tempo, de atos que se manifestam em um corpo vivo e vibrante, de modo que algo que se reconhece passe da virtualidade à atualidade presente e real. Nesse processo, a performance, ao mesmo tempo em que cria, também modifica o conhecimento do que ela mesma transmite. Em síntese, a performance é ação do corpo como criador, transmissor e modificador de uma manifestação artística, sendo ela, portanto, "ato de presença no mundo e em si mesma [porque] nela o mundo está presente" (Zumthor, 2018, p. 62).

Nesse sentido, a poesia, como manifestação literária, pode também ser entendida como um ato performático. Portanto, pode ser percebida "uma convergência profunda entre performance e poesia, na medida em que ambas aspiram à qualidade de rito" (Zumthor, 2018, p. 43). Podemos depreender, assim, que as atividades artísticas, de modo geral, pautam-se em rituais, compostos por determinados elementos alinhados tanto a sequência quanto a tempo para que se realizem.

Paul Zumthor (2018, p. 44) propõe uma definição extremamente pertinente a respeito do ordenanamento das atividades artísticas. Segundo ele, são necessários três elementos convergentes, os quais constituem toda a literatura e, portanto, também a poesia, em sua universalidade. O primeiro elemento é composto pelos produtores de textos, os quais fabricam objetos que podem ser qualificados de poéticos ou literários. O segundo é composto pelo conjunto de textos, os quais são considerados pelo meio social como possuidores de valor poético ou literário por si próprios. E, o terceiro, a participação de um público que possa receber esses textos como são, isto é, como textos produzidos por um determinado grupo e que foram considerados artísticos. Estes três elementos articulam-se entre si por um ritual, isto é, "textos identificados como tal, produtores assim identificados, público iniciado" (Zumthor, 2018, p. 44).

E, por último, e talvez o mais pertinente em nosso trabalho, é preciso considerar que a performance se liga ao corpo e, através dele, liga-se ao espaço. Começamos, assim, a entender que há uma relação ou noção de teatralidade entre performance e texto poético, entre o gestual

e o encenado. Indo mais além, há uma relação entre a produção e a recepção, seja do ato performático seja do texto literário.

Poesia, música e dança, nos tempos primitivos, compunham um conjunto que se ligava à magia (Zumthor, 2018, p. 57) e que, dessa forma, precisava evidentemente de um corpo através do qual podia manifestar-se artisticamente ao criar uma cena ou durante o ato de ler. O poema, assim, passa a se materializar numa cena através de uma performance, agregando a si, além da vocalidade, elementos gestuais característicos do gênero dramático.

Como vimos anteriormente, a leitura também se utiliza do corpo, mas, nesse caso, ela se realiza no interior do corpo para chegar à compreensão que se dá na mente, ou no espírito, para nos mantermos fieis à expressão utilizada por Zumthor (2018). Indo além, podemos entender que "o modelo teatral, em nossa cultura, *representa* toda poesia, na própria complexidade de sua prática" (Zumthor, 2018, p. 57).

O texto teatral, embora proceda de um texto escrito, requer a voz, o gesto e a expressão de quem o interpreta, isto é, requer um corpo que lhe dê existência física. E não somente requer esse corpo, ou corpos, mas também cenário e figurino, ordenamento espacial e temporal. Todo esse conjunto de elementos, composto por texto escrito, marcações espaciais e temporais, voz, cenografia e expressividade gestual, é capaz de levar aos espectadores uma percepção e identificação circunstancial através da escuta e da visão para que, dessa forma, esteja composto o ritual, ao qual podemos chamar de teatralidade.

Nesse sentido, encontramos mais esclarecimentos através das palavras de Augusto Massi ao se referir aos estudos de Paul Zumthor, quando diz que

> em torno da poesia oral afirmam que a presença do corpo estabelece um contato entre o intérprete e o ouvinte, somos tocados pela sua voz e até pelo seu silêncio. A linha divisória é mínima. Não basta ouvir a voz, a presença corporal do intérprete pode ser potencializada pelas expressões do rosto, pela gestualidade das mãos, pelas roupas que veste, pelo espaço cênico no qual se move. O encadeamento de todos os elementos é o que subsistirá em nossa memória conferindo à experiência estética do ouvinte uma sacralização da voz do poeta (Massi, 2015, p. 632).

Assim considerado, podemos perceber que o poema, por sua natureza primitiva ligada à voz (vocalidade) possui, em essência, uma conexão inseparável com a teatralidade a qual o

permeia e o arranca da escrita para a cena performada. A simples leitura de um poema em voz alta pode exigir do leitor elementos básicos como entonação e pausas, os quais remetem à atuação para um determinado ouvinte. Temos, assim, um exemplo dos mais básicos que nos mostra o vínculo entre poema e teatro, ou melhor, entre poesia e teatralidade. Isso acontece porque "ao ato de ler integra-se um desejo de restabelecer a unidade da performance, essa unidade perdida para nós, de restituir a plenitude por um exercício pessoal, a postura, o ritmo respiratório, pela imaginação" (Zumthor, 2018, p. 62). Assim, a poesia, em sua manifestação como poema, encontra-se ligada ao corpo criando um elo entre poeticidade e sensorialidade. Nessa conexão, a voz tem papel primordial, pois, nos dizeres de Zumthor (2018, p. 80), "a leitura do texto poético é escuta de uma voz. O leitor, nessa e por essa escuta, refaz em corpo e em espírito o percurso traçado pela voz do poeta: do silêncio anterior até o objeto que lhe é dado, aqui, sobre a página".

No corpo do poeta a poesia se materializa e se torna poema, faz uso das mãos e da voz dele para falar de um eu lírico que anseia o encontro com o outro que para ele volte os olhos e aguce os ouvidos. Poeta homem, poeta mulher... não importa. Somente importa a poesia que flui das mãos de quem tece o poema assim como tecelões tecem entrelaçando fios e criando tramas. Poesia que se materializa em palavra escrita e falada, em código a ser decifrado através dos olhos atentos e em voz a ser escutada através de ouvidos encantados.

Fotografia 1: Adélia Prado

Fonte: Divulgação/Biblioteca Nacional, 2025.

Assim, finalmente, chegamos a uma cidade sobre as colinas do centro-oeste de Minas Gerais, chamada Divinópolis, onde há muito tempo uma poeta disse que trem de ferro é coisa mecânica que atravessa a noite, a madrugada e o dia, e que também atravessa a vida, já que atravessou a dela[3]. O nome da poeta, Adélia Prado. Carregando bagagem cheia de coisas da vida, de trens que povoam as memórias, de saberes sobre o amor desejado e a ausência sofrida, ela segue mundo afora, indo muito além das montanhas mineiras, chegando a terras d'além-mar.

Escritos e impressos, os poemas de Adélia Prado parecem saltar do papel e ganhar voz ao serem lidos. Não se contentam com a leitura silenciosa, mas querem voz, boca, gestos e expressões faciais para serem completos. Aqui são oportunas as palavras de Fernanda Montenegro, à época do monólogo *Dona Doida*, de 1987, espetáculo criado a partir de poemas de Adélia Prado, ao dizer que "há poetas que devem ser lidos em silêncio, ou melhor, todos os poetas devem ser lidos em silêncio. Mas alguns são muito vigorosos quando verbalizados, ditos em voz alta" (Fernanda Montenegro *apud* Massi, 2015, p. 631)[4]. Essa intensidade vigorosa ou esse vigor intenso que há na poesia adeliana clamam por palco e plateia. O poema salta do texto literário escrito para a performance do texto teatral encenado como num processo natural de continuidade no qual literariedade e teatralidade se mesclam com perfeita maestria.

Adélia Prado teve forte conexão com o teatro e, certamente em razão disso, seus poemas possuem um apelo quase que instintivo pelo palco. A oralidade, ou melhor, a vocalidade, é característica perceptível em sua obra. Como afirma Massi (2015) ao se referir a essa tendência dramática na obra adeliana,

> [a] atividade teatral reunia antigas aspirações hoje presentes em sua obra: forte oralidade, destreza para reencenar o cotidiano, presença do erotismo e, por fim, a própria noção de representação. Tudo somado – declamar, ensinar, representar –, Adélia construiu uma *persona* poética (Massi, 2015, p. 630).

Nessa persona poética, como diz Augusto Massi (2015), é como se houvesse um monólogo dialógico com o público. É como se o eu lírico conversasse com o leitor, que se torna sua

[3] Alusão ao poema "Explicação de poesia sem ninguém pedir" (PRADO, Adélia. **Bagagem**. 46 ed. Rio de Janeiro: Record, 2023, p. 48).
[4] MASSI, Augusto. Móbile para Adélia Prado. In: PRADO, Adélia. **Adélia Prado:** poesia reunida. Rio de Janeiro: Record, 2015.

plateia, embora seja uma plateia que apenas ouve. É um diálogo que se faz pela voz do eu lírico, de um lado e, por outro, pelo silêncio atencioso do leitor/plateia que se prontifica a escutar. Existe, portanto, um tom de conversa entre poeta e leitor, que se presentifica a cada leitura. Assim, a oralidade, ao tomar para si a necessidade da voz para a plenitude do poema, passa a ser elemento de um ritual que celebra e atualiza essa mesma voz. O texto adeliano, assim em tom de conversa que assume elementos transcendentes, se materializa, se potencializa e penetra em quem se lhe abre e o recebe.

A dramaticidade presente na obra de Adélia Prado, termo este entendido como uma qualidade ou característica do drama no sentido de gênero dramático, ou seja, o gênero teatral, foi essencial para que pudéssemos estabelecer o elo entre o gênero lírico – poemas lidos pelos estudantes em sala de aula – e o gênero dramático – poemas encenados pelos estudantes no palco teatral. A escolha dos poemas utilizados em sala de aula no decorrer das atividades levou em conta justamente essa possibilidade dramática, que pode ser percebida enquanto são lidos, mesmo que numa leitura silenciosa. Quando se empresta a voz ao eu lírico adeliano, é como se houvesse uma apoteose manifestada num diálogo entre o texto e o leitor.

Enfim, depois de tudo o que aqui expusemos, somos consonantes a Candido (2011) ao defendermos que o direito à literatura deve ser de fato entendido como um direito básico do ser humano e, nesse sentido, faz parte das finalidades da escola garantir e permitir que os estudantes tenham acesso a textos, tanto narrativos quanto poéticos, de autores variados da literatura brasileira e também da literatura de outros países.

CAPÍTULO 2: CAMINHADA

> "A atividade teatral reunia antigas aspirações hoje presentes em sua obra: forte oralidade, destreza para reencenar o cotidiano, presença do erotismo e, por fim, a própria noção de representação. Tudo somado – declamar, ensinar, representar –, Adélia construiu uma persona poética."
>
> Augusto Massi, *Móbile para Adélia Prado* (posfácio), p.630.

A escola, como espaço de formação em saberes, proporciona aos alunos o contato com o conhecimento e, a partir desse contato, possibilita-lhes o desenvolvimento em diversas áreas. Mais especificamente na área de linguagens, no ensino de língua portuguesa, os alunos têm contato com a produção literária de vários autores, como mencionamos anteriormente. Assim, tendo em mente este princípio norteador, desenvolvemos esta proposta de trabalho em sala de aula, concretizada através de um projeto de pesquisa de natureza aplicada, sob abordagem qualitativa, cujos parâmetros nortearam o processo durante sua aplicação, ou seja, os procedimentos característicos da pesquisa-ação, os quais constituem a intervenção de ensino, bem como a forma como os dados registrados em diário de campo foram discutidos e analisados.

2.1 Era uma vez no oeste de Minas

Levando em conta a necessidade de clareza para uma melhor contextualização da escola em que nossa proposta foi aplicada, consideramos bastante pertinente apresentar breves informações sobre Santo Antônio do Monte.

Santo Antônio do Monte é uma cidade localizada na mesorregião Oeste de Minas, no estado de Minas Gerais, cujo bioma predominante é o cerrado em altitudes médias de 1000 metros acima do nível do mar. A formação da cidade deu-se a partir de meados do século XVIII, quando portugueses, notadamente aqueles oriundos dos Açores, começaram a se estabelecer na região a partir de cidade de Pitangui em busca de novas terras para povoamento. O município possui área territorial de 1.125,78 km², dos quais 7,28 km² constituem a área urbanizada. A sede urbana do município possui ligação rodoviária pavimentada com as cidades vizinhas de Pedra do Indaiá, Divinópolis, Lagoa da Prata, Bom Despacho e Araújos, bem como acesso à rodovia estadual MG-050 e às rodovias federais BR-262 e BR-354. A distância de Santo Antônio do Monte até Belo Horizonte é de cerca de 180 quilômetros.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Santo Antônio do Monte em 2024 era de 28.358 habitantes, o que a colocava na 1236º posição comparada aos 5571 municípios brasileiros e na 127ª posição em comparação aos 853 municípios mineiros. Desse total, 16.965 pessoas se declararam brancas, 1.758 pretas, 22 amarelas, 8.542 pardas e 4 indígenas. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), referente ao ano de 2010, era de 0,724, considerado alto.

Em 2022, havia 1.264 empresas estabelecidas no município. O salário médio mensal dos trabalhadores formais, referente ao ano de 2022, era de 1,7 salários mínimos, sendo que havia, naquele ano, 6.604 pessoas ocupadas, o equivalente a 24,1% de pessoal ocupado na formalidade. O PIB *per capita*, referente ao ano de 2021, era de R$ 29.473,46. Com isso, em comparação com os demais municípios mineiros, Santo Antônio do Monte ocupava a 221ª posição e, em comparação com os demais municípios brasileiros, a 2182ª posição. A frota de veículos automotores domiciliados no município, no ano de 2024, era de 21.699.

Em Santo Antônio do Monte, há uma unidade de pronto atendimento (UPA) e um hospital filantrópico, sendo que este último disponibiliza 56 leitos para internação hospitalar. A taxa de mortalidade infantil, referente a 2022, era de 13,33 óbitos por mil nascidos vivos. Conforme dados do ano de 2010, 87,9% da população têm acesso a esgotamento sanitário adequado e 9.641 residências recebem água tratada. Não conseguimos obter, no entanto, o número total de residências existentes na cidade.

A Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão, onde foi aplicada a proposta didática de que trata nosso trabalho, oferece ensino para as séries finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano nos turnos matutino e vespertino, e Ensino Médio no turno matutino. Está localizada na área central de Santo Antônio do Monte, município da região centro-oeste de Minas Gerais, sendo que, de acordo com dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para o ano de 2024 a população estimada da cidade é de 28.358 habitantes. Também conforme informação desse órgão governamental, o indicador Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para os anos finais do ensino fundamental da rede pública referente ao ano de 2023 é 5,4 para Santo Antônio do Monte.

No município de Santo Antônio do Monte, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade em 2010 era de 94,5%, conforme dados referentes àquele ano, os quais são os mais recentes

encontrados e disponibilizados no portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O indicador IDEB dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública, referente a 2023, era de 6,7, o que colocava o município em 781º lugar em comparação com os 5570 municípios do país, em 100º em comparação com os 853 municípios de Minas Gerais e em 5º lugar em comparação com os 20 municípios da região geográfica imediata de Divinópolis. Para aquele ano, o indicador IDEB dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública, em nível nacional, era de 5,7.

Para os anos finais do ensino fundamental da rede pública, o indicador IDEB de Santo Antônio do Monte era de 5,1, de acordo com dados de 2023. Em comparação com os outros municípios brasileiros, a cidade estava na 1695ª posição e, em relação aos demais municípios mineiros, ocupava a 154ª posição. Dentro da região geográfica imediata de Divinópolis, ocupava a 6ª posição no ranking. Também para aquele ano, o mesmo indicador IDEB nacional era de 4,7.

Em 2023, havia em Santo Antônio do Monte 3.070 estudantes matriculados no ensino fundamental e 848 matriculados no ensino médio. Distribuídos nas 15 escolas de ensino fundamental e nas 4 escolas de ensino médio, em 2023 havia 251 docentes, dos quais 168 atuavam no ensino fundamental e 83 no ensino médio. Os anos iniciais do ensino fundamental são ofertados em escolas públicas municipais e em apenas uma escola pública estadual. Já os anos finais do ensino fundamental são ofertados somente em escolas públicas estaduais, da mesma forma que o ensino médio também. Há 3 escolas particulares em Santo Antônio do Monte que oferecem ensino fundamental I e II e também ensino médio; todavia, não conseguimos localizar dados estatísticos referentes a elas em fontes públicas confiáveis.

Prosseguimos, após essas informações as quais consideramos relevantes para a contextualização de nossa proposta, retomando nosso ponto inicial, quer seja, a aplicação em sala de aula. Assim, após ter percebido através da experiência docente que, de uma maneira geral, os alunos da escola em que lecionamos, isto é, a Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão, não têm tido atividades de ensino de poesia que sejam mais abrangentes e envolventes, consideramos a possibilidade de desenvolver uma proposta didática que pudesse suprir essa lacuna, a qual fosse voltada especificamente para o poema. Os poemas

selecionados fazem parte das obras *Bagagem*, *Terra de Santa Cruz* e *Oráculos de maio*, todas de Adélia Prado, respectivamente publicadas em 1976, 1981 e 1999. Da ideia inicial de desenvolver atividades abrangendo apenas o gênero lírico, surgiu a possibilidade de retextualização para o gênero dramático dos poemas selecionados para a leitura em sala de aula, uma vez que os mesmos mostram aspectos em que a teatralidade é predominante.

Além da fruição do texto literário poético, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver algumas das habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) relacionadas à interpretação e à compreensão textual sobre as quais já nos referimos, pois "todos os textos, falados ou escritos, são empregados em uma situação de comunicação entre dois ou mais interlocutores" (Goldstein, 2006, p. 7) sendo que "as condições de produção têm de ser consideradas para o texto ser bem compreendido" (Goldstein, 2006, p. 7). Por isso, as atividades que foram desenvolvidas abrangem etapas que se inter-relacionam para que os poemas pudessem ser lidos e compreendidos e, posteriormente em uma última etapa, pudessem ser apresentados em palco pelos alunos da turma de 9º ano anteriormente mencionada.

Assim, ao participar ativamente e responsivamente de cada atividade das etapas de leitura, isto é, antes, durante e após, e também das atividades de escrita, os alunos puderam, ao final do processo, expressar sua compreensão dos textos e os possíveis diálogos destes com a contemporaneidade e o cotidiano, bem como retextualizá-los de forma multimodal para a dramaturgia com sua apresentação no palco, ou seja, com encenação para o público.

A propósito do termo *retextualização*, cabe aqui mencionarmos Maria Flor de Maio Barbosa Benfica (2014), quando ela esclarece: "denomina-se *retextualização* o processo de produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base" (Benfica, 2014, on-line). Assim, estiveram os estudantes realizando esse processo ao efetivar a produção de um novo texto para ser representado a partir dos poemas que eles leram no decorrer das aulas. Ademais, esse processo de retextualização implicou modificações profundas no texto de cada poema, uma vez que, conforme o que propusemos, aconteceram alterações dos propósitos comunicativos e também dos gêneros envolvidos nas atividades feitas pelos estudantes (Benfica, 2014, on-line).

Em tempo, é pertinente uma definição sucinta sobre os gêneros textuais que foram utilizados nas atividades em sala de aula. O poema é um gênero textual cuja característica mais evidente é sua estrutura em versos, os quais podem estar agrupados em estrofes e, nelas, apresentarem rimas entre si. Para Aguiar e Silva (2007, p. 216), "o poema é um objecto construído, que não nasce da inspiração ou de qualquer misteriosa epifania, mas que resulta de um interminável labor sobre os materiais – a linguagem verbal – que o autor utiliza".

O roteiro teatral, também denominado texto teatral, é um texto que apresenta características específicas, das quais destacamos o enredo, as personagens e respectivas falas, rubricas indicativas de falas, ações e cenários, tempo e espaço em que a história se desenrola, a divisão em atos e cenas, entre outras. Assim, o roteiro é um texto destinado a uma finalidade específica, isto é, à encenação em palco diante de uma plateia.

O relato pessoal é um gênero textual narrativo, de cunho subjetivo, em que o autor pode contar sobre as experiências por ele vivenciadas no decorrer de determinada atividade. De um modo geral, o relato pessoal trata de ações das quais o autor tenha participado ou, ao menos, as quais tenha presenciado. Por isso, é marcado pela forma como o autor viu, experimentou ou sentiu determinado processo e, nesse sentido, está bastante ligado a memórias e reflexões pessoais. Em suma, é a percepção do autor sobre aquilo que ele experimentou.

A poesia de Adélia Prado mostra, no cenário de fluidez dos gêneros discursivos, características típicas dos gêneros lírico, épico (narrativo) e dramático, as quais se mesclam num processo de interação que ora é mais perceptível, ora é mais sutil. É como se, durante a leitura de um poema, viesse instintiva e inconscientemente à tona toda a dramaticidade do eu lírico ao narrar, por exemplo, sobre um sentimento vivido. A leitura do texto se enche de dramaticidade manifestada através de variados sentimentos expressos pelo eu lírico, tais como ternura, serenidade, saudade, perda, ausência, dor, silêncio, repressão e tantos outros, os quais agem como instigadores para que o leitor deseje assumir a voz desse eu lírico e subir num palco diante de uma plateia.

Os poemas de Adélia Prado, mais notadamente os selecionados para este trabalho, são carregados de lirismo, portanto pertencentes ao gênero lírico; algumas vezes contam histórias de momentos e outras falam de lembranças, o que os associa ao gênero narrativo; e, finalmente, apresentam notável grau de dramaticidade, o que os liga naturalmente ao gênero

dramático. Cabe ressaltar ainda que características como a subjetividade da voz poética e a linguagem conotativa, inerentes ao gênero lírico, são percebidas nos poemas selecionados.

Assim, entendemos que a poesia de Adélia Prado é nitidamente marcada pela teatralidade, apresentando características que permitem que seja encenada mesclando-se, dessa maneira, elementos líricos, narrativos e dramáticos.

Para nossa seleção, buscamos poemas que, a nosso ver, dialogam tanto entre si e com o leitor para que fosse estabelecido um fio condutor cujo destino é a encenação em palco. Para que isso fosse possível, voltamos nosso olhar para aqueles que apresentam uma narrativa temporal – começo, meio e fim – na qual se perceba um narrador, ou seja, o eu lírico, em interação ou em relação com um suposto ou pressuposto personagem a quem ele se dirige estabelecendo-se, assim, uma trama que vai aos poucos sendo construída. Nesse ponto, temos, portanto, a percepção de características do gênero épico (narrativo).

Nesse sentido, a poesia de Adélia Prado expressa uma elevada dramaticidade, especialmente no tocante ao relacionamento com o amado do eu lírico. Esta dramaticidade, que é a característica da dramaturgia, conduz inevitavelmente à possibilidade de retextualização do texto poético escrito para o texto dramático encenado. Nos poemas selecionados para a leitura em sala de aula, o eu lírico parece buscar incessantemente um diálogo com o leitor desejando que este o escute falar. E, ao falar, percebemos que o objeto é o amado, esteja ele presente, ausente ou desejado. São oportunos, nesse sentido, os dizeres de Balbino (2003) sobre o relacionamento amoroso presente na poesia de Adélia Prado, ao afirmar que

> [o] relacionamento amoroso puramente humano, nos versos de Adélia Prado, refaz-se dentro dos parâmetros em que o Ocidente o confinou. Surgem, então, nos seus poemas, os temas que toda uma vasta tradição já desenvolveu, como a espera pelo amado, o amor que a tudo alimenta e que a tudo apetece, a submissão feminina no relacionamento amoroso e o erotismo (Balbino, 2003, p. 4).

Além da dramaticidade, há outros elementos de teatralidade nos poemas de Adélia Prado, dos quais citamos como exemplos: tom de conversa, que é característico da oralidade; personagens definidas, presentes em muitos de seus poemas; cenários claros, despojados de excesso de objetos etc.

Por se tratar de um projeto voltado, principalmente, para a leitura, cuja culminância se deu na encenação teatral, consideramos elaborá-lo e aplicá-lo livremente inspirado nas sugestões de situações de leitura desenvolvidas por Rildo Cosson (2009) em *Letramento literário: teoria e prática*. Esclarecemos, contudo, que as situações de leitura propostas por Cosson aqui foram utilizadas livremente como inspiração e norteamento de algumas atividades, mas não nos ativemos rigidamente às etapas por ele sugeridas e, portanto, não se trata de um modelo fechado dentro do qual nos encerramos.

Segundo Cosson (2009), o processo de leitura deve passar por algumas fases bem definidas, que podem ser basicamente sintetizadas em: *pré-leitura*, ou seja, as antecipações que podem ser feitas a respeito do texto, bem como as motivações que preparam o leitor para entrar em contato com o texto; *leitura*, que é o momento em que se busca a decifração e o entendimento do texto; e *pós-leitura,* que propõe a interpretação e a incorporação do texto lido à vida.

Tem-se, a partir daí, a definição de quatro passos: primeiramente, a *motivação*, ou seja, o momento em que se buscará "estabelecer laços estreitos com o texto que se vai ler" (Cosson, 2009, p. 55); em seguida, passa-se à *introdução*, que é quando se "fornecem informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto" que será lido (Cosson, 2009, p. 60); no terceiro passo, faz-se a *leitura* do texto e, no quarto e último passo, passa-se à *interpretação* do texto lido, tendo-se em vista "que por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura" (Cosson, 2009, p. 66).

Além disso, pareceu-nos bastante oportunas as contribuições de Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004) para o desenvolvimento das atividades de leitura e de escrita em sala de aula. Conforme a definição de Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004, p. 96) de que "uma 'sequência didática' é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito", entendemos que, por meio deste nosso trabalho, buscamos construir uma proposta didática inspirada nas ideias desses autores, bem como também no que Cosson (2009) propôs em seu trabalho.

Em nossa proposta didática de ensino de literatura, ao possibilitar que os estudantes do nono ano tenham acesso aos textos poéticos de Adélia Prado, buscamos ecoar as palavras de Paulino (1994, p. 83) quando ela afirma que "a leitura de textos de boa qualidade não precisa

ser uma prática sectária e aristocrática, da qual se acham excluídos milhões e milhões de pessoas", mas uma prática acessível e necessária para que, a partir do contexto da sala de aula, sejam criados hábitos de leitura que possam vir a ser constituintes da vida dos alunos-leitores.

Recentemente, uma querida e estimada leitora nos disse que ficaria bastante interessante falarmos um pouco sobre nossa trajetória e nossa história enquanto docente. Num primeiro momento, tal pedido nos causou admiração, pois, afinal, o que temos de importante a dizer? Certamente, bem comum foi nossa caminhada até os dias atuais. De toda forma, vamos em frente com breves recordações antes de passarmos a falar de como se deu a aplicação de nossa proposta em sala de aula.

Nossa atuação profissional como professor da rede estadual de ensino de Minas Gerais começou em 2013. Inicialmente, como professor contratado e, em 2017, após aprovação em concurso público, nomeado para o cargo de professor de Língua Inglesa na Escola Estadual Virgínio Perillo, da cidade de Lagoa da Prata. Em 2019, também após aprovação em concurso público, nomeado para o cargo de professor de Língua Portuguesa na Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão, da cidade de Santo Antônio do Monte. Ambas as cidades, Santo Antônio do Monte e Lagoa da Prata, ficam no centro-oeste das Minas Gerais.

Nossa graduação em Letras aconteceu entre 2008 e 2011, cursada no Instituto Superior de Educação de Divinópolis (ISED), o qual era mantido pela Fundação Educacional de Divinópolis (FUNEDI), naquele tempo uma unidade associada à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). O ingresso no curso se deu através do Programa Universidade Para Todos (Prouni), mantido pelo Governo Federal.

Além da graduação, temos especialização *latu sensu* em "Docência do Ensino Superior" pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR), a qual foi cursada durante os anos 2012 e 2013. Mais recentemente, em 2022, cursamos especialização *latu sensu* em "Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho", realizada pelo Sistema de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

A compreensão do presente só se torna possível quando se consegue compreender o passado. Assim, nossas experiências do presente como professor têm suas raízes mais profundas desde as primeiras letras que conseguimos aprender a ler e a escrever. Hoje, sendo um professor de

língua portuguesa, caminhos longos temos percorrido, tanto na academia quanto na escola, para chegar a este momento em que encerramos nossa formação como mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Perceber o processo de formação e de atuação profissional como algo contínuo e necessário é essencial à carreira docente. Ademais, é sempre útil tecer reflexões sobre a formação e a atuação profissional como professor, bem como sobre as perspectivas em relação à continuidade da formação acadêmica na área de linguagens e letramento e de literatura.

Somente através dessa compreensão se faz possível o reconhecimento do professor que hoje leciona em escola pública e, mais importante ainda, o fato de ser um profissional que se tornou aluno de um curso de pós-graduação *stricto sensu* na área de Letras. Temos, portanto, consciência clara do papel de formador de novos leitores e novos produtores de texto desde o momento em que iniciamos a carreira docente. Sob essa perspectiva, decorre a responsabilidade em darmos continuidade ao processo de formação como professor, o qual deve ser perene ao longo de nossa profissão.

Filho de pais que moravam na zona rural do município de Santo Antônio do Monte, os quais vinham de famílias cujos antepassados, por motivos ignorados, não tiveram acesso à escola, hoje entendemos o quão importante é a escolarização no sentido de provocar e de promover mudanças valiosas e positivas na vida. Ora, nem nossos avós paternos nem avós maternos sabiam ler e escrever. Entretanto, nossos avós maternos davam uma imensurável importância à leitura, como diziam. Tanto que, na medida de suas possibilidades, fizeram com que os três filhos frequentassem a escola e "aprendessem a ler e a escrever". E passaram para eles essa mesma preocupação, fazendo com que os netos – dos quais somos o primeiro – fossem estudar. Assim, esse foi o motivo de termos nos mudado para a cidade de Santo Antônio do Monte em 1981.

Aprendemos a ler e a escrever as primeiras palavras, antes de entrar para a escola, em um livro chamado *As Mais Belas Histórias*, de Lúcia Casasanta, que fora utilizado por minha mãe durante sua alfabetização. Assim, quando nos mudamos para Santo Antônio do Monte, já tínhamos algumas noções de escrita e, ao sermos matriculados na Escola Estadual Amâncio Bernardes, após uma avaliação feita por uma orientadora, fomos estudar diretamente na primeira série. Foi nessa escola que, então, tivemos contato com a cartilha que se chamava *Os*

Personagens do Bosque, de autoria de Zélia Almeida. Nessa escola estudamos até o quarto ano.

A Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão foi onde cursamos a segunda etapa do então primeiro grau, isto é, a partir da quinta série. E foi essa a escola que mais deixou marcas inesquecíveis! Marcas boas, algumas; ruins, também algumas. Afinal, a vida é feita de histórias bonitas e de histórias tristes e difíceis. Essa escola foi o palco da adolescência e dos primeiros anos de juventude. Por isso, foi uma escola tão marcante. Nela, estudamos durante sete anos, e foram sete anos docemente agradáveis. E nessa escola cultivamos o hábito de frequentar a biblioteca para fazer explorações literárias, desde os clássicos da literatura universal, passando pelos autores canônicos da literatura brasileira e pelos autores da então famosa *Série Vagalume*.

Concluímos o segundo grau em 1991. Embora tivéssemos vontade, naquela época, de começar um curso superior, isso não foi possível de imediato. Em razão da situação econômica pessoal, foi necessário ter que adiar durante alguns anos esse desejo. Em 2007, fizemos a prova do ENEM e, através da nota obtida, conseguimos uma bolsa do Programa Universidade Para Todos (Prouni) para cursar Letras na FUNEDI, cujo *campus*, naquela época, era uma instituição associada à UEMG. A integração completa à universidade estadual mineira se daria após termos finalizado o curso de graduação.

Cabe lembrar que, justamente enquanto estudávamos para vestibulares naqueles anos da década de 1990, tivemos nosso primeiro contato com a obra de Adélia Prado. Num dos manuais de ensino de redação encontrava-se um de seus poemas, que tem por título "Casamento". E foi amor imediato e arrebatador pela obra da poeta divinopolitana.

Os anos correram e, em 2008, começamos a cursar Letras, com formação concomitante em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa. Foram quatro anos de estudos e de muito envolvimento nos eventos acadêmicos da área do curso. Sob a orientação dos professores, escrevemos vários artigos, os quais foram apresentados em seminários de pesquisa da instituição, tendo alguns, inclusive, sido publicados em anais desses eventos. No decorrer da graduação, participamos de três seminários de pesquisa realizados pelos institutos da FUNEDI e, já formados, ainda participamos de outros quatro seminários de pesquisa dessa

mesma instituição. Em todos eles, apresentamos artigos que, em sua maioria, abordavam temas voltados à literatura.

Ao aproximar-se o final do curso de Letras, um grupo de colegas e nós escolhemos como tema para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a literatura produzida por escritoras, o qual teve como título "Mulher e literatura: desconstruindo mitos". Numa abordagem que buscou, em essência, apresentar autoras e fragmentos de seus textos, utilizando exemplos desde a antiguidade até a contemporaneidade, priorizamos a autoria feminina, finalizando com o destaque dado a autoras do centro-oeste mineiro.

O trabalho de pesquisa sobre a escrita produzida por mulheres não parou na conclusão do curso. Posteriormente, em parceria com a mesma orientadora do TCC, professora Helena Alvim Ameno, apresentamos numa das edições do *Colóquio Mulheres em Letras: Literatura e Diversidade*, promovido pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o artigo intitulado *Vozes documentais das mulheres nos textos literários*, o qual foi posteriormente publicado nos anais desse evento. Em tempo, Helena Alvim Ameno e Adélia Prado, conterrâneas e contemporâneas, estiveram bastante envolvidas com atividades ligadas ao teatro em Divinópolis nas décadas de 1970 e 1980.

Assim, o interesse pela escrita de autoria feminina, desde sua manifestação durante os anos de graduação, manteve-se constante e, no decorrer do exercício como profissional docente, permaneceu vivo. Conhecer textos de autoras, tanto canônicas quanto do centro-oeste mineiro, ainda que em fragmentos, tem despertado nos alunos o gosto pela leitura e os tem incentivado a se aprofundarem no conhecimento de obras mais completas. Aliado a esse interesse, sempre buscamos propor-lhes atividades em que também produzam textos, incentivando-os a escreverem, principalmente quando são estudados poemas. Nesse sentido, em 2019 desenvolvemos uma atividade de estudo e de escrita de poemas com as turmas em que lecionávamos, a qual resultou na publicação de um livro. A alegria dos estudantes participantes, ao verem em livro os poemas por eles produzidos, foi um momento de conhecimento de que nosso trabalho como professor de língua portuguesa, de fato, estava contribuindo para a formação participativa dos discentes.

Para o ensino de língua portuguesa, tanto no que se refere aos aspectos gramaticais quanto aos literários, o professor deve buscar se manter atualizado em relação às ciências da linguagem.

Ora, os estudos literários avançam constantemente, novas abordagens são feitas pelos críticos literários, obras canônicas são analisadas, novos autores surgem e, com isso, o ensino de literatura também vai se transformando ao longo do tempo. A obra literária, em si, como texto, pode ser estática; porém, são inúmeras as análises e interpretações que ela desperta ao ser estudada e ser experimentada em sala de aula.

Assim, porque acreditamos nessa necessidade de formação e atualização constantes, podemos dizer que nos sentimos como um peregrino que caminha em sua jornada, descansando quando é preciso, avançando com esforço, mas sempre disposto a caminhar até o fim da jornada. Como um peregrino, cremos que é importante carregar na bagagem das vivências e convivências o significado de empenho e persistência bem como de repouso e descanso.

Nosso modo de pensar converge harmoniosamente, quando tratamos sobre literatura, com o pensamento de inúmeros autores, os quais consideram a literatura como algo fundamental e essencial para a humanidade, entre os quais Antonio Candido (2011) e o Papa Francisco (2024). Assim, nessa convergência, Adélia Prado indubitavelmente tornar-se-ia uma escolha perfeita para ter seus poemas levados para a sala de aula. Em sua obra, o eu lírico parece estar numa constante relação dialógica com o leitor. Não só parece, mas diríamos que há um desejo de conversar, de ser ouvido, de interagir. É como se o leitor fosse o ouvinte pelo qual o eu lírico anseia e a ele pode falar sobre si mesmo. Essa característica bastante interessante sobre a poesia adeliana é algo que ultrapassa, naturalmente, o ato de ler e busca se manifestar em voz e em gestos. Com isso, bastou um passo para saltar da leitura à atuação dramática em palco.

2.2 Apresentando Adélia Prado

Passamos, agora, a contar como se deu a aplicação de nossa proposta de trabalho em sala de aula para que, posteriormente, possamos realizar uma reflexão a partir do que experimentamos e vivenciamos com os estudantes de uma das turmas de 9º ano da Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão, da cidade mineira de Santo Antônio do Monte.

Os estudantes da turma do 9º ano I tiveram, durante a aula de 8 de agosto de 2024, numa quinta-feira, o seu primeiro contato com o projeto “A teatralidade na poesia de Adélia Prado: uma proposta de trabalho em sala de aula”, o qual busca, como já esclarecemos, incentivar e

desenvolver, através da leitura e da escrita, bem como também da retextualização, a apreciação literária de poemas selecionados de Adélia Prado, quando lhes foi apresentada a proposta didática de atividades a serem realizadas majoritariamente em sala de aula no decorrer de dezesseis aulas de cinquenta minutos cada.

Em tempo, cabe esclarecer que o projeto "A teatralidade na poesia de Adélia Prado: uma proposta de trabalho em sala de aula" cumpriu todos os requisitos necessários, como a submissão ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em conformidade com as resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) pertinentes, e tem sua aprovação constante no Parecer Número 6.792.608 daquele órgão deliberativo.

Ao apresentar as atividades no decurso dessa primeira aula e das próximas, os nomes dos estudantes citados foram alterados para pseudônimos, de forma que suas identidades sejam preservadas e seja evitado algum constrangimento para eles. A escolha dos pseudônimos foi feita em alusão ao nome Maria José, mencionado pelo eu lírico no poema "A diva", de Adélia Prado. A partir desse nome composto, optamos por utilizar nomes compostos começando com Maria para as meninas, e nomes compostos começando com José para os meninos, de forma que, assim, os estudantes sejam mencionados ao longo das atividades sem prejuízo de suas identidades. A correlação entre os nomes fictícios e os nomes verdadeiros não será publicada neste trabalho e nem em outros meios.

Inicialmente, informamos aos alunos que estamos cursando, desde 2023, o Mestrado Profissional em Letras (Profletras) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), esclarecendo que se trata de um curso de pós-graduação, ou seja, uma etapa formativa que se estuda após a graduação, em nosso caso o curso de Letras, o qual nos habilitou a lecionar como professor de língua portuguesa e também de língua inglesa. Esclarecemos também que, geralmente, um mestrado tem a duração de dois anos, caso não ocorra nenhuma eventualidade imprevista no decorrer dos estudos.

Nesse ponto, uma estudante, a Maria Rita, perguntou se quem faz mestrado teria que escrever um livro para terminar o curso, ao que respondemos que sim, pois, de certa forma, a dissertação é um livro. Foi oportuno esclarecer que graduação, assim como outras possibilidades de formação, se dá em continuidade ao ensino médio para que o estudante, ao

se formar, possa desempenhar determinadas profissões, as quais exigem formação em nível superior. Como surgiram algumas dúvidas sobre estudos em nível superior, foi necessário esclarecer que há duas modalidades, sendo uma oferecida gratuitamente pelo poder público através de universidades e institutos federais ou estaduais, e outra pela iniciativa privada, sendo que nessa última o ensino não é gratuito.

Duas estudantes, a Maria Helena e a Maria Dolores, perguntaram quais são as universidades existentes nas proximidades de Santo Antônio do Monte e se são gratuitas ou não, ao que lhes foi esclarecido citando algumas lembradas naquele momento e que estão em cidades vizinhas de Santo Antônio do Monte: a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), a Universidade Federal de São João Del Rey (UFSJ) e o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-MG), instituições federais que possuem *campi* em Divinópolis; ainda em Divinópolis há a Universidade Professor Edson Antônio Velano (UNIFENAS), a Faculdade Anhanguera e a Faculdade Una de Divinópolis, estas três últimas instituições particulares. Em Bom Despacho, cidade a cerca de 45 quilômetros de Santo Antônio do Monte, há um campus do Centro Universitário Una; em Formiga, distante cerca de 70 quilômetros, há o Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG), ambos instituições particulares. Finalmente, por curiosidade contei a eles que já houve em Santo Antônio do Monte uma faculdade de administração, a qual fechou faz alguns anos.

Prosseguindo, fizemos uma explanação breve sobre as etapas de leitura, de escrita e de retextualização que compõem o projeto, esclarecendo que todas as atividades desenvolvidas seriam sem custos para os alunos e que, somente com o conhecimento e assinatura do Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) e do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), os produtos resultantes das atividades propostas, inclusive fotografias e filmagens durante suas aplicações, poderiam ser utilizados para análise na dissertação, conforme havia sido informado aos responsáveis anteriormente durante a reunião bimestral de mestres e pais ou responsáveis. Mas, para que não houvesse nenhuma dúvida, foi destacado que não havia obrigatoriedade de participar do projeto, podendo livremente participar ou não. Além disso, esclarecemos que a identidade dos participantes seria tratada pelos pesquisadores com padrões profissionais de sigilo, garantindo o anonimato e o comprometimento de se utilizarem as informações somente para fins acadêmicos e científicos, conforme determina a legislação brasileira (Resoluções Nº 510 de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, e a Lei Federal nº 13.709 de 14 de agosto de 2018).

Esclarecemos ainda que todas as atividades, ou seja, leitura, escrita e retextualização para teatro, tiveram sua aprovação para aplicação em sala de aula feita por uma banca de professores bem como pelos órgãos competentes da Universidade Federal de Minas Gerais, e também pela direção da escola. Além do mais, esclarecemos que as dezesseis aulas destinadas ao projeto poderiam não ser dadas de forma sequencial, para o caso do surgimento de eventos ou atividades curriculares extraordinárias.

Quando se fala em atividades em sala de aula, sempre há estudantes que perguntam se valerão ou não pontos; e não foi diferente nesse primeiro momento, pois logo o José Osvaldo e o José Ronaldo quiseram saber quantos pontos iria valer. Foi necessário esclarecer, contudo, que o foco das atividades não seria a pontuação, mas a participação e o envolvimento dos alunos. Assim, a avaliação se daria de forma contínua no decorrer do processo. No entanto, no decorrer do processo, em consenso, poderíamos escolher uma maneira de pontuação para as atividades realizadas, de forma que todos pudessem igualmente participar.

Ao findar essa aula inicial, tendo sido as dúvidas esclarecidas, propusemos aos estudantes como tarefa de casa fazer uma pesquisa biográfica sobre Adélia Prado, para ser lida em uma das próximas aulas. A critério de cada um, eles poderiam apresentar a pesquisa em material impresso, manuscrita ou em formato digital, conforme a preferência e os meios de que dispusessem. Como sugestões de *sites* para fazerem a pesquisa, indicamos alguns nomes como *Ebiografia*, *Brasilescola*, *Infoescola*, *Instituto Ling* e *Wikipedia*, deixando claro que se tratava de apenas sugestão e que poderiam utilizar outras fontes caso assim o desejassem. Não havendo a possibilidade de fazer a pesquisa de forma virtual, a bibliotecária da escola estava à disposição para prestar o auxílio necessário para fazer a pesquisa a quem precisasse.

Como estavam sendo realizados os jogos de futebol interclasse no decorrer da segunda e da terceira semanas de agosto, foi possível retomar as atividades da proposta didática somente na aula do dia 14, numa quarta-feira. Nessa aula, os estudantes assistiram a dois vídeos, os quais foram exibidos em *datashow*. Para a montagem do aparelho de *datashow*, dois estudantes se prontificaram a fazê-la, praticamente disputando entre si quem faria qual parte. Um foi o José Fernando; o outro, o José Ivan. Rapidamente, organizaram a sala, dispuseram a mesa para o aparelho, buscaram cabos que não estavam na caixa e ligaram a extensão na tomada. O protagonismo e o envolvimento dos dois foram notáveis.

O primeiro vídeo exibido, com cerca de quatro minutos e meio de duração, foi a matéria jornalística sobre a premiação recebida por Adélia Prado, cujo título é "Adélia Prado vence o prêmio Camões, o mais importante da língua portuguesa", a qual fora exibida durante o telejornal MG2 da TV Globo de Belo Horizonte e que se encontra disponível no portal G1, com link devidamente referenciado. Além de abordar aspectos da poesia adeliana, a reportagem apresenta esclarecimentos sobre a poeta dados pelo professor Evaldo Balbino, estudioso de sua obra, e também pelo professor Jacyntho Lins Brandão, atual presidente da Academia Mineira de Letras.

Finalizada a exibição deste primeiro vídeo, alguns estudantes fizeram comentários dizendo que não imaginavam que uma autora famosa e premiada morava em uma cidade tão próxima de Santo Antônio do Monte, como Divinópolis é.

O segundo vídeo exibido, "Conheça Divinópolis, uma importante cidade do estado de Minas Gerais", está disponível no Youtube e seu link para acesso encontra-se referenciado. Esse vídeo, com duração de pouco mais de cinco minutos, mostra aspectos relacionados à economia, turismo e cultura de Divinópolis.

Após ter assistido aos dois vídeos, os estudantes fizeram vários comentários, dos quais destaco que alguns disseram ter parentes que moram ou que já moraram em Divinópolis. A maioria disse que já esteve em Divinópolis, seja para consultas médicas, para comprar roupas ou para ir ao *shopping*. Aqui cabe destacar que Divinópolis é um importante polo de manufatura de vestuário e que, por isso, é bastante comum as pessoas de cidades próximas irem fazer compras lá. Além do mais, creio que Divinópolis é a única cidade do centro-oeste mineiro que tem um *shopping* com salas de cinema, o que acaba sendo um atrativo cultural para os moradores da região. Alguns estudantes destacaram justamente esse ponto, ou seja, de já terem viajado a Divinópolis para passear no *shopping* e ir ao cinema.

Conduzindo a conversa com os estudantes, destaquei o fato de que, a partir das informações dadas por eles mesmos, pudemos perceber que há muitas relações entre Santo Antônio do Monte e Divinópolis, e que ambas as cidades acabam por ter contatos em tantas áreas que, na maioria das vezes, mal percebemos. São laços sociais, culturais, econômicos e educacionais os quais se fazem naturalmente devido à relativa proximidade entre ambas. Na aula anterior,

já havíamos conversado sobre as universidades e faculdades divinopolitanas, nas quais muitas pessoas de Santo Antônio do Monte estudam ou nelas já se formaram; nessa aula, acrescentamos mais informações ligadas à parte cultural, econômica e também de saúde. Todas as informações durante as conversas com os estudantes foram sendo colhidas a partir do que eles mesmos iam contando, num movimento em que fomos conduzindo a conversa de maneira que pudessem perceber que, de fato, eles conhecem bastante sobre Divinópolis e que, a partir desse conhecimento, fosse sendo construída uma proximidade e intimidade com a poeta Adélia Prado, antes de se passar à leitura de seus poemas.

Essa segunda aula foi finalizada com a leitura do poema "Tabaréu", integrante do livro *Bagagem*. A leitura foi feita primeiramente pela Maria Helena e, em seguida, pela Maria Dolores. Embora inicialmente este poema não estivesse na proposta, consideramos bastante oportuno adicioná-lo, uma vez que faz referências a Santo Antônio do Monte. Assim, após a exibição dos vídeos sobre a premiação de Adélia Prado e sobre Divinópolis, a leitura de "Tabaréu" pareceu bastante adequada para que os estudantes iniciassem o contato com a poesia adeliana. Vejamos a seguir como o eu lírico se refere a Santo Antônio do Monte nesse poema.

Tabaréu

Vira e mexe eu penso é numa toada só.
Fiz curso de filosofia pra escovar o pensamento,
não valeu. O mais universal que eu chego
é a recepção de Nossa Senhora de Fátima
em Santo Antônio do Monte.
Duas mil pessoas com velas louvando a Maria
num oco de escuro, pedindo bom parto,
moço de bom gênio pra casar,
boa hora pra nascer e morrer.
O cheiro do povo espiritado,
isso eu entendo sem desatino.
Porque, mercê de Deus, o poder que eu tenho
é de fazer poesia, quando ela insiste feito
água no fundo da mina, levantando morrinho de areia.

É quando clareia e refresca, abre sol, chove,
conforme necessidades.
Às vezes dá até de escurecer de repente
com trovoada e raio. Não desaponta nunca.
É feito sol.
Feito amor divino.

Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 78.

Nesse poema, o eu lírico, de maneira autobiográfica, parece estar caminhando pelas ruas de Santo Antônio do Monte da década de 1950. Finalizando a conversa com os estudantes, dissemos-lhes que, conforme recordam moradores antigos, houve essa recepção da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima nos anos de 1950 e que a cidade, naquele tempo, não tinha mais do que três bairros. A Maria Dolores quis saber se a Adélia Prado tinha estado mesmo em Santo Antônio do Monte naquela procissão, ao que esclarecemos que, pelo poema, não podemos saber se de fato ela esteve, uma vez que quem afirma no texto é o eu lírico. No entanto, se considerarmos a religiosidade notadamente católica da poeta, é bem possível que ela tenha participado dessa procissão. A Maria Helena, por sua vez, afirmou que nunca na vida ouviu ou viu a palavra "espiritado". Rapidamente, pedi que alguém, utilizando o celular, consultasse em um dicionário virtual o seu significado, que se refere a uma pessoa agitada, inquieta ou endiabrada. Salvo engano, a consulta foi feita pela Maria Flor ou pela Maria Quitéria, ou por ambas. Quando se trata de pesquisar algo pelo celular, a turma inteira quer fazer isso ao mesmo tempo. Pelo contexto do poema, concluímos que nele "espiritado" provavelmente se refere a povo agitado e inquieto, características típicas de muita gente quando se reúne para procissões.

Começamos a terceira aula, na segunda-feira, 19 de agosto, combinando como seria feita a avaliação e a pontuação das atividades a serem desenvolvidas ao longo da proposta didática. Em tempo, nas segundas-feiras são dadas duas aulas na turma, embora não sejam geminadas. A avaliação, como já havíamos lhes informado anteriormente, seria feita ao longo do processo, envolvendo a participação nas atividades propostas. A pontuação, conforme acordado por eles, após as ressalvas sobre a forma como deve ser feita a distribuição de pontos determinada pela escola, ficou definida no valor de cinco pontos referentes ao terceiro bimestre. Caso a encenação ficasse para ser feita no quarto bimestre, a pontuação referente a

ela seria de cinco pontos também, os quais seriam dados nesse último bimestre o que, de fato, acabou acontecendo.

É pertinente esclarecer que o hiato entre essas aulas se deve, além dos jogos interclasse, à ocasião da Festa de Reinado de Santo Antônio do Monte, um evento de tradição centenária no qual se apresentam grupos de congadas e que, em 2024, ocorreu entre os dias 14 e 18 de agosto. Esse evento deve sua organização a uma entidade de nome Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a qual tem participação bastante expressiva de crianças, adolescentes e adultos. Durante as festividades das congadas, é tradição das escolas de Santo Antônio do Monte incentivarem a participação nos festejos daqueles estudantes que queiram desde que, para isso, manifestem por escrito seu desejo através de declaração emitida pela irmandade.

Antes de dar início à leitura dos poemas, os quais foram entregues em cópias xerográficas gratuitamente para todos os estudantes, falamos-lhes sobre a importância de se ter objetivos bem definidos antes de se fazer a leitura de um texto. Para essa definição de objetivos, pode-se pensar no motivo de, especificamente, o texto lido ter sido escolhido ou sugerido. Por isso, é importante que todos saibam que o objetivo de leitura dos poemas é conhecer, analisar e fruir os textos de Adélia Prado e, além disso, reconhecer neles características, como textos poéticos, que os diferenciam de outras formas de textos.

O poema, enquanto texto literário e poético, tem um propósito de produção e de leitura específicos, que é diferente de outros textos com os quais temos contato. Enquanto tecia essas explicações, acrescentei ainda sobre as características evidentes que o poema apresenta em relação a outros textos, tais como a estruturação em versos e em estrofes, a predominância da abordagem de questões relacionadas às vivências, aos sentimentos, às incertezas etc.

Outro aspecto que consideramos necessário esclarecer é que há uma diferença entre o autor, isto é, o poeta, e o eu lírico, ou seja, aquele a quem o autor empresta sua voz para falar sobre determinado tema. O eu lírico é a voz que expressa a subjetividade do poeta, mas, necessariamente, não reflete de fato aquilo que o autor diz ou é, salvo em poemas de cunho autobiográfico.

Após essas considerações, mostramos à turma os livros *Bagagem* e *Oráculos de maio*, os quais, após tecermos breves comentários sobre o ano em que foram publicados pela primeira

vez e sobre alguns elementos de suas capas, colocamos para circularem entre os estudantes, para que pudessem manuseá-los e folheá-los, ou mesmo ler alguns de seus poemas. A Maria Flor e a Maria Helena demonstraram mais interesse por eles, em relação aos demais estudantes.

Em seguida, passamos à leitura dos poemas "A diva", "Amor feinho" e "A serenata", dizendo-lhes que todos poderiam ler em voz alta qualquer um dos poemas, conforme a ordem necessária para que todos participassem. Antes, porém, perguntamos à turma quais eram suas divas. Surgiram nomes de cantoras de música sertaneja e de *funk*, bem como algumas atrizes nacionais e estrangeiras. A Maria Dolores perguntou se podia falar também dos "divos", isto é, de artistas homens. Tendo ela resposta afirmativa, surgiram mais nomes de cantores sertanejos universitários e de *funk*, além de nomes de influenciadores digitais. Finalizado esse momento em que vários estudantes se manifestaram, passamos à leitura de um poema que fala justamente de uma diva, mas um pouco diferente daqueles nomes citados, já que essa diva é uma personagem do poema "A diva", com a qual o eu lírico conversa e sobre quem narra um determinado acontecimento. Porém, antes de começarmos, todos deveriam fazer a leitura silenciosa de cada um dos três poemas, para o que foi estipulado uns poucos minutinhos.

A diva

Vamos ao teatro, Maria José?
Quem me dera,
desmanchei em rosca quinze quilos de farinha,
tou podre. Outro dia a gente vamos.
Falou meio triste, culpada,
e um pouco alegre por recusar com orgulho.
TEATRO! Disse no espelho.
TEATRO! Mais alto, desgrenhada.
TEATRO! E os cacos voaram
sem nenhum aplauso.
Perfeita.

Adélia Prado, *Oráculos de maio*, 2015, p. 75.

Finalizadas as leituras desse poema, feitas sequencialmente por Maria Pérola, Maria José, José Bento, José Ivan, Maria Mercedes, Maria Helena, José Carlos e José Maria, conversamos sobre alguns elementos interessantes do poema, como as desculpas dadas pela personagem Maria José para recusar o convite de ir ao teatro e sobre os sentimentos que foram despertados nela após a recusa, bem como a reação aparentemente contraditória quando ela se vê sozinha diante do espelho e, nesse momento carregado de emoção, numa atitude performática, embora solitária, ela quebra o espelho. A Maria Dolores e a Maria Rita comentaram que a Maria José, a do poema, trabalhava demais.

Antes de passarmos à leitura de "Amor feinho", lançamos à turma perguntas provocativas sobre o título do poema e sobre o que eles consideravam bonito ou feio, tanto ao se tratar de pessoas quanto de sentimentos ou ações. Surgiram respostas diversificadas, sendo que alguns afirmaram que a beleza está no interior da pessoa, e não na aparência; outros falaram que bonito é fazer as coisas certas e que odiar é algo muito feio. Achamos interessante o fato de que ninguém tenha falado que existe amor que possa ser feinho ou que possa ser bonitinho. Em seguida, passamos à leitura desse poema.

Amor feinho

Eu quero amor feinho.
Amor feinho não olha um pro outro.
Uma vez encontrado, é igual fé,
não teologa mais.
Duro de forte, o amor feinho é magro, doido por sexo
e filhos tem os quantos haja.
Tudo que não fala, faz.
Planta beijo de três cores ao redor da casa
e saudade roxa e branca,
da comum e da dobrada.
Amor feinho é bom porque não fica velho.
Cuida do essencial; o que brilha nos olhos é o que é:
eu sou homem você é mulher.
Amor feinho não tem ilusão,
o que ele tem é esperança:

eu quero amor feinho.

Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 97.

O poema "Amor feinho" foi lido por Maria Quitéria, José Ronaldo, Maria Flor, Maria Celeste, Maria Rita, Maria Dolores, José Fernando, José Eustáquio e José Diogo. Quando chegou a vez de a Maria Antônia e a Maria Bonita lerem, não quiseram ler. Como são bastante tímidas, evitamos causar-lhes possível constrangimento e seguimos com a leitura sendo feita pelo José Quincas e pelo José Paulo.

Finalizada a leitura desse poema, indagamos se, então, já tinham formado uma ideia do que seria um amor feinho. Uma das meninas disse que, então, amor feinho é amor que dura muito e que é bom. Outra falou que é amor que não tem traição. A propósito do beijo de três cores e das saudades mencionadas no poema, tivemos que explicar que são flores de jardim, bastante coloridas e de fácil cuidado. O beijo é bastante comum de se ver hoje em dia em Santo Antônio do Monte; as saudades, não mais.

Logo após esses comentários e esclarecimentos, passamos à leitura do poema "A serenata". Antes, contudo, perguntamos à turma se já haviam visto alguma apresentação de serenata ou mesmo se já tinham participado de alguma. A Maria Dolores e a Maria Rita disseram que achavam bonito ganhar flores, mas serenata nunca tinham visto nenhuma e que achariam meio esquisito um rapaz ir cantar em frente à casa de uma moça. Foi preciso falar que, até por volta da virada do milênio, a coisa mais comum em Santo Antônio do Monte, na véspera do Dia das Mães, era vários grupos de jovens, especialmente aqueles ligados à Igreja Católica, passarem a noite fazendo serenatas para as mães pelas ruas da cidade. Surpreendeu-nos admiração da turma ao saber disso, e ainda mais por ninguém saber que tal costume fora comum na cidade poucos anos atrás. Disseram mais: que hoje em dia ninguém faz mais essas serenatas em Santo Antônio do Monte.

Foi então que explicamos que, em Minas Gerais, era muito comum o costume de se fazer serenatas, especialmente em pequenas cidades do interior. Até hoje, ainda existem grupos de serenatas que se apresentam em ocasiões especiais. A serenata, inicialmente, era um tipo de apresentação musical que era feita para honrar alguém, geralmente uma moça e, por isso, tinha um profundo significado romântico. Em sua origem, a serenata era marcada por

performances executadas à noite, preferencialmente debaixo da janela da moça a quem o cantor se dirigia.

Depois de esclarecermos, portanto, o que era essa performance musical, sugerimos a eles que imaginassem como seria uma serenata, com um rapaz cantando de madrugada diante da casa de uma moça, e que pensassem como seria se, por exemplo, fossem acordados por alguém cantando debaixo da janela.

Sem delongas, avançamos para a leitura do poema, a qual foi feita por Maria Guadalupe, Maria Efigênia, José Ronaldo, José Antônio, José Leonardo, Maria Serena, Maria Otávia, Maria Isabel, José Humberto e José Jacó.

A serenata

Uma noite de lua pálida e gerânios
ele viria com boca e mãos incríveis
tocar flauta no jardim.
Estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:
ou viro doida ou santa.
Eu que rejeito e exprobro
o que não for natural como sangue e veias
descubro que estou chorando todo dia,
os cabelos entristecidos,
a pele assaltada de indecisão.
Quando ele vier, porque é certo que vem,
de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?
A lua, os gerânios e ele serão os mesmos
— só a mulher entre as coisas envelhece.
De que modo vou abrir a janela, se não for doida?
Como a fecharei, se não for santa?

Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 84.

Terminada a leitura, lançamos à turma algumas perguntas, tais como o que poderia ser uma "mulher doida" ou uma "mulher santa", e o que poderia significar as expressões "cabelos entristecidos" e "sem juventude". Para essas duas últimas expressões, vários estudantes falaram que deveria se referir à idade da mulher que fala, ou seja, ao eu lírico ao se referir à sua idade. Já para as duas primeiras, uma das meninas disse que mulher santa seria uma mulher que faz tudo certo. Um dos meninos quis saber se mulher doida seria uma mulher realmente louca, ao que esclarecemos que, pelo contexto mostrado no poema, não se referia certamente à loucura como distúrbio mental, mas ao comportamento do eu lírico ao se confrontar com o amor ou a paixão, ou seja, ao abrir a janela, ela, a mulher, estaria aceitando e retribuindo a serenata que o moço fizera para ela. Perguntamos ainda o que pensavam a respeito de casamento e se consideravam o matrimônio como uma etapa essencial da vida. Surgiram respostas aleatórias do tipo "ainda não penso nisso", ou "nem namorar eu namoro, imagina casar". Um dos garotos soltou "não quero casar, quero é aproveitar a vida". Consideramos as respostas condizentes, afinal, trata-se de uma turma de adolescentes do nono ano, para a qual casamento certamente ainda é algo distante a se pensar ou planejar. Assim, com esses comentários espontâneos feitos pelos estudantes, terminamos a aula.

Para a segunda aula do dia 19, que foi a quarta aula da proposta didática, não houve muitas novidades. Iniciamos a aula solicitando a leitura da biografia que havia sido proposta como atividade de pesquisa a ser feita em casa. A Maria Flor e a Maria Helena se ofereceram para fazer a leitura da biografia. A biografia lida pela Maria Flor estava mais resumida, ao passo que a lida pela Maria Helena foi bastante longa e detalhada, a qual abordou mais aspectos pessoais e literários sobre a vida de Adélia Prado. Finalizada a leitura, perguntamos se alguém mais gostaria de ler. Como ninguém se ofereceu, fizemos comentários sobre as leituras feitas pelas duas estudantes e pedimos que todos localizassem e destacassem em suas pesquisas informações tais como: quando e onde Adélia Prado nasceu; quem foram seus pais e que profissões eles exerciam; quando e em que faculdade ela se formou como professora; qual foi seu primeiro livro publicado e quando foi publicado; em que outra atividade cultural, além da literatura, ela se envolveu; e, finalmente, em que cidade ela está residindo e com que idade está hoje. Transcorridos alguns minutos, indagamos se todos haviam conseguido localizar essas informações; a maioria disse que sim. A Maria Helena ainda deu toda a lista de livros publicados por Adélia Prado.

Em seguida, finalizando essa parte da leitura da biografia, falamos sobre a época em que Adélia Prado nasceu, ressaltando os aspectos relacionados ao Brasil dos anos de 1940, com referências à época Vargas, à Segunda Guerra Mundial e à chegada da televisão no país. Além disso, destacamos superficialmente alguns pontos relacionados ao presumível papel que deveria ser exercido pela mulher naquela época, ligado às tradições mineiras do interior, segundo o qual se esperava que a mulher se casasse, tivesse filhos, fosse dona de casa etc. Também salientamos que, profissionalmente, muitas mocinhas daquela época, especialmente no interior, tornavam-se professoras, como foi o caso de Adélia Prado.

Avançamos para a leitura dos poemas "O sempre amor", "Os lugares comuns" e "Casamento". O processo de leitura desses poemas foi feito da mesma forma que os anteriores, de modo que a leitura foi feita em sequência conforme as filas da sala, resguardando-se, naturalmente, o direito de um ou outro estudante não ler caso não desejasse fazê-lo. A Maria Antônia e a Maria Bonita, ao chegar a vez de cada uma delas, não quiseram ler em voz alta. Antes da leitura em voz alta, pedi que todos fizessem a leitura dos três poemas, entregues a eles previamente em cópias xerográficas.

Previamente à leitura de "O sempre amor", perguntamos aos estudantes sobre que ideia o uso da palavra *sempre* no título desse poema poderia provocar no leitor e também o que entendiam por uma *coisa alegre* e por uma *coisa triste* e, ainda, lançamos-lhes o questionamento sobre a possibilidade de querer viver um grande e inesquecível amor ser a coisa mais desejada pelas pessoas. Vários se manifestaram com respostas breves e dentro do contexto esperado.

Para aguçar a curiosidade dos estudantes, também perguntamos a eles o que achavam do amor e se eles achavam que é um sentimento sempre bom, bonito, feliz, gostoso e marcante e, também, se eles achavam que todas as pessoas são capazes de amar, de desejar a presença de alguém a quem amar. As respostas foram das mais variadas, sendo que, segundo disseram, amar nem sempre é fácil e bom, porque muitas vezes pode ser doloroso, pode ter infidelidades e o sentimento pode acabar. Por outro lado, alguns afirmaram que é bom sentir e viver o amor, ter a companhia da namorada ou do namorado, mesmo que, muitas vezes, possam ocorrer atitudes de ciúmes e mesmo de traições. Outros, ainda, disseram que nunca tiveram namorada ou namorado e, por causa disso, não sabiam dizer o que realmente significa amar. E, assim, fomos ao poema.

O sempre amor

Amor é a coisa mais alegre
amor é a coisa mais triste
amor é a coisa que mais quero.
Por causa dele falo palavras como lanças.
Amor é uma coisa mais alegre
amor é a coisa mais triste
amor é a coisa que mais quero.
Por causa dele podem entalhar-me,
sou de pedra-sabão.
Alegre ou triste,
amor é coisa que mais quero.

Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 86.

Feita a leitura desse primeiro poema do dia, perguntamos se eles concordavam com o eu lírico quando ele afirma que o amor é contraditório, isto é, pode ser a coisa mais alegre e também a coisa mais triste e porque concordavam ou não. As respostas foram variadas; alguns concordavam, outros discordavam, outros afirmaram que depende do momento e da disposição porque, segundo afirmaram, há dias em que as coisas estão ou são mais alegres e outros em que são ou estão mais tristes. Também lhes perguntamos o que poderia significar o trecho 'falo palavras como lanças' e que ideia ele poderia sugerir em relação ao amor. Quando comentamos sobre a pedra-sabão, tivemos que esclarecer o que é esse tipo de pedra, praticamente desconhecido em nossa região. Assim, não foi possível avançar muito para estabelecer relações metafóricas entre esse tipo de pedra e o amor. Os comentários, então, ficaram reduzidos a comparações sobre coração de pedra ou coração de gelo. Uma das meninas comentou algo sobre algumas pessoas terem um coração de manteiga e, por causa disso, acabam sofrendo muito quando estão apaixonadas. De uma maneira geral, as manifestações foram feitas mais pelas meninas, ao passo que os meninos ficaram mais contidos. Comentários feitos e ouvidos, passamos, em seguida, à leitura do poema "Os lugares comuns".

Os lugares comuns

Quando o homem que ia casar comigo
chegou a primeira vez na minha casa,
eu estava saindo do banheiro, devastada
de angelismo e carência. Mesmo assim,
ele me olhou com olhos admirados
e segurou minha mão mais que
um tempo normal a pessoas
acabando de se conhecer.
Nunca mencionou o fato.
Até hoje me ama com amor
de vagarezas, súbitos chegares.
Quando eu sei que ele vem,
eu fecho a porta para a grata surpresa.
Vou abri-la como o fazem as noivas
e as amantes. Seu nome é:
Salvador do meu corpo.

Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 89.

Antes de começarmos a leitura, pedimos aos estudantes que fizessem a leitura silenciosa desse segundo poema do dia. Também pedimos que observassem o título. Alguns minutos passados para que fizessem a leitura silenciosa, lançamos algumas perguntas do tipo se eles já estavam pensando em namorar e se já havia alguém que namorava, bem como que sensações um namoro poderia despertar, se seriam sensações de ansiedade, de insegurança, de tranquilidade etc. O José Ivan, que havia namorado uma menina de outra turma e já havia terminado, disse que namorar só serve para prender quando a pessoa é muito controladora. Também lhes perguntamos sobre ser possível ou não conhecer o grande amor da vida sendo avisado com antecedência, ou seja, se eles achavam que se pode marcar hora para se apaixonar. Pedimos que fizessem uma comparação entre receber uma visita inesperada, sem se estar preparado para recebê-la, e a chegada de um amor, que muitas vezes acontece de forma totalmente inesperada. De um modo geral, todos os estudantes adoraram essa parte da aula, mal conseguimos identificar quem estava respondendo ao que nós perguntávamos. Assim,

passamos à leitura. Todos, como de praxe, puderam ler conforme avançava a sequência pelas filas de mesinhas.

Finalizamos essa parte indagando dos estudantes o que eles entendiam quando o eu lírico fala em angelismo e carência e se seria possível perceber alguma coisa em comum com anjos ou com inocência. Também perguntamos o que eles entendiam por *amor de vagareza* e por *súbitos chegares*. Pelas respostas, percebemos que não houve muita clareza sobre essas duas expressões. Basicamente, alguns responderam que provavelmente se tratava de quando a pessoa não espera se apaixonar, mas acaba se apaixonando. Ou então aquelas pessoas que não se preocupam muito se vão encontrar o par perfeito ou não. Finalizados os comentários, chamamos-lhes a atenção para a atitude do eu lírico que, mesmo sabendo que o amado virá, fecha a porta como se fingindo surpresa pela chegada. Assim, será que essa porta fechada poderia remeter à surpresa do amor, materializada na visita do amado? A Maria Celeste falou que amor bom é desse tipo, cheio de surpresa. Em seguida, passamos à leitura do poema "Casamento".

Casamento

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como 'este foi difícil'
'prateou no ar dando rabanadas'
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.

Adélia Prado, *Terra de Santa Cruz*, 2016, p. 25.

Como sempre, antes de iniciar a leitura, pedimos que todos lessem esse poema silenciosamente. Passado o tempo necessário, perguntamos-lhes o que eles acham que os noivos esperam que seja a vida de casados, se têm expectativas, bem como se eles – os estudantes – acreditam que existe amor do tipo e "foram felizes para sempre" e o que seria uma vida de rotina. Perguntamos ainda o que, para eles, significava a palavra casamento. Não houve muitas respostas, apenas algumas meninas que afirmaram concordar com o "foram felizes para sempre" e outras não. Alguns meninos disseram que a expectativa do noivo é trabalhar. Mudamos o foco das perguntas indagando se algum deles já havia pescado e o que aconteceu com os peixes. Poucos falaram que já haviam pescado; desses, a maior parte disse que os peixes foram soltos no lago do pesque-e-pague. Com isso, passamos à leitura do poema, que foi feita como das vezes anteriores.

Estando o horário dessa aula já se aproximando do final, comentamos com os estudantes que, nesse poema, podemos perceber solidariedade e silêncio entre o casal vivendo uma cena caseira e amorosa. Perguntamos-lhes se poderiam identificar qual seria esse acontecimento e, também, se podiam perceber como era a convivência desse casal que conhecemos através do olhar do eu lírico. Seria uma convivência harmoniosa e de cumplicidade? No ponto de vista do eu lírico, o que seria mais importante: a convivência harmoniosa e amorosa entre o casal, com equilíbrio e reciprocidade; ou a valorização da autonomia e da não submissão em relação ao poder patriarcal marcado nas relações sociais ocidentais? Como a aula já estava em seu final, e ainda sendo o último horário, as respostas foram bastante resumidas, das quais destacamos a fala de uma das meninas ao dizer ela que nunca limparia peixe, ainda mais de noite.

Na quinta aula de nossa proposta, que aconteceu em 20 de agosto, numa terça-feira, fizemos a leitura dos poemas "Briga no beco", "Um jeito" e "Momento". Resolvemos quebrar o costume de se fazer a leitura dos poemas em sequência das filas, e propusemos aos estudantes que quem desejasse ler levantasse a mão e assim fizemos. Ofereceram-se a Maria Celeste, o José Antônio, o José Carlos, a Maria Dolores, o José Diogo, a Maria Flor, o José Ivan, a Maria Pérola, a Maria Quitéria e a Maria Rita. O primeiro poema lido foi "Briga no beco".

Briga no beco

Encontrei meu marido às três horas da tarde
com uma loura oxidada.
Tomavam guaraná e riam, os desavergonhados.
Ataquei-os por trás com mão e palavras
que nunca suspeitei conhecesse.
Voaram três dentes e gritei, esmurrei-os e gritei,
gritei meu urro, a torrente de impropérios.
Ajuntou gente, escureceu o sol,
a poeira adensou como cortina.
Ele me pegava nos braços, nas pernas, na cintura,
sem me reter, peixe-piranha, bicho pior, fêmea-ofendida, uivava.
Gritei, gritei, gritei, até a cratera exaurir-se.
Quando não pude mais fiquei rígida,
as mãos na garganta dele, nós dois petrificados,
eu sem tocar o chão. Quando abri os olhos,
as mulheres abriam alas, me tocando, me pedindo graças.
Desde então faço milagres.

Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 99.

Antes da leitura deste primeiro poema dessa aula, perguntamos aos estudantes o que eles entendiam por sociedade e por regras de comportamento esperadas e exigidas dentro de uma comunidade social. Também indagamos o que pensavam serem os papeis desempenhados tanto pela mulher, ou esposa, quanto pelo homem, ou esposo, conforme as regras sociais de nossa cultura. Também quisemos saber o que achavam sobre a infidelidade dentro de um relacionamento, mais especificamente sobre como a sociedade reage ou age em relação à infidelidade praticada pelo homem e pela mulher. Finalmente, perguntamos se algum deles já havia passado por alguma situação de infidelidade, fosse em relacionamento afetivo tanto de namoro quanto de amizade, e o que pensavam a respeito de briguinhas motivadas por ciúmes. Algumas meninas se manifestaram afirmando que traição, ou, conforme falaram,

talaricagem[5], não se perdoa. Passamos, após os comentários diversos feitos pelos estudantes, à leitura silenciosa e, em seguida, à leitura em voz alta feita por aqueles que haviam anteriormente se oferecido.

Finalizada a leitura desse poema, pedimos que voltassem ao poema "Casamento", que havíamos lido na aula anterior, e perguntamos a eles se seria possível estabelecer alguma relação entre os dois poemas, especialmente sobre a relação do casal lírico. O eu lírico reagiu de forma serena ou violenta ao presenciar a cena descrita no poema? Teria havido aceitação ou reação violenta? Algumas meninas disseram que teriam feito a mesma coisa que o eu lírico fez; alguns meninos, por outro lado, se manifestaram afirmando que a mulher – o eu lírico – era brava demais.

Passamos, em seguida, ao mesmo procedimento de leitura silenciosa do poema "Um jeito". Começamos a conversa sobre ter pressa na vida, ter urgência, e ainda sobre o que poderia ser encanto quebrado e se encantamentos podem acabar ou podem ser refeitos. Também perguntamos como achavam que um grande amor deveria ser vivido e se será que todos os amores são vividos da mesma forma, bem como se achavam que tem diferença entre um grande amor e um pequeno amor, e ainda se, para que um grande e inesquecível amor aconteça, o que seria necessário. Finalizado esse momento em que os estudantes manifestaram suas opiniões e fizeram seus comentários, demos início à leitura do poema "Um jeito".

Um jeito

Meu amor é assim, sem nenhum pudor.
Quando aperta eu grito da janela
— ouve quem estiver passando —
ô fulano, vem depressa.
Tem urgência, medo de encanto quebrado,
é duro como osso duro.
Ideal eu tenho de amar como quem diz coisas:

[5] Esclarecemos que o termo *talaricagem* é uma gíria utilizada contemporaneamente pelos adolescentes para, conforme nos disseram, se referir à infidelidade amorosa cometida pelo *talarico* ou *talarica*, isto é, o traidor ou traidora.

quero é dormir com você, alisar seu cabelo,
espremer de suas costas as montanhas pequenininhas
de matéria branca. Por hora dou é grito e susto.
Pouca gente gosta.

Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 94.

Observamos com a turma que a vida do eu lírico é cheia de pressas, assim como muitas vezes nossa vida também é. Quem sabe, essas pressas todas não são apenas reflexos da brevidade da vida? Quando percebemos que nada é para sempre, geralmente queremos aproveitar bem as coisas boas que nos chegam e que conosco acontecem. Não queremos deixar para depois, não queremos desperdiçar o tempo, não queremos mais apenas expectativas. Passamos a desejar coisas simples e boas, como o carinho das pessoas com quem convivemos, a presença dos amigos, as boas conversas e tantas outras mais coisas.

No poema, o eu lírico manifesta seu desejo de como quer que seja a sua história de amor, bem como fala de coisas bastante comuns do dia a dia. Que coisas são essas, qual seria a urgência manifestada pelo eu lírico, e como ele deseja que seja a história de amor dele foram questionamentos que fizemos à turma. Alguns deram exemplos de coisas simples e cotidianas, como cuidar da casa, dos filhos, estar presente e ser companhia um para o outro. Como não houve manifestações a mais, prosseguimos para a leitura do terceiro poema da aula, "Momento".

Antes de iniciarmos, comentamos sobre a trajetória do eu lírico que acompanhamos na vivência de seu relacionamento com seu amado desde a leitura do primeiro poema da Adélia Prado em sala de aula e se eles, estudantes, haviam percebido isso. Afirmaram que sim, especialmente no caso do poema "Briga no beco". Nesse último poema, entenderíamos um pouco mais sobre o que o eu lírico sente em relação à vida e, principalmente, à passagem do tempo. Pedimos que lessem em silêncio e observassem o título do poema. Assim que se passaram alguns momentos dedicados à leitura silenciosa, indagamos sobre o que pensavam a respeito do tempo presente, o agora, o momento. Poucas respostas, entre as quais a de que é importante viver bem o momento em que as coisas estão acontecendo, sem preocupações.

Comentamos com a turma que, nesse poema, não se percebe mais referências diretas ao amor, e que elas são mais subjetivas e sutis. O eu lírico parece refletir sobre a passagem do tempo, expressa pelo desgaste de objetos. Que objetos sofrem esses desgastes que o tempo provoca? Além da passagem do tempo, o eu lírico também percebe que a vida é feita de momentos alegres e tristes. Quais momentos, nós, leitores e estudantes, poderíamos considerar alegres e quais, tristes? Assim, passamos à leitura.

Momento

Enquanto eu fiquei alegre,
permaneceram um bule azul com um descascado no bico,
uma garrafa de pimenta pelo meio,
um latido e um céu limpidíssimo
com recém-feitas estrelas.
Resistiram nos seu lugares, em seus ofícios,
constituindo o mundo pra mim, anteparo
para o que foi um acometimento:
súbito é bom ter um corpo pra rir
e sacudir a cabeça. A vida é mais tempo
alegre do que triste. Melhor é ser.

Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 46.

A leitura foi feita pelos estudantes que haviam se oferecido para tal, sendo que a Maria Pérola e a Maria Quitéria quiseram também ler novamente, uma vez que haviam lido os poemas anteriores dessa aula.

Conversamos sobre o quanto o tempo passa muito rápido, e que tudo é transitório na vida, como se nada realmente durasse, nem mesmo o que sentimos ou o modo como vivemos. Perguntamos o que eles, adolescentes, pensavam sobre isso, e se já haviam pensado profundamente sobre como tudo na vida transcorre muito rapidamente, que mudamos muito rapidamente, e que temos, por causa disso, de fazer escolhas de como vamos viver a vida. Salientamos que, apesar de falar sobre a transitoriedade da vida, em que o tempo vai desgastando, ou mesmo repetindo rotinas, o poema se encerra de modo positivo. Em que

versos podemos perceber essa positividade em relação à vida? – perguntamos a eles. Nesse momento, a professora de uso da biblioteca chegou à sala dizendo que a direção da escola estava solicitando nossa ida a uma reunião do colegiado. Apesar de ainda estar faltando dez minutos para o encerramento da aula, foi necessário sair e deixar a turma sob os cuidados da professora de uso da biblioteca.

2.3 Da sala de aula para o palco teatral

A sexta aula de nossa proposta, que ocorreu em 21 de agosto de 2024, numa quarta-feira, foi dedicada ao ensino da escrita de poemas utilizando-se a técnica de enumeração. Temos conhecimento dessa técnica de escrita de poemas desde a época de estudos para vestibulares nos agora distantes anos da década de 1990. Na verdade, a recordação dessa técnica para escrita de poemas foi bastante oportuna, pois, embora tenha sido aprendida em um manual de redação daquele tempo, mostrou-se ela ser bastante adequada para a produção de poemas pelos estudantes da turma em que esta proposta estava sendo desenvolvida.

Iniciamos a explicação dizendo que se trata de uma técnica simples e fácil para se escrever poemas, a qual consiste, basicamente, em versos livres escritos numa sequência estruturada em torno de um tema, que pode estar ou não explicitamente mostrado no texto. Além disso, o poema pode estar ou não dividido em estrofes, pode ser curtinho ou mais longo, sem necessidade de rimas e de sílabas poéticas, ou seja, há uma liberdade imensa durante o processo de escrita. Também destacamos que geralmente os versos são curtos, de forma que acabem por dar ritmo ao poema e que, de uma maneira geral, não há necessidade de iniciar cada verso com letra maiúscula.

Surpresas, a Maria Dolores e a Maria Celeste se admiraram por poder existir poemas sem rimas, assim tão simples. Como haviam aprendido a fazer poemas com rimas nos anos anteriores, e também terem lido poemas com rimas, disseram que pensavam que todo poema tinha que ser assim, com estrofes e rimas, e também com versos mais ou menos do mesmo tamanho. Esse comentário feito pelas meninas foi a constatação do que afirmamos no início deste nosso trabalho: não se ensina literatura em profundidade e não se trabalha com poesia de forma produtiva na escola. Fica-se na forma rígida, seca e sem vida. Não é dado aos estudantes o direito de conhecer e gozar o texto literário. Finalizamos a explicação citando o poema “Serenata sintética”, de Cassiano Ricardo, o qual escrevemos no quadro.

Serenata sintética

Rua
torta.

Lua
morta.

Tua
porta.

Cassiano Ricardo, *Textos escolhidos*, s/d, on-line.

Pedimos aos estudantes que observassem como os elementos do poema foram dispostos de forma que o leitor, ao ler, pudesse formar uma imagem nítida do cenário e da cena nele mostrados. E que esses elementos se inter-relacionavam harmoniosamente até conduzir ao desfecho, ou seja, à chegada à porta da pessoa, supostamente, amada pelo eu lírico. A turma se admirou de como um poema curtinho pudesse contar tanta coisa além do que as palavras diziam.

Em seguida, passamos à leitura do poema "Felicidades", do dramaturgo e poeta alemão Bertolt Brecht. Como não conseguimos encontrar nenhuma edição brasileira confiável, isto é, devidamente referenciada, recorremos à edição em língua inglesa de John Willet e Ralph Manheim, publicada em 1976, a partir da qual fizemos a tradução que ora apresentamos. Nessa edição em língua inglesa, o poema tem o título "Pleasures", termo que os editores utilizaram para traduzir a palavra "Vergnügungen" do original em alemão. Esclarecemos que não temos conhecimento do idioma germânico e, por isso, optamos pela utilização da versão em língua inglesa para nossa tradução para a língua portuguesa.

Felicidades

O primeiro olhar pela janela de manhã
O livro velho encontrado mais uma vez

Rostos entusiasmados
Neve, a mudança das estações
O jornal
O cachorro
Dialética
Tomar banho de chuveiro, nadar
Música antiga
Sapatos confortáveis
Aprender coisas
Música nova
Escrever, plantar
Viajar
Cantar
Ser amável.

Bertolt Brecht, *Plays, poetry and prose*, 1976, p. 448, tradução nossa.

Antes de começarmos a leitura, fizemos uma breve explanação sobre quem foi Bertolt Brecht e a relevância de sua obra. Esclarecemos que não conseguimos encontrar esse poema em fontes confiáveis em português. Dessa forma, tivemos que fazer uso de uma versão dele em inglês para ser traduzida para nossa língua, uma vez que não temos conhecimento de alemão.

A propósito da tradução de *pleasures* em inglês para *felicidades* em português, faz-se pertinente um breve esclarecimento. Em nossa tradução – ou versão do título – optamos por utilizar o substantivo *felicidades* uma vez que o conjunto de pequenas ações a que o eu lírico se refere, a nosso ver, constitui em nossa língua o que comumente chamamos de felicidades, pois são elas que vão criar esse bem-estar único e subjetivo. Não se trataria, portanto, de ações passageiras prazerosas, mas do resultado duradouro dessas ações que seria o que podemos chamar de *felicidades*, no plural, e não no singular. Muitas coisas podem dar prazer, mas não necessariamente felicidade. Felicidades, no caso, seriam esses pequenos e agradáveis atos que, reunidos, proporcionariam a felicidade como um estado permanente. Como afirmamos anteriormente, não temos conhecimento sobre a língua alemã; contudo, considerando as afirmações feitas pelo eu lírico ao longo do poema, parece-nos mais adequado a tradução de *pleasures* para *felicidades* e não para *prazeres*.

A leitura foi feita por vários estudantes, a maioria se ofereceu, outros foram indicados. Ao final, praticamente cada estudante da turma leu o poema de Brecht. Em seguida, pedimos que observassem como cada verso se conectava ao seguinte para formar um poema coeso, coerente e, ao mesmo tempo, de uma simplicidade admirável. E, com isso, a aula chegou ao fim. Para encerrar, dissemos aos estudantes que na próxima aula iríamos escrever um poema livremente inspirado em um dos poemas de Adélia Prado que foram lidos em sala e que, para essa escrita, faríamos uso da técnica da enumeração.

Na aula da quinta-feira, dia 22 de agosto de 2024, como havíamos proposto, foi feita a escrita do poema usando-se a técnica da enumeração livremente inspirado naqueles poemas adelianos que foram lidos em sala. Após os afazeres iniciais de praxe relativos ao registro da chamada no diário digital da Secretaria de Educação de Minas Gerais, passamos às orientações para os estudantes. O poema poderia ser escrito individualmente, em duplas, em trios ou em grupos maiores. O poema poderia ser livremente inspirado em apenas um ou em mais de um dos poemas de Adélia Prado que havíamos lido. Para isso, poderiam consultar o material xerográfico de que dispunham e, se desejassem, poderiam citar versos dos poemas originais, desde que esses versos, caso citados, fossem colocados entre aspas para indicar que se tratava de autoria alheia.

Assim, após os grupos se formarem, começou o processo de escrita. Quando solicitado, esclarecemos dúvidas, mas evitamos interferir nos textos produzidos além de aspectos gramaticais, tais como palavras que tinham ou não acento, uso de dígrafos etc. Ao findar essa aula, os estudantes nos entregaram treze poemas, os quais, entre aqueles devidamente autorizados tanto pelos autores quanto pelos responsáveis legais, serão apresentados no terceiro capítulo desta dissertação. Do total, dois poemas foram escritos individualmente; nove foram escritos em duplas; um, por um trio; e também apenas mais um, por um grupo formado por quatro estudantes.

Na semana seguinte, nas duas aulas da segunda-feira, dia 26 de agosto, foi feita a leitura de uma cena da peça “O que os meninos pensam delas”, da dramaturga Adélia Nicolete, além das explicações sobre o gênero dramático, ou seja, o gênero do texto teatral, que é feito para ser encenado. Esse fragmento do texto de Adélia Nicolete integra o livro didático *Português contemporâneo I: diálogo, reflexão e uso*, que tem por autores William Cereja, Carolina Dias

Vianna e Christiane Damien. Por se tratar de um livro didático de uso frequente, há na biblioteca da escola um acervo considerável para ser usado em mais de uma turma simultaneamente.

Antes da leitura, pedimos aos estudantes que dessem uma olhada na forma como o texto se encontrava disposto e organizado, chamando-lhes a atenção para detalhes como a presença dos nomes das personagens e de algumas indicações grafadas em fontes diferentes ao longo dos diálogos. O fragmento lido foi este que ora transcrevemos.

O que os meninos pensam delas?

Adélia Nicolete

A ação se passa na sala de estar de um apartamento de classe média, num dos últimos andares. Um pôster de algum astro de música pop decora uma das paredes. As meninas fazem reverência a ele de vez em quando.

Sábado à tarde. Televisão, revistas espalhadas por todo o ambiente. Refrigerantes, salgadinhos, etc. A cena começa com Carol e Ana Paula acompanhando um clipe internacional de rock na TV, lendo a letra da música em uma revista. As duas cantam, dançam. De repente, Ana Paula emburra e desliga a TV.

CAROL - Eh, animal! Dá aqui esse controle remoto! O que foi agora, Ana Paula?
ANA PAULA - Não se faça de desentendida!
CAROL - Eu tava desafinando tanto assim?...
ANA PAULA - Não! É que eu tô aqui toda amiguinha sua e me lembrei que eu devia estar uma fera com você!
CAROL (liga novamente a TV, mais baixo) - Fera comigo?! Tá louca? O que que eu fiz, Ana Paula?
ANA PAULA - Eu vou embora! (começa a juntar algumas revistas)
CAROL - Como vai embora? Sua mãe viajou! Vai ter que me aguentar o fim de semana in-tei-ri-nho! E eu vou conversar até de madrugada, você não vai conseguir dormir!!! (gargalhada macabra) Porque eu tenho insônia!!!!
ANA PAULA - E a noite tá só começando...

CAROL (Terrorista) - Eu tenho insônia!

ANA PAULA - Para! Que terrorismo! (procura algo nas revistas) Insônia, insônia... Eu tenho a solução. Cadê?

T'aqui: "um copo de leite morno antes de dormir pode ajudar". Pronto. Você mama e dorme.

CAROL - Não adianta copo de leite morno. É mal de família. Só dormimos depois das três.

ANA PAULA - Se ao menos usasse esse tempo pra estudar, garanto que tirava notas melhores.

CAROL - Começou a humilhação. A vingança da CDF! Se eu não fosse sua amiga, Ana Paula, juro que ia ser sua pior inimiga!

ANA PAULA - Amiga! Que amiga?... Contar pro Toninho que eu tava a fim dele!?

CAROL - Ah! É por isso que você tá tão fula da vida?

ANA PAULA - Contou ou não contou?

CAROL - Contei, e daí? Você não tava mesmo a fim do cara?

ANA PAULA - Tava! Mas era segredo, entre mim e você! Cadê? (procura nas revistas) Ah! Essas revistas são a minha salvação! Achei! (beija a revista) Tem aqui uma coisa básica sobre paquera, escuta só: "Quando o menino sabe que a menina tá a fim, a tendência é a relação esfriar". E foi o que aconteceu! O Toninho começou a me evitar!!!

CAROL - Ai, Ana Paula! Só quis ajudar, poxa... O cara também não se decidia! Uma hora dava bola, outra hora, não... Cara indeciso... (vai pegar a pipoca)

ANA PAULA - Eu detesto isso, detesto! Deixa que eu resolvo as minhas coisas do meu jeito!

CAROL (Carol dá de ombros, come pipoca) - Só quis ajudar...

ANA PAULA - Dispenso a sua ajuda! Sempre que eu dou ouvidos pros seus planos eu me ferro. Sempre! Eu não me abro mais com você, Carol! Nunca mais!

CAROL (se desculpando) - Puxa vida, Aninha, também não é pra tanto...

ANA PAULA - Cadê? (procura nas revistas) Onde tá? "Quando uma amiga rompe um segredo, isso, muitas vezes, significa que poderá romper muitos outros. Cuidado!"

CAROL - Ah, é? Então vem cá. (procura também) Tá naquela que tem o Leo di Caprio... (encontra, lê) Escuta essa: "Amigas também erram. Se houve sinceridade por tanto tempo, por que não perdoar um errinho de nada? Relaxe!" (mostra pra Ana) Tá vendo? (oferece pipoca e abraço)

Ana Paula aceita o abraço. Fazem gestos de reconciliação com as mãos.

ANA PAULA - Eu não devia! Não vai demorar muito pra você aprontar outra das suas! É do seu caráter...

CAROL - Enquanto isso...

AS DUAS - Anestesia!
As duas correm e se prostram em frente à TV por um tempo, comem pipoca.

Fonte: William Cereja *et al*, *Português contemporâneo*: diálogo, reflexão e uso, 2017, p. 80-82.

Foram feitas três leituras, a primeira silenciosa e as outras duas, em voz alta. A primeira leitura em voz alta foi feita pela Maria Celeste e pela Maria Dolores, conforme a fala das personagens. A segunda foi feita pela Maria Pérola e pela Maria Rita.

Terminada a leitura, esclarecemos para a turma que o texto escrito para ser encenado tem características diferentes de outros gêneros textuais, dentre as quais se destacam as rubricas, isto é, as indicações das falas e ações das personagens e de como se organizam e acontecem as cenas, além de dar indicações sobre o cenário e sobre a posição das personagens em cena. Explicamos que o texto teatral é escrito para ser encenado, ou seja, representado no palco; que nele há a presença de um enredo, de personagens, de tempo e de espaço; que pode haver diálogo entre as personagens, ou apenas um monólogo, isto é, quando apenas uma personagem fala; frisamos novamente que as observações constantes no corpo do texto sobre espaço, cena, ato e personagens, ou seja, as rubricas, são necessárias para indicar como o texto deve ser encenado. Além disso, demos explicações sobre os elementos do teatro, tais como atores e atrizes, plateia, palco, cenário, figurino, gestos e linguagem corporal etc. e, finalmente, que para toda encenação é preciso que se faça uma preparação prévia, isto é, que o texto seja ensaiado antes de ser representado para a plateia. Finalizamos as explicações perguntando à turma sobre as experiências teatrais que já tivera, tanto de encenar quanto de assistir. Foram variadas as respostas, sendo a maioria relacionada a apresentações feitas no decorrer da vida escolar.

Voltando ao texto do livro didático, pedimos que localizassem no texto as partes que indicavam onde a cena acontecia, o que as personagens faziam e que objetos estavam mencionados. Depois, perguntamos se, a partir do que estava indicado, era possível imaginar o cenário em que a cena se passava e também o figurino das personagens. As respostas foram afirmativas, tendo sido quase simultâneas, cada um querendo responder antes que o outro.

Na aula do último horário desse mesmo dia, foram respondidas cinco questões propostas como atividade no livro didático, as quais tratavam, respectivamente, do tema da peça a partir do título da mesma; do cenário, das personagens e de sua faixa etária e seu nível social; da localização das rubricas e de sua importância no texto teatral para que a peça possa ser encenada. Para finalizar, fizemos os comentários sobre as respostas dadas bem como a correção coletiva das questões propostas. Também pedimos que falassem sobre a situação vivenciada pelas personagens na cena comparando-a com suas vivências pessoais em relação aos pequenos namoros.

Durante a aula da terça-feira, dia 27 de agosto, foi feita a leitura de um fragmento da peça "Auto da compadecida", de Ariano Suassuna, para a qual utilizamos o livro didático *Araribá conecta: arte 8º ano*, organizado sob responsabilidade da editora Flávia Delalibera Iossi. Na biblioteca da escola há um número considerável de exemplares desse livro, disponíveis para uso em até mais de duas turmas simultaneamente, se necessário. O fragmento que a turma leu encontra-se transcrito a seguir.

Auto da Compadecida

Ariano Suassuna

[...]
MANUEL – E agora, nós, João Grilo. Por que sugeriu o negócio para os outros e ficou de fora?
JOÃO GRILO – Porque, modéstia à parte, acho que meu caso é de salvação direta.
ENCOURADO – Era o que faltava! E a história que estava preparada para a mulher do padeiro?
MANUEL – É, João, aquilo foi grave.
JOÃO GRILO – E o senhor vai dar uma satisfação a esse sujeito, me desgraçando para o resto da vida? Valha-me Nossa Senhora, mão de Deus de Nazaré, já fu menino, fui homem…
A COMPADECIDA (sorrindo) – Só lhe falta ser mulher, João. Já sei. Vou ver o que posso fazer (a Manuel). Lembre-se de que João estava se preparando para morrer quando o padre o interrompeu.
ENCOURADO – É, e apesar de todo o aperreio, ele ainda chamou o padre de cachorro bento.

A COMPADECIDA – João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório.

JOÃO GRILO – Para o purgatório? Não, não faça isso assim não. (Chamando a Compadecida à parte). Não repare eu dizer isso mas é que o diabo é muito negociante e com esse povo a gente pede o mais para impressionar. A senhora pede o céu, porque aí o acordo fica mais fácil a respeito do purgatório.

A COMPADECIDA – Isso dá certo lá no sertão, João! Aqui se passa tudo de outro jeito! Que é isso? Não confia mais na sua advogada?

JOÃO GRILO – Confio, Nossa Senhora, mas esse camarada enrolando nós dois.

A COMPADECIDA – Deixe comigo. (a Manuel). Peço-lhe então, muito simplesmente, que não condene João.

MANUEL – O caso é duro. Compreendo as circunstâncias em que João viveu, mas isso também tem um limite. Afinal de contas, o mandamento existe e foi transgredido.

A COMPADECIDA – Dê-lhe então outra oportunidade.

MANUEL – Como?

A COMPADECIDA – Deixe João voltar.

MANUEL – Você se dá por satisfeito?

JOÃO GRILO – Demais. Para mim é até melhor, porque daqui para lá eu tomo cuidado para a hora de morrer e não passo nem pelo purgatório, para não dar gosto ao cão.

[...]

JOÃO GRILO – Quer dizer que posso voltar?

MANUEL – Pode, João, vá com Deus.

JOÃO GRILO – Com Deus e com Nossa Senhora, que foi quem me valeu (Ajoelhando-se diante de Nossa Senhora e beijando-lhe a mão). Até à vista, grande advogada. Não me deixe de mão não, estou decidido a tomar jeito, mas a senhora sabe que a carne é fraca.

A COMPADECIDA – Até à vista, João.

JOÃO GRILO (beijando a mão de Cristo). Muito obrigado senhor. Até à vista.

MANUEL – Até à vista, João. (João bota o chapéu de palha velho e esburacado na cabeça e vai saindo).

MANUEL – João!

JOÃO GRILO – Senhor?

MANUEL – Veja como se porta.

JOÃO GRILO – Sim senhor (Sai de chapéu na mão, sério curvando-se).

[...]

Fonte: Flávia Delalibera Iossi, *Araribá conecta*: arte 8º ano, 2022, p. 52 e 53

Antes de a turma começar a leitura, fizemos uma breve explanação sobre Ariano Suassuna e sobre o *Auto da Compadecida*, destacando que a peça dera origem ao filme do mesmo nome, lançado em 2000 e dirigido por Guel Arraes. Perguntamos aos estudantes se já haviam assistido a esse filme e cerca de metade da turma levantou a mão dizendo que assistira.

A leitura foi feita como de costume, sendo que, tão logo a leitura silenciosa terminou, vários estudantes se manifestaram querendo ser as personagens. Participaram da leitura, feita duas vezes, o José Antônio, a Maria Celeste, a Maria Dolores, a Maria Efigênia, o José Ivan, a Maria Flor, a Maria Helena e a Maria Pérola. Ao final, pedimos que a turma observasse o texto, chamando-lhes a atenção para as rubricas.

Em seguida, fizemos a exibição em *datashow* de um trecho de cerca de dez minutos do vídeo "Peça Auto da Compadecida", que se encontra no Youtbe, no qual se mostra a parte do roteiro que foi lido em sala. Esse vídeo é a filmagem da encenação adaptada da peça de Suassuna que foi feita por um grupo de jovens atores amadores de Santo Antônio do Monte em 1998. Demos detalhes à turma de como preparamos essa encenação adaptada e do sucesso que fizera quando fizemos a apresentação. Daqueles jovens atores, muitos filhos hoje são colegas da turma que estudam na mesma escola. Finalizada a exibição, pedimos que fizessem uma comparação entre o roteiro lido e a sua encenação. E, assim, terminou a aula.

As aulas da quarta-feira, 28 de agosto, e da quinta-feira, dia 29, foram dedicadas à escrita do roteiro para a encenação dos poemas de Adélia Prado que constituíram a seleção lida em sala de aula. Inicialmente, sugerimos à turma que, conforme as preferências, se organizasse em grupos. Rapidamente, foram formados cinco grupos com números variados de membros: um grupo formado por José Maria, José Leonardo, José Humberto e José Ivan; outro, por Maria Antônia e Maria Bonita; mais um, por José Nelson, José Jacó, José Antônio e José Paulo; o grupo com mais membros, formado por Maria Helena, Maria Flor, Maria Rita, Maria Mercedes, José Bento, Maria Dolores e Maria Celeste; o quinto grupo, com a Maria Nice, Maria Otávia, Maria Isabel e Maria Serena. O grupo formado por Maria Pérola, Maria Efigênia e Maria José começou a escrever o roteiro, porém, como a Maria José faltou às aulas

seguintes, as meninas não terminaram a escrita. O José Carlos e a Maria Quitéria não participaram de nenhum grupo: ele, porque não quis; ela, por haver faltado à aula do dia 28. Ambos, posteriormente, nos entregaram seus textos, os quais não estavam conformes à proposta de retextualização dos poemas, embora tenham sido escritos no gênero roteiro, com as falas de personagens e rubricas.

Com os grupos definidos e organizados, passamos às instruções para a escrita, solicitando que voltassem às cópias dos poemas, e as relessem para serem utilizados no roteiro. Esclarecemos que esta parte da proposta seria a escrita de um roteiro, contendo os elementos básicos desse gênero textual, tais como uma história contada através de uma ou mais cenas, personagens e falas, rubricas indicando marcações de entrada em cena, cenário, figurino, etc. Também esclarecemos que poderiam se inspirar nos poemas de Adélia Prado que foram lidos, bem como fazer uso de versos ou de poemas inteiros, ou mesmo fazer novas criações livremente neles inspiradas, considerando o que a turma havia aprendido com a leitura e análise dos roteiros lidos nas aulas anteriores. Pedimos aos grupos que evitassem, contudo, produzir textos que não tivessem vínculo com o que tínhamos lido durante as aulas, acrescentando que certamente a criatividade é imensa, mas que, para nossa atividade, deveriam se ater ao que estava sendo proposto.

Com as regras esclarecidas e explicadas, os estudantes começaram o processo de retextualização do gênero textual poema, pertencente ao gênero literário lírico, para o gênero textual roteiro de teatro, pertencente ao gênero literário dramático. Nessa aula, o José Ivan pediu para que o deixasse tirar as fotos da turma enquanto esta fazia a escrita do roteiro, ao que acedemos prontamente. Ao final, ao devolver o celular, ele disse que teríamos uma surpresa ao ver as fotos: fato confirmado, junto com as fotos da turma, ele também tirara uma *selfie* fazendo careta para a câmera.

O processo de escrita transcorreu com tranquilidade, sendo que apenas foi necessário dar as orientações e esclarecer dúvidas que eventualmente surgiram. Alguns grupos optaram por se inspirar livremente nos poemas que foram lidos em sala; outros, por criar situações novas ou, ainda, por utilizar versos completos inseridos nas falas das personagens.

A turma, em acordo entre os estudantes, deu à peça o nome de “Coisas do amor”, a qual ficou constituída de 1 ato com 4 cenas. Cada cena foi fruto dos roteiros elaborados pelos grupos e,

para que o roteiro final pudesse ficar consistente, os estudantes trocaram ideias ao longo do processo de escrita, o que resultou numa interação bastante enriquecedora didaticamente. A criação coletiva do roteiro também resultou numa quantidade maior de personagens, o que foi algo positivo, uma vez que possibilitou a participação de mais estudantes na encenação. No terceiro capítulo encontra-se a reprodução completa da versão final do roteiro escrito pelos estudantes.

Depois da finalização da escrita do roteiro, em razão da necessidade de manter a turma em consonância com o calendário escolar, foi possível a retomada das atividades do projeto somente em 21 de outubro, durante as aulas da segunda-feira. Nessa data foi feita a escolha dos papéis a serem representados na encenação, a qual se deu livremente em acordo entre os estudantes.

Na cena 1, o papel de Liz ficou com a Maria de Belém, uma aluna que chegara à turma havia poucas semanas; e o papel de Belle, com a Maria Celeste. O papel de Osvaldo ficou com o José Ivan, e o de Maria José, com a Maria Efigênia. Já na cena 2, a Maria Celeste assumiu o papel de Maria José, enquanto o papel de Joana foi representado pela Maria Flor. A Maria Helena representaria a atendente da sorveteria. A cena 3, considerada pela turma como a mais interessante, teria a Maria Celeste no papel de Maria José, o José Bento no papel do marido de Maria José, a Maria Dolores no papel de Sabrina, e a Maria de Belém faria o papel da mulher, ao passo que a multidão seria composta por Maria Flor e Maria Helena. Na cena 4, teria a volta da Maria Efigênia no papel de Maria José, e o José Ivan continuaria a representar o Osvaldo.

Tendo sido os papeis definidos, passamos à composição da equipe de cenografia, a qual optou por um cenário simples, em que fosse utilizado somente o mínimo de objetos e materiais disponíveis na própria escola. Os estudantes que se ofereceram como cenógrafos foram o José Fernando, o José Nelson e a Maria Rita. Para compor o figurino, os estudantes-atores definiram que iriam compor suas personagens com peças de vestuário que já possuíssem em casa, próprias ou de outros membros de suas famílias, e levando em conta a construção das personagens a serem representadas no palco.

Assim, finalizada essa parte, passamos à leitura dramática do roteiro e, em seguida, fizemos o primeiro ensaio da peça, o qual transcorreu como devem ser todos os ensaios iniciais, com acertos e desacertos, acréscimos e cortes, marcação de posicionamento etc.

Uma quinzena depois, na aula de 6 de novembro, numa quarta-feira, retomamos os ensaios. As cenas foram ensaiadas várias vezes e, mesmo assim, alguns estudantes ainda demonstravam certa dificuldade para decorar as falas. Por esse motivo, acharam que precisaria de um narrador para dar maior consistência à história e sanar possíveis esquecimentos durante a apresentação. Além disso, surgiu deles a ideia de incluir um novo personagem, o namorado de Sabrina, que entraria ao final da cena 3 e a levaria para casa. Assim, a Maria Rita seria a narradora da peça, e o José Carlos faria o papel do namorado da personagem Sabrina.

Feitos esses pequenos ajustes, e em razão da proximidade do final do bimestre e da época das provas finais, os próprios estudantes-atores pediram que marcássemos com a direção da escola a apresentação para o dia seguinte. Além disso, pediram que fossem convidadas somente as duas outras turmas de nono ano para assistir à encenação, pois, conforme argumentaram, iriam ficar constrangidos caso fossem se apresentar para todas as turmas do ensino médio também. Atendemos a ambos os pedidos. Combinamos com a direção da escola tanto a data como o deslocamento das turmas de nono ano para a quadra durante o primeiro e o segundo horários do dia seguinte. As professoras foram extremamente solícitas em ceder seus horários de aulas para que suas turmas pudessem prestigiar a encenação da peça.

Quinta-feira, 7 de novembro de 2024, o tão esperado dia da encenação pelo qual tanto estávamos ansiosos: o professor, para ver o resultado da proposta de trabalho em sala de aula ao cabo de quinze aulas; os estudantes, para apresentarem diante de uma plateia uma peça que fora construída por eles mesmos.

Começamos os preparativos tão logo todos estavam em sala, no primeiro horário de aulas do dia. Descemos todos para a quadra da escola. Enquanto a equipe de cenografia providenciava os objetos de cena, organizava o palco e preparava a caixa de som e o microfone, os atores fizeram o último ensaio. Nesse ponto, dois estudantes da cenografia foram chamar as outras turmas de nono ano para descerem para a quadra, as quais foram acompanhadas pelas professoras daquele horário, uma de Geografia e outra de Educação Física, e também

convidaram a diretora e a vice-diretora da escola. Além delas, foi convidada uma das professoras de História que, anteriormente, havia manifestado o desejo de assistir à encenação. Assim, tínhamos na plateia cerca de setenta espectadores.

Como em toda estreia sempre ocorrem imprevistos, também nessa não foi diferente. Os três microfones não funcionaram, tendo sido necessário providenciar às pressas outra caixa de som da escola, o que acabou por atrasar o início da encenação. Resolvido esse imprevisto técnico, fizemos a apresentação da encenação como ponto culminante do projeto desenvolvido no Profletras, explicando brevemente à plateia alguns pontos sobre o que é um programa de mestrado, e mais especificamente sobre este que estamos cursando. Finalizada esta fala inicial, passamos o palco aos estudantes.

A encenação durou cerca de sete minutos e meio. E foi magnífica! Embora sejamos suspeitos em afirmar isso, pois, afinal, foi feita por nossos estudantes. A atuação de cada ator-estudante foi excelente, dentro do esperado a partir do que lhes foi proposto. Os pequenos esquecimentos e a simplicidade com que atuaram acabaram por acrescentar certo encanto à encenação. Além disso, o empenho e a vontade em dar o melhor de si no palco ficaram evidentes, o que foi comprovado pelos demorados aplausos ao final da apresentação.

Encerramos esta etapa com os agradecimentos de praxe às turmas e professoras presentes, bem como às gentis palavras da diretora da escola, as quais foram dirigidas à turma e, mais especialmente, aos estudantes que atuaram e que organizaram a encenação.

Na terça-feira da semana seguinte, dia 12 de novembro, fizemos a última atividade do projeto, que consistiu na escrita de um pequeno relato pessoal sobre a participação de cada estudante nas atividades realizadas no decorrer das dezesseis aulas em que foram desenvolvidas as atividades de leitura, de escrita e de encenação. O gênero textual relato pessoal já havia sido estudado com a turma anteriormente como parte do planejamento ordinário de conteúdo a ser trabalhado em sala de aula. Assim, não houve necessidade de trabalhar novamente a parte estrutural desse gênero textual.

Alguns estudantes, especificamente aqueles que não estiveram muito envolvidos em todas as atividades que foram propostas ao longo do projeto, não produziram o relato pessoal.

Contudo, aqueles que escreveram demonstraram sua satisfação em ter contribuído para que o projeto que lhes propusemos pudesse ser realizado como parte de nossa formação acadêmica.

Assim, finalizamos a aplicação de todas as atividades do projeto em sala de aula. Foram quinze aulas de atividades, as quais estiveram focadas em três aspectos principais, que foram a leitura, a escrita e a encenação de poemas de Adélia Prado, e mais uma aula para a escrita do relato pessoal, perfazendo-se, portanto, o total de dezesseis aulas.

CAPÍTULO 3: CHEGADA

> "O texto teatral procede de uma escritura, enquanto sua transmissão requer a voz, o gesto e o cenário; e sua percepção, escuta, visão e identificação das circunstâncias."
>
> Paul Zumthor, *Performance, recepção, leitura*, p. 57.

Neste capítulo, buscamos voltar nosso olhar para a análise do processo envolvendo as atividades de leitura, de escrita e de dramatização dos poemas de Adélia Prado, bem como os produtos resultantes, quer sejam, os poemas e o roteiro escritos pelos estudantes da turma do 9º ano I da Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão.

A etapa de leitura, como apresentamos no capítulo anterior, no decorrer do processo envolveu outros autores além da poeta divinopolitana, os quais complementaram as atividades propostas de forma a melhor estruturar o trabalho em sala de aula. Ademais, cabe mencionar os demais gêneros textuais utilizados, tais como vídeos e roteiros teatrais.

No decorrer da etapa de escrita de poemas e do roteiro, a familiarização com esses dois gêneros textuais e com os gêneros literários lírico e dramático foi fundamental para que os estudantes pudessem escrever seus poemas bem como o roteiro que eles mesmos encenaram.

Encerrando este capítulo, apresentaremos os relatos escritos pelos estudantes abordando suas impressões sobre a participação nas atividades que lhes foram propostas ao longo da aplicação do projeto.

A produção escrita dos poemas, do roteiro e do relato pessoal, assim como a leitura dos poemas de Adélia Prado, e também a encenação em palco da peça elaborada pelos estudantes, resultam na concretização dos objetivos de aprendizagem definidos na terceira competência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a qual, como já vimos, trata do reconhecimento, valorização e fruição de manifestações artísticas e culturais, bem como da produção artística-cultural (BNCC, 2018, p.18).

Além disso, essas atividades, de maneira global, contribuíram para que os estudantes pudessem interagir com elementos formadores da linguagem literária e, também, pudessem desenvolver a criticidade e a reflexão em relação ao texto literário, ecoando as determinações

do Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), as quais indicam que, a partir dessa interação com a literatura, os discentes serão capazes de analisar, identificar, compreender e confrontar ideologias que perpassam o texto, de forma que possam, assim, posicionarem-se ativamente, desenvolvendo argumentos sólidos para sustentarem a opinião individual (MINAS GERAIS, 2018, p. 83).

Outrossim, a interação com o texto literário corrobora a defesa da literatura como um direito do qual todos devemos desfrutar e cujo acesso deve ser assegurado a todos, conforme afirma Antonio Candido (2011). E, mais do que isso, é nessa interação que a literatura pode exercer um papel social fundamental, qual seja, a formação de sujeitos humanizadores e humanizados. Reconhecer, valorizar, fruir e refletir são atitudes provocadas pelo texto literário no leitor, o qual não pode se manter indiferente e inerte diante dele. A reflexão sobre o texto literário, e também a partir deste, passa pelo seu reconhecimento, pela sua valorização e por sua fruição. O texto literário tem, entre muitas, a característica de ser provocativo e, ao ser provocado, o leitor pode imergir nesse texto para, posteriormente, emergir já com um olhar transformado.

Sendo, pois, a literatura uma linguagem que se dá num processo de apropriação ao longo da vida, conforme afirma Cosson (2009), especialmente no decurso escolar, é salutar que tal processo se dê de maneira prazerosa, com traços lúdicos, para que não se transforme em algo enfadonho ou desinteressante para os estudantes. Ora, atividades que mesclam formas diversas e organizadas de ter contato com o texto literário despertam naturalmente o interesse dos estudantes e, assim, eles acabam por se envolver ativamente e responsivamente com a literatura. Podemos dizer que, de certa forma, ocorre uma materialização do texto literário que se manifesta não somente no ato de ler, mas também no ato de criar e recriar esse texto tanto na escrita quanto, como propusemos, nas variadas etapas que envolvem o processo de encenação.

A harmoniosa relação entre os aspectos fônicos e os aspectos visuais do texto, constituinte do poema considerando-se a abordagem de Ramos (1969), pôde ser compreendida pelos estudantes ao perceberem que, muito mais do que em outros textos escritos, a poesia constitui parte essencial da própria qualidade e identidade do ser humano.

Nessa imersão na literatura, especialmente na poesia, a experimentação da estética literária envolvendo a percepção do poema como texto lido, bem como algo que os próprios

estudantes também fossem capazes de criar, aliada às possibilidades de releitura como criação de uma nova obra inspirada numa anterior, concretizou-se em ações para as quais os estudantes se tornaram sujeitos que interagem com o texto, percebendo marcas distintas deixadas pelo autor, ecoando os dizeres de Cunha (2014).

Ao lerem, escreverem e encenarem poemas, os estudantes vivenciaram o que Goldstein (2011) afirmou ao dizer que a poesia pode estar em muitas obras artísticas, e não somente no texto literário escrito. Os estudantes experimentaram a sensação de lidar com o texto escrito em versos para ser lido e, posteriormente, ter esse mesmo texto representado diante de uma plateia. Nesse momento, a poesia já não mais está contida no texto escrito, mas transborda deste para tomar para si a voz e os gestos dos atores, o espaço do palco e o cenário que o compõe, a luz do ambiente e a atenção do público.

A experiência de ter contato com o texto literário poético não é estática e nem se limita a uma vez única. Ao contrário, essa experiência sempre se renova e sempre produz no leitor, mais especificamente, nos estudantes, uma percepção que se renova e se transforma mantendo-se fresca e atual, como defende Osakabe (2005).

Transitar pelo domínio discursivo literário, com passos seguros, é algo que os estudantes podem adquirir no decorrer dos anos passados na escola. Contudo, como nos lembra Paulino (2005), isso se dá quando são desenvolvidas habilidades complexas e competências sociais dos leitores, nesse caso dos estudantes.

Conforme Marcuschi (2008, p. 194-196), os domínios discursivos e as modalidades de uso da língua na escrita e na oralidade formam os vários gêneros textuais usados cotidianamente pelos falantes. Para nosso propósito, consideramos apenas o domínio discursivo ficcional, do qual fazem parte os poemas e as peças de teatro na modalidade escrita, e a encenação na oralidade, bem como o domínio interpessoal, no qual se encontram os relatos. Assim, de acordo com esse autor, o domínio discursivo relacionado ao texto literário está, portanto, inserido no domínio discursivo ficcional.

Ademais, aludindo a Bakhtin (1997), o domínio dos gêneros discursivos pode acelerar nos estudantes a descoberta de sua individualidade, especialmente quando confrontados com o

outro, o que resulta para eles em desembaraço para lidar com situações comunicativas corriqueiras tanto no universo da escola quanto fora dela.

Segundo Aguiar e Silva (2011), no ato poético o ser humano se empenha em sua totalidade para se revelar e, assim, ao mergulhar em suas profundezas, de lá traz à tona tanto uma singularidade quanto uma pluralidade. Singularidade porque fala do que lhe é único, do que o diferencia de outros semelhantes e daquilo que é capaz de identificá-lo como indivíduo. Mas, ao mesmo tempo, nessa fala do agir poético, esse mesmo ser único é capaz de assumir a voz de uma pluralidade de seus semelhantes, uma vez que pode falar da universalidade dos sentimentos que brotam da alma humana. Tanto o eu lírico de Adélia Prado quanto cada eu lírico de cada estudante são, obviamente, únicos; contudo, embora singulares, são também capazes de ser plurais ao falar de si e de suas percepções pois, conjuntamente, integram e constituem a natureza universal do ser humano.

Além do mais, entendemos que, em nosso trabalho, podemos perceber elementos de intermidialidade, ou seja, de interações entre várias mídias, tais como a literatura, o teatro e também as novas mídias digitais. Em determinados momentos, prevaleceram a leitura e a escrita, ao passo que, em outros, prevaleceram a performance e a atuação dramática. No decorrer da aplicação da proposta em sala de aula, variadas mídias se aproximaram, se misturaram e se fundiram, dando ênfase a aspectos voltados às habilidades de leitura, de escrita e de criação e apreciação de manifestações teatrais.

Poema, roteiro de teatro, relato pessoal e encenação, embora cada um desses gêneros textuais tenha sido desenvolvido em momentos diferentes, forneceram elementos que geraram um fio condutor que partiu do momento inicial, quando os estudantes tiveram o primeiro contato com Adélia Prado ao assistir aos vídeos, perpassando pela leitura e escrita de poemas, leitura e escrita de roteiros para, finalmente, chegar à encenação em palco e à posterior escrita de relatos pessoais. Nesse processo de passar do gênero literário lírico para o gênero literário dramático, a interação entre as mídias foi constante, de modo que a utilização de gêneros textuais distintos foi fator contributivo essencial para que os resultados pudessem ser atingidos.

Assim, chegamos à colheita dos frutos semeados em sala de aula. Frutos saborosos e maduros, amadurecidos no tempo certo, que germinaram com os primeiros contatos durante a

leitura dos poemas de Adélia Prado, se desenvolveram no decorrer da escrita de poemas e do roteiro para, finalmente, serem colhidos no frescor de uma manhã de novembro durante a encenação em palco da peça escrita e produzida pelos estudantes. Para Adélia, poesia é verbo, e verbo é manifestação criadora da voz. Como bem salienta Massi (2015, p. 631), "Adélia é uma poeta da linguagem escrita. Mas escrita ditada pelos ritmos da voz, longamente cultivada na liturgia, na conversa da cidade de interior, na memória familiar, nas canções populares e na declamação dos poemas." Por isso, podemos entender a força com que o verbo escrito pôde se materializar no verbo falado no palco de uma escola de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais.

Outro ponto a considerarmos é que a liberdade do verso adeliano, indócil a formas rígidas, foi uma característica que, curiosamente, despertou nos estudantes interesse em também se aventurarem na escrita de seus próprios versos, o que nos faz recordar Cara (1989) quando aborda a questão da natureza da poesia. Os poemas de Adélia Prado, por sua natureza, não se restringem nem se submetem ao rigor da composição poética clássica praticada desde os tempos antigos, pois são feitos de versos nascidos sob a égide de autores modernistas, livres em essência e natureza.

Recordando Zumthor (2018), o corpo reage ao texto e a ele dá vida num amálgama perfeito; texto saboroso e corpo vibrante se fundem, especialmente quando pensamos num palco de teatro em que voz, gestualidade e movimento se fundem diante de uma plateia que acompanha cada sequência de acontecimentos se desenrolando para contar uma história. O texto literário, então já não mais lido, mas vivenciado na encenação, encanta e seduz o público ao mesmo tempo em que o provoca e o instiga.

Temos, nesse momento, três elementos importantes no palco: o primeiro é o autor do texto, Adélia Prado, cuja voz é assumida pelo eu lírico de seus poemas ora selecionados; o segundo, os poemas dessa poeta que, hoje em dia, têm reconhecido seu elevado valor literário em si mesmo; e, finalmente, um público que recebe esses poemas, não mais como textos escritos, mas como textos representados. Esses elementos, articulados entre si, constituem o ápice de um processo em que as atividades realizadas pelos estudantes culminaram na encenação destinada a ser vista pelos seus pares e seus mestres.

3.1 Escrevendo versos

Ao todo, foram escritos treze poemas pelos estudantes, tendo sido alguns produzidos individualmente e outros em duplas ou em grupos maiores. Daqueles que foram escritos em duplas ou em grupos maiores, a nomeação dos pseudônimos dos autores se encontra em ordem alfabética. Dos trezes poemas, apenas dois, escritos em duplas, não serão reproduzidos e nem analisados porque seus autores e responsáveis se abstiveram de dar a autorização exigida e necessária para tal através do Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) e do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Dia de passeio

Maria Isabel
Maria Nice

Acordo de manhã bem cedo
levanto e me arrumo rápido
tomo meu café e estou pronta
chegando lá, brinco e me divirto
depois volto para minha casa e descanso.

Nesse poema, percebemos a referência à passagem do tempo, de forma sequencial, como numa narrativa que se desdobra ato após ato. A maioria dos verbos utilizados denota ações, tais como acordar, levantar, arrumar, tomar etc., bem como indica movimento como em chegar e voltar. É interessante observar que o eu lírico se refere a essas ações de forma quase mecânica, demonstrando certa rotina exaustiva e monótona. É como se cumprisse uma obrigação e nada mais além disso, o que contrasta bastante com os verbos brincar e se divertir, os quais estão associados ao lúdico prazeroso, inesperado e não planejado, totalmente despido da monotonia da rotina. Por outro lado, parece o eu lírico se referir à escola com sua rotina planejada e executada conforme determinam as resoluções frias e distantes. Visto sob essa perspectiva, o brincar e o se divertir assumem um sentido de quebra dessa rotina imposta que, embora pareça à primeira vista constituir-se em ações obrigatórias, acaba por se manifestar numa atitude de rebeldia contra essa mesma rotina desinteressante para os estudantes.

Essa passagem do tempo, tão mecânica quanto os ponteiros de um relógio, parece-nos ecoar o poema "Momento", no qual Adélia Prado, através do eu lírico, reflete sobre a passagem do tempo ao voltar seu olhar para os objetos cotidianos que se desgastam. Outro ponto a considerar é a característica cíclica com que o eu lírico aceita a realidade como ela é, ou seja, acordar e passar o dia realizando variadas ações, as quais culminam em voltar para casa e descansar, possivelmente crendo que o mesmo se repetirá no dia seguinte. A ideia de que as coisas se repetem porque resistem ao tempo ecoam as palavras de Adélia Prado em "Momento" de forma sutil.

Cinema

José Ronaldo
Maria Quitéria

Vamos ao cinema, Ana Luiza?
"Quem me dera", eu disse
Estou cansada, deveríamos ir outro dia
Falei meio ocupada e cansada
Mas com muito orgulho de recusar
Pensei nela, fiquei culpada
Liguei e a chamei
Logo fomos.

Nesse poema os estudantes-poetas explicitamente tiveram como inspiração o poema "A diva". Enquanto no poema adeliano temos o palco como local em que se desenrolam os acontecimentos, nesse temos a tela do cinema. Em "A diva", o palco é um elemento que transcende as paredes do teatro enquanto edifício e alcança a casa do eu lírico, ao passo que em "Cinema" é o eu lírico que se desloca de sua casa e vai à sala de cinema. No primeiro caso, o local em que está o eu lírico se torna palco; no segundo, a magia da tela arrebata o eu lírico atraindo-o a si.

O convite é feito de forma direta, sem rodeios, demonstrando intimidade com o eu lírico, dentro de um contexto que só será percebido nos versos seguintes. Ao convite feito, segue-se

uma recusa; essa recusa, contudo, leva ao arrependimento possivelmente por causa dos laços de amizade que o eu lírico tem com quem o convidara. O eu lírico cansado e ocupado, recusa e se arrepende. Uma recusa orgulhosa, porém cheia de culpa. Entre o convite e o arrependimento passa algum tempo, momentos de reflexão que acabam por deixar as tarefas e o cansaço de lado para acompanhar a amiga ao cinema.

Um aspecto notável é a utilização de uma sala de cinema em lugar da sala de teatro. De uma maneira geral, os estudantes têm mais oportunidades de ir ao cinema do que ao teatro. No contexto de Santo Antônio do Monte, cidade de pequeno porte, é raro ter apresentação de peças de teatro. Na verdade, não existe mais teatro na cidade há décadas. Também não há mais cinema, uma vez que o último existente foi fechado há quase vinte anos. No entanto, é bastante comum muitos estudantes irem aos cinemas do *shopping center* de Divinópolis, seja em excursões escolares ou com familiares. Podemos, assim, entender melhor o porquê de ter sido escolhido o cinema e não o teatro como pano de fundo para esse poema.

Outro aspecto que notamos é sobre a atitude do eu lírico em cada um dos poemas. Em "A diva", o eu lírico é ativo e atuante, encarnando o personagem e transformando seu ambiente cotidiano num palco; já em "Cinema", o eu lírico é passivo, sendo um espectador do filme ao qual pode reagir com emoções as quais se limitam a si mesmas. Por outro lado, em ambos percebemos uma atitude de movimento: um se revolta por não poder ir ao teatro; outro se arrepende e vai ao cinema. Se em "A diva" o eu lírico não pôde sair de seu ambiente doméstico para ir ao teatro, ele transforma esse ambiente num verdadeiro e trágico palco. Em "Cinema", a coragem do eu lírico em largar tudo, seus afazeres e seu cansaço, concede a si um momento de descanso e de magia diante da tela na qual, assim como num palco, se desenrolam os papeis vividos pelos atores.

Entre os poemas escritos, individualmente ou em grupo, oito têm o amor como tema. São eles "O amor oh o amor", "O diferencial de amar", "O amor inesquecível", "O amor", "O sempre amor", "Amor feião", "Os lados do amor" e "Fases do amor". O poema "O amor inesquecível" não foi autorizado a ser divulgado e, portanto, não será reproduzido e nem analisado neste trabalho.

O amor oh o amor

José Carlos

É como uma flor de espinhos
onde nos machucamos, mas sentimos um cheiro
o cheiro mais cheiroso que você pode sentir.
Também sente o pesar
de quando a flor murcha e se desmantela
te deixando só.
O amor é como um jardim e um beija-flor
enquanto a flor procura o beija-flor
o beija-flor procura sua flor.

Neste poema, o eu lírico do estudante-poeta dialoga com o leitor, o que é demonstrado pelo uso de pronomes de segunda pessoa. Nos três primeiros versos há uma antítese entre a flor perfumada e os seus espinhos que machucam, que culmina na afirmação de que o cheiro dessa flor vale a pena porque é o mais cheiroso. Nos próximos três versos o eu lírico demonstra seu pesar pelo entendimento de que a flor, embora bela e cheirosa, acaba por morrer e o deixar sozinho. Finalmente, nos três versos finais, há uma comparação do amor a um jardim e a um beija-flor. Talvez haja aí uma alusão a quanto o amor pode se realizar de inúmeras maneiras e, por isso, a diversidade de flores no jardim. Ademais, podemos perceber que há uma busca pelo amor, tanto realizada pela flor quanto pelo beija-flor, que, na diversidade do jardim, procura encontrar sua flor. Metafórico e antitético, o eu lírico não nos afirma se encontrou ou não o seu amado, isto é, não sabemos se o beija-flor conseguiu achar a flor que procurava.

Este poema possui elementos claramente associados ao lirismo amoroso que tem perpassado a poesia desde tempos imemoriais, os quais estão intrinsecamente ligados à produção poética. No poema, o eu lírico se refere a espinhos – metáfora da dor – e a cheiro mais cheiroso – metáfora do prazer; também se refere à morte – a flor se desfazendo – e à solidão, ambas temidas, inexoráveis e inerentes à natureza humana. Nos versos finais, contudo, há uma nítida esperança, a qual se materializa no jardim, na flor e no beija-flor, que se tornam metáforas da busca imprevisível e, muitas vezes, frustrante pela realização amorosa. Imprevisível, às vezes frustrante, mas não impossível, porque o jardim está cheio de flores, e ao beija-flor cabe procurar – não escolher, conforme afirma o eu lírico – a sua flor.

O diferencial de amar

Maria Mercedes
Maria Rita

O amor é uma ilusão
O amor é verdade
O amor é feliz
O amor é triste
Quero te amar
Até o mundo acabar
Feliz ou triste irei te beijar
O amor é lindo
O amor é olho no olho
Pele na pele
O amor não envelhecerá.

Neste poema o eu lírico também se expressa através de antíteses – ilusão e verdade, felicidade e tristeza –, mas, ao contrário de "O amor oh o amor", nele predomina um visão positiva sobre o sentimento amoroso. A imagem da eternidade do amor – até o mundo acabar – enquanto ele persiste independente de felicidade ou de tristeza – feliz ou triste irei te beijar – é de uma prazerosa e confortante doçura para a alma. O eu lírico parece estar completamente apaixonado pelo amado, pois afirma que o amor é lindo e, além do mais, é olho no olho, o que demonstra afeição, cumplicidade e presença. Além disso, há um detalhe bastante interessante quando ele se refere ao contato físico com o amado de maneira íntima, ou seja, pele na pele, proximidade, carinho e, por que não?, afirmação da necessidade desejosa desse mesmo contato.

Por falar em desejo, o último verso é bastante evocativo dessa necessidade tão humana que é a durabilidade daquilo que é bom e agradável. Ao afirmar que o amor não envelhecerá, o eu lírico manifesta categoricamente seu desejo de persistência e de eternidade de um sentimento que lhe permite viver uma situação boa para si mesmo. Nas metáforas do amor personificado, ele é sempre um menino, irrequieto e cheio de vida que, infelizmente muitas vezes, não chega

a ser adulto. Mas, neste poema, não nos preocupam esses detalhes porque, apesar de tudo, o amor não vai envelhecer.

O amor...

José Bento
Maria Helena

Amor é sofrimento
Sempre leva à solidão
Amor é fogo, é viciante
Um perigo para meu coração
O amor, felicidade
É onde posso me refugiar
Quando amo, fico burra
Só desejo me entregar
Amor é caos, é calmaria
É incerto e me humilha
Mas ainda assim
É o motivo da minha alegria
É gostoso e dói até sangrar
Mas é tudo que eu mais quero
Eu vivo por amor.

Neste poema, percebemos que o eu lírico manifesta uma relação conflituosa com o amor. Termos como sofrimento, solidão, vício, perigo, caos, incerteza, humilhação e dor são utilizados predominantemente para se referir ao amor em contraposição a palavras que expressam a ideia de felicidade, refúgio, calmaria, alegria, prazer e procura, as quais denotam uma visão positiva em relação ao amor.

Assim, mais uma vez estamos diante de um eu lírico que se expressa repleto de contradições sobre sua relação com o amor e, por conseguinte, com o amado. Embora amar seja algo que transforma a vida do eu lírico num caos, ele, apesar disso, tudo que deseja é viver pelo amor. A proximidade com “O sempre amor”, de Adélia Prado, fica evidente, especialmente entre o

penúltimo verso deste poema e o último verso do poema adeliano. Apesar de tudo, de todas as dores que amar possa trazer à vida, em ambos os poemas, para os dois eus líricos, amor é o que mais querem pois, para eles, é pelo amor que vivem, que se entalham, que tomam forma e existem.

O sempre amor

José Ivan
José Nelson
Maria Celeste
Maria Dolores

O amor é assim
blusa desbotada
chinelo gasto
abraço torto
café requentado
silêncio leve
piada sem graça
É olho no olho
mão suada
graça na rotina
laço vendado

Entre os poemas escritos pelos estudantes, em termos literários, podemos dizer que este é o melhor de todos. Em sua estrutura percebemos que é um típico poema escrito pelo método da enumeração. A partir do primeiro verso em que o tema é apresentado, uma sequência de versos livres, constituídos majoritariamente por substantivos e adjetivos, provoca no leitor a formação de imagens as quais evocam cenas simples, porém fortes, para descrever o amor.

Nesse processo, através de cenas cuja placidez é elegantemente apresentada, o leitor é aos poucos mergulhado em uma poderosa criação visual de imagens provocativas, ternas e rotineiras, as quais estão vigorosamente imersas na memória coletiva. Não há ação que se desenrola, não há drama, não há sofrimento nem dor; apenas há uma série de pequenos gestos,

como que congelados no tempo, os quais traduzem o que, para o eu lírico, é o amor. Sem cenas dramáticas, sem correrias, sem preocupações com sua finitude; tão somente as pequenas coisas cotidianas que se vão acontecendo ordinariamente e, assim, vão fundamentando o amor.

Sutilmente, a relação com o poema "Casamento" pode ser percebida. Em ambos, o amor é tratado não como algo caótico que desgoverna o universo, mas como pequenos gestos cotidianos os quais são contidos, simples, porém infinitamente poderosos para que exista a relação entre o amante e o amado. Embora o título escolhido pelos estudantes-poetas para este poema seja homônimo a um poema de Adélia Prado, o tema se aproxima, melhor dizendo, se funde delicadamente com o poema "Casamento". Nesse amálgama, podemos perceber dois eus líricos diferentes, mas complementares. No poema adeliano há um eu lírico maduro, casado, convicto de seu papel; nesse poema estudantil, vemos um eu lírico adolescente, cheio de expectativas sobre o amor, mas curioso e dando os primeiros passos nos caminhos incertos desse sentimento.

Amor feião

José Diogo
José Paulo

Eu quero amor um pouco feio.
Amor feio, nem se olha para o lado.
Duas vezes encontrado, é igual casamento.
Não se teologa mais.
Amor feio "é magro, doido por sexo!"
e filhos, tem de monte.
Tudo que fala, não faz.
Planta beijos de seis cores ao redor de casa.
E saudade preta e branca.
Da normal e da dobrada.
Amor feio, é bom porque fica velho.
"Cuida do essencial, o que brilha nos olhos" é o céu.
"eu sou homem, você é mulher"

Amor feio, sempre tem ilusão.
Eu quero amor um pouco feio.

Neste poema, os estudantes-poetas optaram por fazer uma releitura do poema "Amor feinho", de Adélia Prado. As diferenças são sutis, mas bastante significativas. Enquanto no poema adeliano o eu lírico afirma que um amante não olha um pro outro, nesse poema o eu lírico diz que o amante nem olha para o lado, ou seja, tem olhos somente para seu amado. Mais adiante, em "Amor feinho" temos um verso em que o eu lírico diz que os amantes são silenciosos e agem sem ter que dizer, já que as palavras são desnecessárias. Em "Amor feião", a afirmação é completamente diferente em relação ao fazer, ao agir. Para esse eu lírico, quando o amante diz que vai fazer algo, não faz. Outro aspecto notável é a relação sobre a durabilidade expressa quando diz que "amor feio é bom porque fica velho", a qual remete à ideia clássica de que o vinho, quanto mais velho, melhor fica.

Assim, embora à primeira vista pareça uma cópia ou paródia do poema "Amor feinho", quando se faz uma leitura mais atenta de "Amor feião", podemos perceber que, nele, as visões manifestadas por seu eu lírico são bastante diferentes e originais em relação ao poema adeliano.

Os lados do amor

Maria Flor

Amor é a coisa mais bela
amor é a coisa mais trágica
confortável
momentâneo
como voltar para casa após um dia cansativo.
Amor é a coisa mais bela
mas também a mais trágica
é impetuoso
e machuca como uma faca
me faz querer chorar por tanto amor
e não sou capaz de me controlar.

É o que mais quero na vida.

Entre os poemas escritos pelos estudantes, consideramos que este é o segundo melhor literariamente. Da mesma forma que outros colegas, esta estudante-poeta construiu seu poema trabalhando com antíteses que, ao longo dos versos, vão desnudando a imagem que o eu lírico tem sobre o amor. Contudo, cabe destacar que os aspectos positivos prevalecem ao longo do poema. À tragicidade do amor, são contrapostos a beleza, o conforto e o repouso. Embora seja um sentimento impetuoso – por isso, aparentemente incontrolável – e que machuca, contraditoriamente também se trata de algo que faz chorar, mas é um choro de amor demasiado, sobre o qual o eu lírico não tem controle. Talvez por saber que não tem controle sobre o amor, o eu lírico se rende e afirma que o que ele mais deseja na vida é justamente o amor.

A estreita relação com o poema adeliano "O sempre amor" é notável ao longo da maioria dos versos, embora cada poeta trilhe caminhos distintos, os quais confluem no último verso, em que ambos manifestam e confessam o desejo de amar. Outro ponto interessante que notamos é a maneira como o eu lírico de cada poema lida com o controle ou não. O eu lírico de "O sempre amor" é capaz de adequar-se e de controlar-se face ao amor, uma vez que pode entalhar-se, tomar uma forma que ele queira, ao passo que o eu lírico de "Os lados do amor" admite e confessa que não é capaz de se controlar.

Fases do amor

Maria Efigênia
Maria Pérola

Amor no início é alegre
Amor no meio é romântico
Amor no final é triste
A melhor sensação é saber que é recíproco
A pior sensação é saber que só um ama
Ele vem com a calmaria e cria memórias
Estar apaixonado é sentir o perfume do amado
E o coração acelerar

O amor nos faz chorar e rir ao mesmo tempo
O amor pode fazer acreditar em coisas falsas
Muitas vezes temos que fugir para não
Se entregar às loucuras do amor e nos
Faz esquecer que não podemos chorar.

Neste último poema a tratar do amor, nos vimos diante de um eu lírico conformado. Ele demonstra ter vivido diferentes fases do amor, passando pela intensidade inicial que, com o tempo, dá lugar a um sentimento romântico e, finalmente, acaba em tristeza. Aqui já não importam mais as contradições amorosas, mas certa melancolia que amargamente acompanha o eu lírico. A sensação de perda, ao longo do poema, fica clara, embora isso não seja explicitamente confessado pelo eu lírico. Mais do que isso, a frustração diante da crença em um amor que, provavelmente, não existiu, parece arrasar o eu lírico que sofre e deseja chorar.

Finalizando as produções dos estudantes-poetas, temos três poemas intitulados "O casamento" e dois homônimos "Briga no beco". Um dos poemas que tem por título "Briga no beco" não teve autorização para publicação e, por isso, não será reproduzido e nem analisado neste trabalho. Nesses dois poemas ora reproduzidos é notável a possibilidade de discussão sobre os papeis de gênero esperados ou impostos pela sociedade; porém, por se tratar de tema que não compete à nossa proposta de trabalho, não nos debruçaremos sobre ele no momento.

O casamento

José Osvaldo

Muitos casamentos são muito tóxicos
Em que ninguém pode fazer as coisas
Como jogar bola ou outras coisas
Outros casais já são tranquilos quanto a isso
São liberais e têm confiança um no outro.
Muitas mulheres ajudam os maridos
Igualmente o marido faz com a mulher
Com comida ou serviço ou outras coisas.
Já outros nem liga um com o outro

Por isso uns dão certo, outros não.
Casamento um tem que ser amoroso
Ajudar um ao outro.

O poema "O casamento" é levemente inspirado no poema homônimo de Adélia Prado. O eu lírico, neste texto escrito pelo estudante-poeta, faz uso de afirmações comumente nascidas das experiências de vida das pessoas quando se trata de relacionamentos amorosos. O eu lírico reconhece que há dificuldades de convivência entre casais, pois algumas relações são tóxicas, mas, por outro lado, acredita em ideais caros à sociedade, como quando diz que casamento deve ser amoroso e em que o casal seja equilibrado tanto nas tarefas quanto na reciprocidade dos sentimentos.

Ao longo do poema, o eu lírico destaca alguns aspectos da vida compartilhada pelo casal, enfatizando ora pontos positivos, ora pontos negativos, conforme seu entendimento. Ao encerrar o poema, percebemos que, para o eu lírico, o relacionamento amoroso entre o casal deve ser alicerçado no amor e na ajuda mútua. Essa percepção final do eu lírico, carregada de otimismo, é um contraponto ao primeiro verso, que demonstra uma visão pessimista sobre o relacionamento amoroso.

Briga no beco

José Humberto
José Maria

Estava em um bar localizado em um beco
estava me divertindo com alguns amigos
e vi minha namorada com outro rapaz
mas não consegui acreditar
logo fui tirar satisfação com ela e o rapaz
no meio da discussão verbal
ele tentou me acertar um soco
e acertou em cheio
acertei também
e assim continuou uma briga que durou muito!

No final acertei nele outro soco
e vi seus dentes voarem
e o rapaz que era belo não é mais nada

Poema homônimo ao "Briga no beco" de Adélia Prado, este apresenta um quadro contextual completamente diverso. Se em Adélia Prado temos uma mulher enfurecida pela traição, neste temos um homem que busca tirar satisfação ao ver a namorada com outro homem. Assim como no poema adeliano, a cena acontece em um beco, em um boteco, em que os ânimos se exaltam e tudo culmina numa briga feroz em que dentes voam longe. No final de tudo que aconteceu, o eu lírico adeliano é louvado e reverenciado, enquanto este outro eu lírico termina afirmando sua vitória sobre o oponente, porém sem louvor nem reverência por parte de ninguém. Não sabemos o que houve em seguida, se a namorada acompanhou o eu lírico ou ficou cuidando do rapaz. Não sabemos mais o que aconteceu em seguida. Fica apenas a certeza de que o rapaz belo ficou bastante desfigurado, pois perdera sua beleza.

3.2 Escrevendo um roteiro

A escrita da versão final do roteiro foi um processo em que os estudantes se envolveram ativamente, tendo a oportunidade de trocarem ideias sobre os personagens e sobre as cenas. Como os grupos haviam se reunido para criar roteiros diferentes, para a versão final que seria ensaiada e encenada foi preciso que adequassem cada texto produzido de forma a resultar em uma história que pudesse ir para o palco para ser representada diante de um público que a compreendesse. No decorrer desse processo, alguns personagens foram retirados das cenas, outros foram incluídos, outros ainda tiveram que ser renomeados.

Degustemos, agora, o roteiro da peça de teatro "Coisas do amor", escrito em sala de aula de forma coletiva pelos estudantes do 9º ano 1 da Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão.

PEÇA DE TEATRO "COISAS DO AMOR"
Um roteiro para encenação inspirada em poemas de Adélia Prado

Personagens: Maria José, Osvaldo, Liz, Belle, Joana, marido da Maria José, Sabrina, atendente da sorveteria, mulher e pessoas no bar, dono do bar.

CENA 1

Quatro pessoas, sentadas em torno de uma mesa, conversam sobre o amor. O ambiente é de uma sala de visitas de uma casa do interior de Minas Gerais.

LIZ – Amor é a coisa mais alegre...
BELLE – Amor é a coisa mais triste...
LIZ – Amor é a coisa que mais quero!
BELLE – Por causa dele falo palavras como lança...
LIZ – Amor é a coisa mais alegre...
BELLE – Amor é a coisa mais triste...
LIZ – Amor é a coisa que mais quero...
BELLE – Por causa dele podemos entreolhar-nos, sou de pedra-sabão.
LIZ – Alegre ou triste, amor é a coisa que mais quero.
MARIA JOSÉ – Eu quero amor feinho.
OSVALDO – Como assim?
MARIA JOSÉ – Amor feinho não olha um para o outro. Uma vez encontrado, é igual fé, não teologa mais.
OSVALDO – Duro de forte, o amor feinho é magro e doido por sexo.
MARIA JOSÉ – Tudo que não fala, faz. Planta beijos de todas as cores, saudades roxa e branca.
OSVALDO – ...da comum e da dobrada.
MARIA JOSÉ – Amor feinho é bom porque não fica velho.
OSVALDO – Cuida do essencial, o que brilha no olhar é o que é. Eu sou homem, você é mulher, não tem ilusão.
MARIA JOSÉ – O que ele tem é esperança.
OSVALDO – Eu quero amor feinho.

Fim da cena.

CENA 2

Duas amigas casadas conversam enquanto tomam sorvete, sentadas à mesa, numa sorveteria.

JOANA – Meu marido foi para o Rio São Francisco pescar. Toda vez que ele volta é a mesma coisa.
MARIA JOSÉ – Como assim? O que acontece?
JOANA – Ele chega, deixa os peixes todos sujos em cima da pia. Eu que devo limpar, salgar e fritar. Eu não aguento mais.
MARIA JOSÉ – O meu também ama pescar! Mas quando ele chega, é diferente.
JOANA – Como assim?
MARIA JOSÉ – A qualquer hora que ele chega, eu me levanto, ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar. Ficamos juntos na cozinha, aí ele me fala "este foi difícil" ou "prateou no ar dando rabanadas".
JOANA – Sério?
MARIA JOSÉ – Sim. O silêncio na cozinha como quando nos vimos pela primeira vez. Os peixes ficam na travessa. Vamos dormir. Somos noivo e noiva.

Fim da cena.

CENA 3

Fim de tarde numa avenida movimentada da cidade. Bar do Oséias, perto de um beco. Maria José estava indo ao mercado, quando vê o marido, sentado com uma mulher, dando uma de solteirão enquanto bebia guaraná e dava altas risadas ao lado da loira oxigenada.

MARIA JOSÉ – Ah! Que bonito, hein! Eu aqui igual empregada enquanto esse cafajeste sem vergonha sai pelas ruas pegando mulheres como essazinha aí!
MARIDO – Calma, meu docinho! Eu posso explicar!
A ira toma conta de Maria José, que não quer saber das explicações do marido. Ela dá um tapa forte na cara dele. Voam três dentes enquanto todos do bar se aproximam.
MARIDO – Para com isso, sua doida! Vamos, mulher, pare com esse escândalo. Parece até bicho!
SABRINA (se dirigindo a Maria José) – Ficou ofendidinha, foi? (falando com deboche e ironia) Que peninha que seu querido preferiu a mim do que a você, esse pano de chão. Uma magricela com carinha de coitada. Todinha, toda detonada!
MARIA JOSÉ – Fica na sua, cabeça de palha! Sinto muito mesmo que você não tenha percebido ainda que é a mim que ele ama!

MARIDO – Amo?! (diz indignado)
MARIA JOSÉ – Ama! Agora, fica quietinho que eu não falei com você, energúmeno!
MARIDO – Pô, meu benzinho! Eu tentei não ser moleque com você, eu juro!
MARIA JOSÉ – Meu benzinho?! Não me chame de meu benzinho!
Maria José avança sobre seu marido com as mãos e garras em seu pescoço, usando todas as suas forças e raiva.
SABRINA – Tire suas mãos do meu ursinho! (grita em estado de choque)
MULHER – Se eu fosse você, eu quebrava a cara dele! É isso aí, mulher!
MULTIDÃO – É! Divou, mana! Slay Queen! Arrasou, diva!

Fim da cena.

CENA 4

A Maria José conta para um amigo o que tinha acontecido no bar. Tomam café sentados à mesa da cozinha.

MARIA JOSÉ – Encontrei meu marido à tarde com uma loura oxigenada num bar ao lado de um beco no centro da cidade.
OSVALDO – O que você fez?
MARIA JOSÉ – Não sabia o que fazer nem falar, tentava de alguma forma me explicar, mas não conseguia. Ataquei os dois por trás com a mão e palavras que nunca suspeitei conhecer.
OSVALDO – Nossa...
MARIA JOSÉ – Gritei, gritei, fulano... depressa, tenho urgência.
OSVALDO – E como acabou?
MARIA JOSÉ – Fiquei rígida, com as mãos na garganta dele, nós dois petrificados, eu sem tocar o chão. Quando abri os olhos, as mulheres abriam alas, me tocando e me pedindo graças...

Fim da cena.

Neste roteiro, podemos observar todos os elementos necessários a esse gênero textual, tais como tempo, espaço e personagens. Além disso, a utilização de rubricas e as falas das personagens, por exemplo, confirmam ainda mais as características desse gênero textual.

Na primeira cena temos a introdução da história com a apresentação da protagonista, a Maria José; a segunda cena contribui para o aprofundamento da história, cujo clímax vai acontecer na terceira cena, com a briga no bar, o que faz dessas duas cenas o desenvolvimento da história. Finalmente, na quarta e última cena há o desfecho da história, no momento em que a protagonista conversa com um amigo sobre a briga que acontecera no bar do beco.

É interessante observar que na primeira e na última cena vemos a protagonista e outros personagens ambientados em um cenário doméstico, representado pela sala de visitas e pela cozinha, ao passo que nas cenas intermediárias o ambiente cenográfico é comercial. Na cena 1 e na 4 observamos um ambiente doméstico e intimista, enquanto na cena 2 e mais notadamente na 3, vemos um ambiente destituído dessa intimidade e repleto de pessoas estranhas, totalmente alheio à interação entre a protagonista e os demais personagens na primeira e na última cenas.

Assim, podemos constatar a presença de um enredo, de personagens, de diálogos, de cenário e de tema nesta peça escrita pelos estudantes. Todos estes elementos puderam resultar na encenação em palco na qual os estudantes atuaram, apresentando-se para os colegas e alguns de seus docentes.

Por fim, considerando que a encenação foi o ápice de nossa proposta de trabalho em sala de aula, constatamos a capacidade de apropriação dos textos de Adélia Prado demonstrada pelos estudantes no decorrer das atividades que lhes foram propostas. Desde o contato inicial com a leitura dos poemas adelianos, passando pela escrita de poemas e do roteiro, até o momento da encenação em palco, eles foram, aos poucos, apropriando-se dos textos de Adélia Prado para, então, escreverem seus próprios poemas e o roteiro da peça. Nesse ato criativo, os estudantes, ao fazerem paráfrases e colagens de fragmentos recontextualizados dos poemas de Adélia Prado em suas próprias produções, conseguiram alcançar níveis literários interessantes e notáveis. A criatividade e a liberdade com que lidaram com os poemas adelianos podem ser entendidas como indicadores da intimidade que conseguiram estabelecer com a poeta divinopolitana.

3.3 Escrevendo relatos pessoais

A escrita dos relatos pessoais pelos estudantes foi uma atividade importante e necessária, uma vez que, através dela, podemos entender como foram as impressões dos alunos ao participarem da proposta de trabalho em sala de aula. O olhar de cada estudante, manifestando individualmente sua opinião sobre o que fez, é o arremate perfeito para todas as atividades propostas e realizadas.

Ao todo, foram escritos quinze relatos; contudo, como quatro estudantes não firmaram a documentação de autorização de divulgação, seus quatro relatos não serão reproduzidos e nem divulgados neste trabalho para que suas identidades se mantenham preservadas. Em tempo, nos relatos reproduzidos buscamos manter os textos originais e, com isso, desvios gramaticais também foram mantidos para que a originalidade e a individualidade autoral não fossem corrompidas. Os desvios gramaticais observados são, majoritariamente, sintáticos, englobando concordância, regência e colocação pronominal. Não sendo este, pois, o foco desta proposta de trabalho, não nos ativemos à sua análise; contudo, para que o leitor se sinta confortável e esclarecido, utilizamos a expressão latina *sic* para evidenciar aqueles que podem causar algum nível de comprometimento no entendimento dos textos escritos pelos estudantes.

Posteriormente aos relatos pessoais que ora reproduzimos, cuja autoria mantemos sob pseudonímia, destacamos alguns pontos que consideramos interessantes em relação às experiências relatadas pelos estudantes.

José Bento

Sou o José Bento, tenho 14 anos, estou na 9ª série, sala 1. Eu participei do mestrado feito e organizado pelo meu professor de Português chamado Nilson Antônio. Este mestrado envolve muitas áreas, como leitura, interpretação, escrita, encenação, dentre outras. Esta atividade foi bem legal de ser feita, foi muito interessante.

Em minha opinião, a melhor das atividades foi a encenação, pois havia muitas histórias e vários pontos de vista. Eu participei de todas as atividades, em todas elas eu me esforcei muito para conseguir concluir todas aquelas atividades.

Gostei muito deste mestrado, pois o professor pode (sic) *avaliar todos os alunos igualmente, concorrendo pelas mesmas atividades. Acho que outras matérias poderiam fazer algo parecido.*

O mestrado parece dar mais dinâmica para as aulas, deixando-as mais animadas.

José Diogo

Na escrita dos poemas de Adélia Prado, eu concluí quase todas as atividades que o professor Nilson passou para que agente (sic) *fizesse as atividades e entendesse sobre quem foi Adélia Prado. Eu gostei muito sobre esse assunto. A atividade que eu mais gostei de escrever foi a escrita do roteiro, o meu grupo foi de quatro pessoas. Foi fácil realizar as atividades em grupos e eu gostei muito das atividades que tive. Depois disso foram as redações que eu não me saí muito bem, mas espero me sair bem nas próximas que vierem.*

Maria Efigênia

Minha opinião sobre o projeto é: o projeto foi muito bom e incluiu a participação de muitos tanto quanto na leitura dos poemas quanto na encenação. Eu, Maria Efigênia, li os poemas da Adélia Prado, fiz um poema sobre o amor e participei da encenação como Maria José das cenas 1 e 4.

Maria Flor

Durante as aulas de português participei das atividades do projeto de mestrado do professor Nilson. Durante essas aulas, tivemos como foco a obra poética de Adélia Prado, escritora de renome nascida em Divinópolis.

As atividades do Projeto Mestrado tiveram como base poemas como "Briga no beco", "O sempre amor", "Amor feinho" e outros da autora. Realizamos a leitura de sua poesia, eu li o poema de título "Momento", que eu gostei muito pois, ao meu ver, expressa a beleza do cotidiano e da normalidade, mostrando a arte de simplesmente ser. Também escrevemos nossos próprios poemas tendo como base os da autora, escrevi o meu inspirado em "O sempre amor", refletindo como, apesar de todos os males, o amor é a coisa mais desejada.

Para finalizar o projeto, iríamos encenar o se que se passa nos poemas lidos nas aulas de português, e para isso escrevemos nossos próprios roteiros inspirados nos mesmos.

O que meu grupo escreveu foi inspirado em "Briga no beco", eu particularmente achei muito legal e engraçado de escrever, gostei do resultado.

Por fim, na encenação interpretei Joana, personagem do roteiro inspirado em "Casamento", gostei muito dessa personagem e de interpretá-la.

Participar desse projeto foi uma experiência muito legal, que fez com que eu conhecesse a obra de Adélia Prado, que de fato é uma ótima escritora.

José Ivan

Oi, me chamo José Ivan. Eu participei do projeto do mestrado com o professor Nilson. Eu participei fazendo leitura dos poemas, escrita do roteiro e a encenação (peça de teatro). Eu também ajudei a fazer o roteiro junto com a Maria Dolores, nóis (sic) *mais brigou* (sic) *do que ajudou* (sic). *Ajudei nos ensaios, eu dei sugestão de eu ser um personagem da cena. No dia da apresentação eu apresentei 2 vezes participando de 2 cenas. Eu gostei muito de participar de tudo: do roteiro, dos ensaios, do teatro gostei muito de participar. Obrigado, professor Nilson.*

Maria Helena

Eu me chamo Maria Helena, estudo na Escola Doutor Álvaro Brandão, na sala do 9º ano 1. Nesse projeto feito pelo professor Nilson Antônio, nós fizemos diversas atividades e diálogos em grupos.

Lemos os poemas escritos pela Adélia Prado e recriamos com nossas palavras. Gostei muito de conhecer e observar como a poeta se expressa em seus poemas, e fiquei entusiasmada ao executar a tentativa de reescrevê-los.

Também nos juntamos em grupos para criarmos um roteiro inspirado nos poemas. Me diverti (sic) *muito ao escrevê-lo, pois meu grupo focou em deixá-lo engraçado, dando vida e diversão à poesia.*

Após a escrita do roteiro, nossa turma se organizou e ensaiou para encenar para os outros nonos anos.

Adorei muito participar deste projeto!

Maria Isabel

Eu me chamo Maria Isabel, eu participei das atividades do Projeto do Mestrado.

Participei da leitura dos poemas de Adélia Prado, os poemas eram bem interessantes e divertidos.

Participei da escrita de poemas, foi feito em grupo, foi bem divertido fazer com as meninas, nós rimos muito.

Participei também do roteiro que também foi feito em grupo, nós fizemos um roteiro bem criativo e engraçado.

Da encenação eu não participei nem como personagem e nem como ajudante, mas as outras atividades do projeto eu fiz.

José Maria

Meu nome é José Maria. Estudo na Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão no turno da manhã. Participei do projeto mestrado. A escritura do poema foi algo complicado tanto para mim quanto para minha dupla, pois precisamos (sic) *elaborar uma história de tradições da nossa região, assim paramos nosso texto Afonso e o lobisomem – foi uma aventura não tão longa mas envolvente que inclusive foi selecionada para estar em um livro. Em outra atividade deveríamos fazer um roteiro, tentamos a mesma técnica de colocar nomes engraçados nos personagens para cativar o leitor. Eu e o meu grupo estávamos tentando a um tempo, mas nada se encaixava no texto, até que nos inspiramos nos curtos textos de Adélia Prado e assim a coisa começou a andar com os personagens de Adélia e fizemos nosso roteiro.*

Maria Quitéria

Olá, meu nome é Maria Quitéria, tenho 14 anos, estudo na Escola Estadual Dr. Álvaro Brandão na sala 3 no 9º ano 1. A leitura dos poemas de Adélia Prado foi muito boa, conhecemos ela (sic)*, os poemas etc.*

A escrita do poema foi interessante, pois aprendemos como funciona escrever um poema que, apesar de difícil, é bom no final. A escrita do roteiro foi boa, gostei muito de escrever sobre mineiridades de Santo Antônio do Monte e região.

Não participei da peça de teatro, mas participei um pouco ajudando.

Maria Rita

A primeira atividade que fizemos foi a leitura dos poemas de Adélia Prado. Achei muito interessante a forma que (sic) *ela expressa os sentimentos dela no poema e o meu poema favorito foi "O sempre amor".*

A segunda atividade foi escrever em grupo poemas. Achei mais difícil, mas conseguimos fazer e o professor gostou bastante.

A terceira atividade foi em grupo também. A gente tinha que fazer a escrita do roteiro. Foi bem fácil e o roteiro nosso foi sobre uma briga em um bar, onde a mulher pega seu marido traindo ela (sic) *com uma mulher loira...*

A quarta atividade foi a atividade mais engraçada, foi a atividade de encenação (peça de teatro). A gente apresentou lá na quadra, alguns alunos apresentaram, outros ajudaram a montar o cenário, foi uma aula bastante divertida...

Maria Serena

Eu participei da atividade de leitura de poemas de Adélia Prado lendo o poema "O sempre amor".

Logo em seguida, participei em grupo da atividade de escrita de poemas (que fala sobre o amor dos jovens). Essa foi uma das únicas atividades de que gostei de participar pois foi uma coisa diferente e muito divertida.

Sobre a encenação, não participei, porém gostei muito do teatro. Poderia ter mais vezes uma atividade diferente.

O sabor desses singelos relatos pessoais está, certamente, na perceptível sinceridade com que os estudantes se expressaram ao falar sobre a participação nas atividades. As marcas de oralidade, algumas vezes bastante evidentes, dão agradável vigor à sua leitura. Alguns mais completos, bem elaborados; outros, mais superficiais, apressados... assim como são estudantes em sala de aula, cada um em seu ritmo, mas com vontade de aprender e de compreender o mundo.

Entre as variadas percepções sobre as experiências relatadas pelos estudantes, destacamos alguns pontos bastante interessantes, tais como a importância do mestrado, a leitura dos poemas de Adélia Prado, a autoria e a autonomia dos estudantes na escrita dos poemas e do roteiro e, finalmente, a forma prazerosa como eles fizeram a encenação.

Em relação à percepção que tiveram sobre o mestrado no decorrer da proposta de trabalho em sala de aula, alguns afirmaram que as atividades desenvolvidas deixaram as aulas mais animadas e dinâmicas e que, por isso, o mesmo poderia ser feito em outras disciplinas. Além disso, destacaram que foi uma experiência agradável e positiva, que os levou a conhecer a obra de Adélia Prado e a reconhecê-la como uma grande escritora. O José Bento, por exemplo, disse que "o mestrado parece dar mais dinâmica para as aulas, deixando-as mais animadas" e que "outras matérias poderiam fazer algo parecido". Para a Maria Flor, a participação no "projeto foi uma experiência muito legal, que fez com que [ela] conhecesse a obra de Adélia Prado, que de fato é uma ótima escritora".

A leitura dos poemas de Adélia Prado revelou-se, segundo os estudantes, como momentos agradáveis e envolventes. Para a Maria Flor, ao comentar sobre a leitura do poema "Momento", a poesia de Adélia Prado "expressa a beleza do cotidiano e da normalidade, mostrando a arte de simplesmente ser". A Maria Helena também afirma ter gostado "muito de conhecer e de observar como a poeta se expressa em seus poemas", além de ter ficado "entusiasmada ao executar a tentativa de reescrevê-los". Opinião semelhante foi a da Maria Rita que, ao comentar sobre a leitura dos poemas que constituiu a parte inicial da proposta, disse ter achado "interessante a forma como ela [Adélia Prado] expressa os sentimentos dela no poema", destacando que seu "poema favorito foi o 'O sempre amor'".

Em relação à escrita dos poemas e do roteiro de autoria própria, que foi feita de forma individual ou coletiva, os estudantes demonstraram também ter apreciado essa etapa. Para a Maria Serena, a escrita do poema "foi umas das únicas atividades de que [ela gostou] de participar, pois foi uma coisa diferente e muito divertida". A escrita do roteiro, por sua vez, mostrou-se como um dos momentos dos quais os estudantes mais gostaram, notadamente por ter sido feita de forma coletiva em grupos. O José Diogo disse que a atividade de que ele mais gostou foi a escrita do roteiro. A Maria Flor também afirmou ter gostado do resultado da experiência de escrita coletiva, ao comentar que o roteiro que seu "grupo escreveu foi inspirado em 'Briga no beco"'. Além de os estudantes terem gostado da forma como a atividade de escrita do roteiro foi feita, eles a consideraram muito divertida, o que demonstram as palavras da Maria Helena ao dizer que se divertiu muito ao escrevê-lo inspirado nos poemas de Adélia Prado e que seu "grupo focou em deixá-lo engraçado, dando

vida e diversão à poesia". A Maria Quitéria também afirmou que "a escrita do roteiro foi boa".

Ao falarem sobre a encenação, os estudantes relataram ter sido a parte que mais gostaram de fazer. Para o José Bento, "a melhor das atividades foi a encenação, pois havia muitas histórias e vários pontos de vista". A Maria Flor, que interpretou a personagem Joana, disse ter gostado "muito dessa personagem e de interpretá-la". Para a Maria Rita, "a quarta atividade foi a atividade mais engraçada, foi a atividade de encenação". Ela também destacou o fato de que foi algo feito em conjunto, em que os colegas desempenharam funções distintas para que a encenação fosse feita, relatando que "a gente [se] apresentou lá na quadra, alguns alunos [se] apresentaram, outros ajudaram a montar o cenário, foi uma aula bastante divertida..." A Maria Serena lamentou não ter participado da encenação, ao afirmar que "sobre a encenação, não participei, porém gostei muito do teatro. Poderia ter mais vezes uma atividade diferente". A Maria Efigênia foi uma das estudantes mais participativas em todas as atividades. "Li os poemas da Adélia Prado, fiz um poema sobre o amor e participei da encenação como Maria José das cenas 1 e 4" é o que ela mesma afirma em seu relato pessoal.

O José Ivan merece um parágrafo somente para ele! Participou de tudo, como ele mesmo diz em seu relato: "Eu gostei muito de participar de tudo: do roteiro, dos ensaios, do teatro gostei muito de participar. Obrigado, professor Nilson". Prestativo e empenhado, não ficou de fora de nenhuma atividade. No decorrer da aplicação das atividades, seu envolvimento foi notável em todos os momentos, sem hora alguma ele impor sobre os colegas sua vontade. Ao longo do processo, pudemos observar como ele, muitas vezes, teve que entrar em acordo com os colegas sobre o que poderia ou não fazer, e se o grupo concordava ou não com suas sugestões nas atividades de escrita, por exemplo. Destacou-se como um estudante que muito nos auxiliou ao longo da aplicação de nossa proposta de trabalho em sala de aula.

Como em todo começo de jornada, reconhecemos que houve certo temor naquele momento inicial em que apresentamos à turma nossa proposta de trabalho, pois não havia certeza sobre como seria a caminhada. Apenas expectativas. Mas, ao chegarmos ao final do processo, tivemos a certeza de que é possível ensinar literatura de uma maneira agradável para os estudantes e com bons resultados. Nesse sentido, os relatos pessoais causaram-nos agradável surpresa pela maneira como contam sobre a participação dos estudantes na proposta de trabalho. Neles, pudemos perceber o nível de comprometimento da maioria da turma ao

abraçar a proposta de trabalho, bem como em que medida, de fato, eles compreenderam o que lhes foi apresentado e proposto. São textos breves, que falam por si mesmos e, mais do que isso, mostram-se como o testemunho de estudantes que, ao abraçar um projeto, chegaram a resultados surpreendentes e válidos dentro do contexto educacional das escolas públicas de nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> "A força espiritual da literatura recorda, por último, a primeira tarefa confiada por Deus ao homem: a tarefa de "dar nome" aos seres e às coisas (cf. Gn 2, 19-20). A missão de guardião da criação, atribuída por Deus a Adão, passa primeiramente pelo reconhecimento da sua própria realidade e do sentido da existência dos outros seres."
> Papa Francisco, *Carta do Santo Padre Francisco sobre o papel da literatura na educação*, p. 10.

Ensinar literatura e experimentar o texto literário em sala de aula não é tarefa simples que possa ser feita de forma precipitada ou descompromissada. Planejamento que, com clareza, indique cada etapa com cada passo a ser dado, é essencial para que o texto, ao entrar em contato com o estudante, com ele estabeleça uma relação de mútua confiança e entrega. Passos desgovernados conduzem, inevitavelmente, a precipícios aos quais nem discentes nem docentes devem chegar. Qualquer texto literário, canônico ou não, se tão somente arremessado ao acaso dentro da sala de aula, não surtirá bom efeito e, entre os que surtirem, possivelmente será o afastamento entre ele e os estudantes.

Tendo em mente esta premissa, desenvolvemos esta proposta de trabalho em sala de aula abordando a teatralidade na obra poética de Adélia Prado, em um recorte adequado às possibilidades didáticas de uma turma de nono ano da Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão, da cidade de Santo Antônio do Monte. Acreditamos que os dez poemas que selecionamos foram representativos no sentido de manifestar o caráter dramático, ou seja, a teatralidade, presente na poesia adeliana.

As atividades componentes desta proposta de trabalho, iniciando com a apresentação da autora e poeta Adélia Prado, passando pela leitura de alguns de seus poemas, pela escrita de poemas de autoria dos próprios estudantes e, finalmente, pela encenação de uma peça inspirada nesses mesmos poemas lidos e estudados, cujo roteiro foi escrito em conjunto em sala de aula, demonstraram ser uma forma produtiva de trabalhar com literatura em sala de aula. Além da fruição do texto literário, os estudantes puderam conhecer um pouco da obra de Adélia Prado, bem como aprofundar suas experiências com os gêneros textuais poema, roteiro de teatro e relato pessoal, assim como desenvolver habilidades na produção de textos dos gêneros literários lírico e dramático.

O trabalho com textos literários em sala de aula, em si, já exige uma demanda considerável de esforço e, quando se trata de trabalhar com a poesia, maior ela se torna. Ao final desse processo, com as etapas de leitura, de escrita e de encenação, percebemos que a dúvida inicial de como levar a obra poética de Adélia Prado para sala de aula de modo que os estudantes pudessem fruí-la, que motivou nossa proposta, pôde ser esclarecida e, mais do que isso, pôde confirmar que é possível despertar o gosto de experimentar o texto literário como algo agradável. A concepção que os estudantes têm, na maioria das vezes, de que texto literário é geralmente utilizado apenas para fins de responder a perguntas no caderno foi quebrada. Percebemos que, aos poucos, foi se desenvolvendo uma relação entre os estudantes e os poemas de Adélia Prado, a qual conduziu à sua fruição envolvendo diversos aspectos, os quais culminaram na encenação em palco.

Essa característica do texto adeliano que, ao ser lido, parece exigir um palco em que seja encenado, foi compreendida pelos estudantes ao longo do processo, tanto que em seus relatos afirmaram ser a parte da encenação a mais divertida. Mas, para chegar a esse ponto culminante do qual os estudantes gostaram, foi percorrido um trajeto que lhes possibilitou conhecer a poeta, seus poemas e, também, as possibilidades de teatralidade presentes em sua obra literária. Todas as atividades, ao serem realizadas dentro de contextos, puderam criar laços entre estudantes e textos literários, de forma que o contato transbordou a brevidade da leitura para preencher bastante a infinitude da fruição.

A teatralidade na poesia de Adélia Prado fez-se notória quando, em palco, os estudantes encenaram um texto dramático por eles mesmos escrito tendo por base os textos poéticos da autora divinopolitana. A encenação em palco deixou mais evidente o que o eu lírico já manifestava no texto escrito, especialmente quando esse texto é lido em voz alta. O eu lírico dialoga com o ouvinte pela boca do leitor; não é o leitor quem fala, mas é como se ele, ao assumir o eu lírico, dando-lhe voz, passasse a conversar com seu ouvinte, ainda que, por vezes, seja uma conversa monológica. Percebe-se, nesse caráter dramático do texto adeliano, certa tensão entre este aspecto intimista da conversa que se dá, por exemplo na cozinha ou na sala de casa, e o anseio pela fala no palco diante de um público cujos olhos se voltem exclusivamente para a cena.

Entendemos que os objetivos de nossa proposta de trabalho em sala de aula foram alcançados, de modo que os estudantes puderam conhecer um pouco da obra poética de Adélia Prado a

ponto de levarem ao palco os poemas para serem encenados. O engajamento da maioria dos estudantes no decorrer das atividades feitas em sala de aula, bem como na encenação, foi bastante satisfatório, o que indubitavelmente contribuiu para o alcance do que foi proposto a eles. Ademais, é válido mencionar a boa disposição por parte da direção e da coordenação pedagógica da escola em proporcionar, dentro das possibilidades, os horários e espaços necessários para a realização das atividades; e, por fim, a anuência de estudantes e pais ou responsáveis sem o que não seria possível realizar este trabalho.

No decorrer do processo, houve, naturalmente, a necessidade de conformar prazos para conciliar as atividades envolvidas tanto no ambiente da sala de aula quanto fora dele. A Festa de Reinado da qual muitos estudantes participam, os jogos interclasse que são o evento esportivo central do calendário escolar, as avaliações externas tanto do Ministério da Educação quanto da Secretaria de Educação de Minas Gerais, e ainda as reuniões do Colegiado Escolar, foram eventos em relação aos quais não se pôde fazer muito a não ser adaptar as datas inicialmente pensadas. Isso, contudo, não interferiu de forma significativa ou prejudicial nos objetivos propostos e nem nos resultados alcançados.

Assim, consideramos alcançado o objetivo geral de nossa proposta, quer seja, promover a leitura e a retextualização, do gênero literário lírico para o gênero literário dramático, de poemas de Adélia Prado feitas pelos estudantes do nono ano da Escola Estadual Doutor Álvaro Brandão, de Santo Antônio do Monte, durante as aulas do componente curricular Língua Portuguesa, bem como também alcançados os objetivos específicos, os quais são proporcionar aos estudantes a fruição da obra literária poética de Adélia Prado, incentivar a leitura de poemas dessa poeta e, finalmente, realizar a retextualização de dez de seus poemas do gênero literário lírico para o gênero literário dramático. Estas ações, em conjunto, contribuíram para o letramento literário dos estudantes da turma em que foram realizadas.

No momento em que conseguimos entender a importância e a necessidade essencial da literatura para a vida, especialmente a poesia, adquirimos consciência da vivacidade e da fertilidade que o texto é capaz de dar ao leitor e nele gerar frutos, pois, ecoando as palavras do Papa Francisco (2024), uma obra literária é sempre viva e sempre fértil. Para cada leitor, em qualquer lugar e em qualquer e todo tempo, o texto literário será sempre vivo e novo, fértil e provocativo. Uma vez que o texto é vivo, ele cria um movimento libertador, catártico e acolhedor, que age no leitor e neste provoca uma interação que vai muito além do ato de ler.

As possibilidades deste trabalho não se esgotam por ora, pois a teatralidade na poesia de Adélia Prado oferece múltiplos desdobramentos, os quais podem ser explorados de incontáveis maneiras tanto em sala de aula quanto no palco. Esperamos, contudo, que possamos ter deixado para os colegas docentes uma sugestão de como trabalhar com literatura e, mais especificamente, com a obra poética de Adélia Prado em suas aulas de língua portuguesa de turmas do nono ano de escolas públicas.

O texto poético possui teatralidade em si e por si mesmo. Talvez seja uma afirmação ousada, mas, nela, ecoamos o pensamento de Zumthor (2018, p. 19) ao perguntar provocativamente "Toda 'literatura' não é fundamentalmente teatro?". Adélia Prado, possivelmente, diria que sim.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Cassiano Ricardo**/textos escolhidos. Rio de Janeiro: ABL, s/d. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/cassiano-ricardo/textos-escolhidos. Acesso em: 20 ago. 2024.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura**. Volume I. 8 ed. Coimbra: Almedina, 2007.

AMARAL, Emília; ANTÔNIO, Severino. **Novíssimo curso vestibular**. Redação I. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALBINO, Evaldo. Entre a santidade e a loucura: o desdobramento da mulher na bagagem poética de Adélia Prado. **Em Tese.** Belo Horizonte, v. 6, p. 181-186, ago. 2003. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/viewFile/3553/3513. Acesso em 20 jan. 2024.

BARRETO, Lázaro; PRADO, Adélia. **Lapinha de Jesus**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1969.

BENFICA, M.F.B. Retextualização. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale:** termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/retextualizacao. Acesso em: 18 ago. 2024.

BRECHT, Bertolt. **Bertolt Brecht:** plays, poetry and prose. Edited by John Willet and Ralph Manheim. Poems 1913-1956. London: Eyre Methuen Ltd., 1976.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5 ed. corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1989.

CEREJA, William; DIAS VIANNA, Carolina; DAMIEN, Christiane. **Português contemporâneo:** diálogo, reflexão e uso. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

CIDADES & CIA. **Conheça Divinópolis, uma importante cidade do Estado de Minas Gerais**. Youtube, 26 de mar. de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CwukikKO3bk. Acesso em: 16 nov. 2023.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2 ed. 13ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

COSSON, Rildo. Letramento literário. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em:

https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario. Acesso em: 23 jul. 2024.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Experiência estética literária. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/experiencia-estetica-literaria. Acesso em: 25 jul. 2024.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3255085. Acesso em: 19 nov. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Carta do santo padre Francisco sobre o papel da literatura na educação**. Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240717-lettera-ruolo-letteratura-formazione.html. Acesso em: 14 jan. 2025.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Foto de divulgação: **Adélia Prado**. 19 fev. 2025. 1 fotografia. Disponível em: https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/noticias/reconhecimento-internacional-adelia-prado-recebe-premio-luis-de-camoes-2024-representada-pelo-seu-filho-em-brasilia. Acesso em: 31 maio 2025.

G1. MG2. **Adélia Prado vence o prêmio Camões, o mais importante da língua portuguesa**. Vídeo. 4m33s. 26 jun. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/videos-mg2/playlist/videos-mg2-de-quarta-feira-26-de-junho-de-2024.ghtml. Acesso em: 28 jul. 2024.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 14 ed. São Paulo: Ática, 2011.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Brasília: 2023. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santo-antonio-do-monte/panorama. Acesso em: 21 jan. 2025.

IOSSI, Flávia Delalibera (editora responsável). **Araribá conecta:** arte 8º ano. São Paulo: Moderna, 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MASSI, Augusto. Móbile para Adélia Prado. In: PRADO, Adélia. **Adélia Prado:** poesia reunida. Rio de Janeiro: Record, 2015.

OSAKABE, Haquira. Poesia e indiferença. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. (orgs.) **Leituras Literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (org.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete (org.). **Teoria da literatura na escola**. Belo Horizonte: Lê, 1994.

PINTO, Thadeu Menezes. **Tal como em um baile de máscaras [manuscrito]:** o terror de Edgar Allan Poe e João do Rio como um recurso de incentivo à leitura literária em sala de aula / Thadeu Menezes Pinto – 2021. 88 f.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. 46 ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

PRADO, Adélia. **Oráculos de maio**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

PRADO, Adélia. **Adélia Prado:** poesia reunida. Rio de Janeiro: Record, 2015.

PRADO, Adélia. **Terra de Santa Cruz**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

RAMOS, Maria Luiza. **Fenomenologia da obra literária**. Rio de Janeiro: Forense. 1969.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/generos-do-discurso. Acesso em: 3 ago. 2024.

ROJO, Roxane. Gêneros e tipos textuais. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/generos-e-tipos-textuais. Acesso em: 3 ago. 2024.

SANTOS, Rafael. **Peça Auto da Compadecida - Grupo de Jovens Fé e Vida**. Youtube, 27 de dez. de 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ABD9ILKyiSQ. Acesso em: 15 jul. 2024.

SHAKESPEARE, William. **As you like it**. New York: Washington Square Press, 2004.

SILVA, Camila Mariana Aparecida da; ARAÚJO, Izabel Antonina de; CHAGAS, Leonardo Borges Rodrigues. **Diretrizes para normalização de trabalhos acadêmicos**. 2 ed. Belo Horizonte: Biblioteca Universitária, 2023.

SILVA, Nilson Antônio et al. **Vida acadêmica**. Santo Antônio do Monte: RN Communicare, 2020.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.

ANEXOS

ANEXO 1 – Poemas de Adélia Prado[6]

Tabaréu

Vira e mexe eu penso é numa toada só.
Fiz curso de filosofia pra escovar o pensamento,
não valeu. O mais universal que eu chego
é a recepção de Nossa Senhora de Fátima
em Santo Antônio do Monte.
Duas mil pessoas com velas louvando a Maria
num oco de escuro, pedindo bom parto,
moço de bom gênio pra casar,
boa hora pra nascer e morrer.
O cheiro do povo espiritado,
isso eu entendo sem desatino.
Porque, mercê de Deus, o poder que eu tenho
é de fazer poesia, quando ela insiste feito
água no fundo da mina, levantando morrinho de areia.
É quando clareia e refresca, abre sol, chove,
conforme necessidades.
Às vezes dá até de escurecer de repente
com trovoada e raio. Não desaponta nunca.
É feito sol.
Feito amor divino.

Fonte: Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 78.

[6] Para proporcionar ao leitor uma leitura agradável, optamos por sacrificar a rigidez do texto acadêmico para que a estética pudesse prevalecer no que se refere à disposição dos poemas por inteiro em cada página, sem quebras das estrofes.

A diva

Vamos ao teatro, Maria José?
Quem me dera,
desmanchei em rosca quinze quilos de farinha,
tou podre. Outro dia a gente vamos.
Falou meio triste, culpada,
e um pouco alegre por recusar com orgulho.
TEATRO! Disse no espelho.
TEATRO! Mais alto, desgrenhada.
TEATRO! E os cacos voaram
sem nenhum aplauso.
Perfeita.

Fonte: Adélia Prado, *Oráculos de maio*, 2015, p. 75.

Amor feinho

Eu quero amor feinho.
Amor feinho não olha um pro outro.
Uma vez encontrado, é igual fé,
não teologa mais.
Duro de forte, o amor feinho é magro, doido por sexo
e filhos tem os quantos haja.
Tudo que não fala, faz.
Planta beijo de três cores ao redor da casa
e saudade roxa e branca,
da comum e da dobrada.
Amor feinho é bom porque não fica velho.
Cuida do essencial; o que brilha nos olhos é o que é:
eu sou homem você é mulher.
Amor feinho não tem ilusão,
o que ele tem é esperança:
eu quero amor feinho.

Fonte: Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 97.

A serenata

Uma noite de lua pálida e gerânios
ele viria com boca e mãos incríveis
tocar flauta no jardim.
Estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:
ou viro doida ou santa.
Eu que rejeito e exprobro
o que não for natural como sangue e veias
descubro que estou chorando todo dia,
os cabelos entristecidos,
a pele assaltada de indecisão.
Quando ele vier, porque é certo que vem,
de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?
A lua, os gerânios e ele serão os mesmos
— só a mulher entre as coisas envelhece.
De que modo vou abrir a janela, se não for doida?
Como a fecharei, se não for santa?

Fonte: Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 84.

O sempre amor

Amor é a coisa mais alegre
amor é a coisa mais triste
amor é a coisa que mais quero.
Por causa dele falo palavras como lanças.
Amor é uma coisa mais alegre
amor é a coisa mais triste
amor é a coisa que mais quero.
Por causa dele podem entalhar-me,
sou de pedra-sabão.
Alegre ou triste,
amor é coisa que mais quero.

Fonte: Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 86.

Os lugares comuns

Quando o homem que ia casar comigo
chegou a primeira vez na minha casa,
eu estava saindo do banheiro, devastada
de angelismo e carência. Mesmo assim,
ele me olhou com olhos admirados
e segurou minha mão mais que
um tempo normal a pessoas
acabando de se conhecer.
Nunca mencionou o fato.
Até hoje me ama com amor
de vagarezas, súbitos chegares.
Quando eu sei que ele vem,
eu fecho a porta para a grata surpresa.
Vou abri-la como o fazem as noivas
e as amantes. Seu nome é:
Salvador do meu corpo.

Fonte: Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 89.

Casamento

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como ‘este foi difícil’
‘prateou no ar dando rabanadas’
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.

Fonte: Adélia Prado, *Terra de Santa Cruz*, 2016, p. 25.

Briga no beco

Encontrei meu marido às três horas da tarde
com uma loura oxidada.
Tomavam guaraná e riam, os desavergonhados.
Ataquei-os por trás com mão e palavras
que nunca suspeitei conhecesse.
Voaram três dentes e gritei, esmurrei-os e gritei,
gritei meu urro, a torrente de impropérios.
Ajuntou gente, escureceu o sol,
a poeira adensou como cortina.
Ele me pegava nos braços, nas pernas, na cintura,
sem me reter, peixe-piranha, bicho pior, fêmea-ofendida, uivava.
Gritei, gritei, gritei, até a cratera exaurir-se.
Quando não pude mais fiquei rígida,
as mãos na garganta dele, nós dois petrificados,
eu sem tocar o chão. Quando abri os olhos,
as mulheres abriam alas, me tocando, me pedindo graças.
Desde então faço milagres.

Fonte: Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 99.

Um jeito

Meu amor é assim, sem nenhum pudor.
Quando aperta eu grito da janela
— ouve quem estiver passando —
ô fulano, vem depressa.
Tem urgência, medo de encanto quebrado,
é duro como osso duro.
Ideal eu tenho de amar como quem diz coisas:
quero é dormir com você, alisar seu cabelo,
espremer de suas costas as montanhas pequenininhas
de matéria branca. Por hora dou é grito e susto.
Pouca gente gosta.

Fonte: Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 94.

Momento

Enquanto eu fiquei alegre,
permaneceram um bule azul com um descascado no bico,
uma garrafa de pimenta pelo meio,
um latido e um céu limpidíssimo
com recém-feitas estrelas.
Resistiram nos seu lugares, em seus ofícios,
constituindo o mundo pra mim, anteparo
para o que foi um acometimento:
súbito é bom ter um corpo pra rir
e sacudir a cabeça. A vida é mais tempo
alegre do que triste. Melhor é ser.

Fonte: Adélia Prado, *Bagagem*, 2023, p. 46.

ANEXO 2 – Poemas escritos pelos estudantes[7]

Dia de passeio

Maria Isabel
Maria Nice

Acordo de manhã bem cedo
levanto e me arrumo rápido
tomo meu café e estou pronta
chegando lá, brinco e me divirto
depois volto para minha casa e descanso.

Cinema

José Ronaldo
Maria Quitéria

Vamos ao cinema, Ana Luiza?
"Quem me dera", eu disse
Estou cansada, deveríamos ir outro dia
Falei meio ocupada e cansada
Mas com muito orgulho de recusar
Pensei nela, fiquei culpada
Liguei e a chamei
Logo fomos.

[7] Para proporcionar ao leitor uma leitura agradável, optamos por sacrificar a rigidez do texto acadêmico para que a estética pudesse prevalecer no que se refere à disposição dos poemas por inteiro em cada página, sem quebras das estrofes.

O amor oh o amor

José Carlos

É como uma flor de espinhos
onde nos machucamos, mas sentimos um cheiro
o cheiro mais cheiroso que você pode sentir.
Também sente o pesar
de quando a flor murcha e se desmantela
te deixando só.
O amor é como um jardim e um beija-flor
enquanto a flor procura o beija-flor
o beija-flor procura sua flor.

O diferencial de amar

Maria Mercedes
Maria Rita

O amor é uma ilusão
O amor é verdade
O amor é feliz
O amor é triste
Quero te amar
Até o mundo acabar
Feliz ou triste irei te beijar
O amor é lindo
O amor é olho no olho
Pele na pele
O amor não envelhecerá.

O amor...

José Bento
Maria Helena

Amor é sofrimento
Sempre leva à solidão
Amor é fogo, é viciante
Um perigo para meu coração
O amor, felicidade
É onde posso me refugiar
Quando amo, fico burra
Só desejo me entregar
Amor é caos, é calmaria
É incerto e me humilha
Mas ainda assim
É o motivo da minha alegria
É gostoso e dói até sangrar
Mas é tudo que eu mais quero
Eu vivo por amor.

O sempre amor

José Ivan
José Nelson
Maria Celeste
Maria Dolores

O amor é assim
blusa desbotada
chinelo gasto
abraço torto
café requentado
silêncio leve
piada sem graça
É olho no olho
mão suada
graça na rotina
laço vendado

Amor feião

José Diogo
José Paulo

Eu quero amor um pouco feio.
Amor feio, nem se olha para o lado.
Duas vezes encontrado, é igual casamento.
Não se teologa mais.
Amor feio “é magro, doido por sexo!”
e filhos, tem de monte.
Tudo que fala, não faz.
Planta beijos de seis cores ao redor de casa.
E saudade preta e branca.
Da normal e da dobrada.
Amor feio, é bom porque fica velho.
“Cuida do essencial, o que brilha nos olhos” é o céu.
“eu sou homem, você é mulher”
Amor feio, sempre tem ilusão.
Eu quero amor um pouco feio.

Os lados do amor

Maria Flor

Amor é a coisa mais bela
amor é a coisa mais trágica
confortável
momentâneo
como voltar para casa após um dia cansativo.
Amor é a coisa mais bela
mas também a mais trágica
é impetuoso
e machuca como uma faca
me faz querer chorar por tanto amor
e não sou capaz de me controlar.
É o que mais quero na vida.

Fases do amor

Maria Efigênia
Maria Pérola

Amor no início é alegre
Amor no meio é romântico
Amor no final é triste
A melhor sensação é saber que é recíproco
A pior sensação é saber que só um ama
Ele vem com a calmaria e cria memórias
Estar apaixonado é sentir o perfume do amado
E o coração acelerar
O amor nos faz chorar e rir ao mesmo tempo
O amor pode fazer acreditar em coisas falsas
Muitas vezes temos que fugir para não
Se entregar às loucuras do amor e nos
Faz esquecer que não podemos chorar.

O casamento

José Osvaldo

Muitos casamentos são muito tóxicos
Em que ninguém pode fazer as coisas
Como jogar bola ou outras coisas
Outros casais já são tranquilos quanto a isso
São liberais e têm confiança um no outro.
Muitas mulheres ajudam os maridos
Igualmente o marido faz com a mulher
Com comida ou serviço ou outras coisas.
Já outros nem liga um com o outro
Por isso uns dão certo, outros não.
Casamento um tem que ser amoroso
Ajudar um ao outro.

Briga no beco

José Humberto
José Maria

Estava em um bar localizado em um beco
estava me divertindo com alguns amigos
e vi minha namorada com outro rapaz
mas não consegui acreditar
logo fui tirar satisfação com ela e o rapaz
no meio da discussão verbal
ele tentou me acertar um soco
e acertou em cheio
acertei também
e assim continuou uma briga que durou muito!
No final acertei nele outro soco
e vi seus dentes voarem
e o rapaz que era belo não é mais nada

ANEXO 3 – Registro fotográfico das atividades

Fotografia 2: Atividades de leitura

Fonte: próprio autor.

Fotografia 3: Atividades de leitura

Fonte: próprio autor.

Fotografia 4: Atividades de leitura

Fonte: próprio autor.

Fotografia 5: Atividades de escrita

Fonte: próprio autor.

Fotografia 6: Atividades de escrita

Fonte: próprio autor.

Fotografia 7: Atividades de escrita

Fonte: próprio autor.

Fotografia 8: Atividades de escrita

Fonte: próprio autor.

Fotografia 9: Ensaio para a encenação

Fonte: próprio autor.

Fotografia 10: Encenação

Fonte: próprio autor.

Fotografia 11: Encenação

Fonte: próprio autor.

Fotografia 12: Encenação

Fonte: próprio autor.

Fotografia 13: Encenação

Fonte: próprio autor.

Fotografia 14: Encenação

Fonte: próprio autor.

ANEXO 4 – Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **"A teatralidade na poesia de Adélia Prado: uma proposta de trabalho em sala de aula".** Sua participação é importante, porém, você não deve e nem precisa aceitar participar contra a sua vontade. A pesquisa será realizada no ambiente escolar, no período entre 7h e 11h25min., durante os horários das aulas de Língua Portuguesa, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II e contará com a mediação do professor de Língua Portuguesa, Nilson Antônio da Silva, responsável pelo projeto. As atividades propostas na pesquisa serão realizadas na sala de aula e a apresentação no palco em local disponibilizado pela escola em suas dependências. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se tiver dúvidas, qualquer pergunta ao professor Nilson Antônio da Silva.

Neste projeto pretendemos trabalhar a leitura e a encenação de poemas escritos pela poeta Adélia Prado, autora natural e residente na vizinha cidade de Divinópolis. Pretendemos que você e os outros participantes do 9º ano participem ativamente das atividades de leitura dos poemas, assim como da discussão das questões referentes a cada poema lido, as quais serão conduzidas e mediadas pelo professor antes, durante e depois da leitura. Assim, caso você se interesse em fazer parte desse trabalho, irá participar das atividades de leitura e, poderá, ao final da etapa de leituras, também participar do processo de encenação dos poemas. Esclarecemos que a participação na encenação contará com várias e diversas etapas, como a escrita do roteiro a partir dos poemas lidos, a escolha e confecção dos cenários com materiais adequados ao uso escolar os quais serão fornecidos pelo professor, a escolha de roupas para os personagens etc. Esclarecemos, também, que não haverá qualquer forma de pagamento aos participantes da pesquisa.

Como se trata de uma pesquisa, durante a sua realização ressaltamos que poderá haver ou mesmo surgir possíveis riscos de constrangimentos para os participantes porque teremos que fazer o registro das atividades através de anotações, de fotografias e de gravações de ensaios e da apresentação, para que todo esse material anotado, fotografado e gravado possa ser analisado pelo professor quando ele estiver escrevendo a sua dissertação. Por isso, esclarecemos que, durante as etapas da pesquisa, o professor poderá tirar fotografias e gravar os ensaios e a encenação, as quais serão utilizadas somente para análise dos resultados da pesquisa, e não serão divulgadas em redes sociais ou em qualquer outro meio, para que a sua privacidade e o seu anonimato sejam sempre preservados ao longo do projeto e também após a sua finalização.

Mas, para minimizar riscos e para evitar esses possíveis constrangimentos, caso você se interesse em participar, esclarecemos que será respeitada a sua identidade e a sua privacidade, de forma que você não será exposto em redes sociais nem pessoais e nem escolares ou em qualquer outro meio, ou seja, as anotações, fotografias e gravações em vídeo não serão publicadas em redes sociais ou qualquer outro meio fora da escola. Já que estamos falando de riscos, informamos a você que tem até uma resolução que trata sobre esse assunto e que afirma que não existe pesquisa sem riscos. Esclarecemos também que, em caso de danos provenientes da pesquisa, você poderá buscar indenização nos termos da Res.466/12 que, como mencionamos, é a resolução que trata da realização de pesquisas. E lembramos que o contato do CEP, no final deste termo, é apenas para dúvidas éticas. Todas as demais dúvidas sobre a pesquisa serão esclarecidas pelo professor Nilson Antônio da Silva. Esclarecemos ainda que este é um trabalho que pode contribuir muito com o seu aprendizado, auxiliar nas práticas de compreensão e de interpretação de textos, preparando você melhor para o ingresso no Ensino Médio.

Rubricas:

Vale dizer – e isso é muito importante – que todas as informações serão mantidas em sigilo; fora do ambiente escolar, ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não

falaremos a outras pessoas e nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados na dissertação do professor, se você concordar, e sem a sua identificação. Lembre-se de que, caso você aceite participar da pesquisa, mas por algum motivo não quiser continuar, pode desistir sem o menor problema. Basta avisar o professor. E, para que não restem dúvidas, informamos o contato do pesquisador, que é o professor Nilson Antônio da Silva, a quem você poderá contatar para dúvidas gerais e também sobre a pesquisa.

ASSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, aceito participar da pesquisa **"A teatralidade na poesia de Adélia Prado: uma proposta de trabalho em sala de aula"**. Entendi como funcionará a pesquisa. Entendi também que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar com raiva ou chateado comigo. O professor esclareceu minhas dúvidas e conversou com os meus pais (ou responsável). Recebi uma via deste termo de assentimento, li, quero e concordo em participar desse estudo.

Estudante:
E-mail:

_____
Assinatura do participante

Mestrando: Nilson Antônio da Silva
E-mail:

_____
Assinatura do pesquisador

Orientador: Professor Doutor Evaldo Balbino
E-mail:

_____
Assinatura do orientador responsável

Santo Antônio do Monte, _____de _____de 2024.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:	
Pesquisador Responsável: Nilson Antônio da Silva	Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (CEP/UFMG)
Endereço: **CEP:** **Telefone:** **E-mail:**	**Endereço:** Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha – Unidade Administrativa II – 2º Andar – Sala: 2005 Belo Horizonte / MG. **CEP**: 31270-901 **Telefone:** (031) 3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

ANEXO 5 – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **"A teatralidade na poesia de Adélia Prado: uma proposta de trabalho em sala de aula"**. A participação do(a) estudante é importante, porém, ele(a) não deve e nem precisa aceitar participar contra a vontade. A pesquisa será realizada no ambiente escolar, no período entre 7h e 11h25min., durante os horários das aulas de Língua Portuguesa, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II e contará com a mediação do professor de Língua Portuguesa, Nilson Antônio da Silva, responsável pelo projeto. As atividades propostas na pesquisa serão realizadas na sala de aula e a apresentação no palco em local disponibilizado pela escola em suas dependências. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se tiver dúvidas, qualquer pergunta ao professor Nilson Antônio da Silva.

Neste projeto pretendemos trabalhar a leitura e a encenação de poemas escritos pela poeta Adélia Prado, autora natural e residente na vizinha cidade de Divinópolis. Pretendemos que você e os outros participantes do 9º ano participem ativamente das atividades de leitura dos poemas, assim como da discussão das questões referentes a cada poema lido, as quais serão conduzidas e mediadas pelo professor antes, durante e depois da leitura. Assim, caso seja interesse do(a) estudante em fazer parte desse trabalho, ele(a) irá participar das atividades de leitura e, poderá, ao final da etapa de leituras, também participar do processo de encenação dos poemas. Esclarecemos que a participação na encenação contará com várias e diversas etapas, como a escrita do roteiro a partir dos poemas lidos, a escolha e confecção dos cenários com materiais adequados ao uso escolar os quais serão fornecidos pelo professor, a escolha de roupas para os personagens etc. Esclarecemos, também, que não haverá qualquer forma de pagamento aos participantes da pesquisa.

Como se trata de uma pesquisa, durante a sua realização ressaltamos que poderá haver ou mesmo surgir possíveis riscos de constrangimentos para os participantes porque teremos que fazer o registro das atividades através de anotações, de fotografias e de gravações de ensaios e da apresentação, para que todo esse material anotado, fotografado e gravado possa ser analisado pelo professor quando ele estiver escrevendo a sua dissertação. Por isso, esclarecemos que, durante as etapas da pesquisa, o professor poderá tirar fotografias e gravar os ensaios e a encenação, as quais serão utilizadas somente para análise dos resultados da pesquisa, e não serão divulgadas em redes sociais ou em qualquer outro meio, para que a privacidade e o anonimato do(a) estudante sejam sempre preservados ao longo do projeto e também após a sua finalização.

Mas, para minimizar riscos e para evitar esses possíveis constrangimentos, caso o(a) estudante se interesse em participar, esclarecemos que será respeitada a identidade dele(a) e a sua privacidade, de forma que ele(a) não será exposto em redes sociais nem pessoais e nem escolares ou em qualquer outro meio, ou seja, as anotações, fotografias e gravações em vídeo não serão publicadas em redes sociais ou qualquer outro meio fora da escola. Já que estamos falando de riscos, informamos a você que tem até uma resolução que trata sobre esse assunto e que afirma que não existe pesquisa sem riscos. Esclarecemos também que, em caso de danos provenientes da pesquisa, o(a) estudante poderá buscar indenização nos termos da Res.466/12 que, como mencionamos, é a resolução que trata da realização de pesquisas. E lembramos que o contato do CEP, no final deste termo, é apenas para dúvidas éticas. Todas as demais dúvidas sobre a pesquisa serão esclarecidas pelo professor Nilson Antônio da Silva. Esclarecemos ainda que este é um trabalho que pode contribuir muito com o aprendizado do(a) estudante, auxiliá-lo(a) nas práticas de compreensão e de interpretação de textos, preparando-o(a) melhor para o ingresso no Ensino Médio.

Rubricas:

Vale dizer – e isso é muito importante – que todas as informações serão mantidas em sigilo; fora do ambiente escolar, ninguém saberá que o(a) estudante está participando da

pesquisa; não falaremos a outras pessoas e nem daremos a estranhos as informações que ele(a) nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados na dissertação do professor, se o(a) estudante concordar, e sem a identificação dele(a). Lembre-se de que, caso ele(a) aceite participar da pesquisa, mas por algum motivo não quiser continuar, pode desistir sem o menor problema. Basta avisar o professor. E, para que não restem dúvidas, informamos o contato do pesquisador, que é o professor Nilson Antônio da Silva, a quem você e o(a) estudante poderão contatar para dúvidas gerais e também sobre a pesquisa.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, portador do Documento de Identidade:_____, responsável pelo(a) estudante(a), _____, autorizo a sua participação na pesquisa **"A teatralidade na poesia de Adélia Prado: uma proposta de trabalho em sala de aula"**. Entendi como funcionará a pesquisa. Entendi também que o(a) aluno(a) pode dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, pode dizer "não" e desistir e que ninguém vai ficar com raiva ou chateado com ele(a). Este documento esclareceu minhas dúvidas e sei que posso recorrer ao professor, na escola, para maiores esclarecimentos, se houver necessidade. Recebi uma via deste termo de consentimento, li, concordo e permito que o(a) estudante pelo(a) qual sou responsável participe deste estudo.

Responsável:
E-mail:

_____
Assinatura do responsável

Mestrando: Nilson Antônio da Silva
E-mail:

_____
Assinatura do pesquisador

Orientador: Professor Doutor Evaldo Balbino
E-mail:

_____
Assinatura do orientador responsável

Santo Antônio do Monte, _____de _____de 2024.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:	
Pesquisador Responsável: Nilson Antônio da Silva	Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (CEP/UFMG)
Endereço: **CEP:** **Telefone:** **E-mail:**	**Endereço:** Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha – Unidade Administrativa II – 2º Andar – Sala: 2005 Belo Horizonte / MG. **CEP**: 31270-901 **Telefone:** (031) 3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

ANEXO 6 – Carta de Anuência

ESCOLA ESTADUAL "DR. ÁLVARO BRANDÃO"– R.0.3.5.B.3
Criada pela Lei 3.770 de 15/12/65
Rua Padre José Batista, 145 - Centro - Santo Antônio do Monte - MG
Telefone: (37) 3281-1004
E-mail: escola.35556@educacao.mg.gov.br

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos, para os devidos fins, que autorizamos o pesquisador Nilson Antônio da Silva a desenvolver o seu projeto de pesquisa "**A teatralidade na poesia de Adélia Prado: uma proposta de trabalho em sala de aula"**, que está sob a coordenação/orientação do Professor Doutor Evaldo Balbino, cujo objetivo é trabalhar a leitura e a encenação de poemas de Adélia Prado.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento, por parte do pesquisador, dos requisitos da Resolução 196/96 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados, o pesquisador deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Santo Antônio do Monte, em 10 / 04 / 2024.

Renata Pereira da Silva Gonçalves Bento
Nome/assinatura e **carimbo** do responsável onde a pesquisa será realizada

Renata Pereira S. G. Bento
Diretora - MASP 977.598-2
Ato nº 02 - MG 02/01/2023